AS PLANTAS MÁGICAS

BOTÂNICA OCULTA

PARACELSO



HEMUS

PARACELSO

AS PLANTAS MÁGICAS

BOTÂNICA OCULTA

Tradução de ATTÍLIO CANCIAN

Supervisão de MAXIM BEHAR

HEMUS — LIVRARIA EDITORA LTDA.

AS PLANTAS MÁGICAS
(BOTÂNICA OCULTA) Paracelso

Copyright 1976 by Hemus.

Direitos para a língua portuguesa adquiridos pela
HEMUS — Livraria Editora Ltda.
que se reserva a propriedade literária desta publicação.

Capa de Décio Guedes

hemus livraria editora limitada
O151O-rua da glória. 312 liberdade
fone 279-9911 pbx
caixa postal 9686 são paulo

Composição: Carlos Antonio Lauand Rua Coronel Lisboa, 432 - S.Paulo

Impresso no Brasil Printed in Brazil



PARACELSO

(Felipe Aureolo Teofrasto Bombasto de Hohenheim)

Antes de iniciar nosso pequeno tratado de Botânica Oculta — ou seja, o estudo das plantas mágicas — baseado nas teorias do magno Paracelso, do divino Paracelso, conforme muitos o chamam, pedimos vênia para traçar, ainda que em largas pinceladas, o perfil do famoso alquimista, do célebre médico revolucionário.

Este homem genial, uma das figuras mais proeminentes que surgiram nos albores da Renascença, nasceu em Einsiedeln[1] no dia 10 de novembro de 1493. Na pia batismal recebeu o nome de Teofrasto, em memória do pensador grego Teofrasto Tírtamo, de Éreso, por quem o doutor Hohenheim, pai do nosso biografado, nutria profunda admiração.

O nome de Felipe lhe foi acrescentado, sem dúvida, posteriormente, pois é certo que Paracelso jamais fez uso do mesmo; a alcunha de Aureolus deve ter sido dada por seus admiradores nos últimos anos de sua vida, de vez que até 1538 não o encontramos em nenhum documento relacionado com sua pessoa. Quanto ao nome famoso de Paracelso, existe a opinião de que o mesmo foi dado por seu pai quando ainda jovem, querendo com isto demonstrar que na ocasião já era mais sábio do que Celso, médico célebre contemporâneo do imperador Augusto e autor de um livro de medicina muito mais avançado de quantos havia em sua época.

Já a partir do ano de 1510 ficou conhecido pelo nome de Paracelso e, embora muito raramente o incluísse em sua assinatura, é certo que o estampou em suas grandes obras filosóficas e religiosas; do mesmo modo seus discípulos o chamavam de Paracelso, nome que sempre apareceu nas controvérsias e nos ataques injuriosos de que foi vítima.

INFÂNCIA DE PARACELSO

Paracelso era uma criança baixinha, doentia e com tendência ao raquitismo, razão por que exigia os cuidados mais esmerados, que lhe eram dispensados pelo seu próprio pai, que nutria por ele uma afeição muito grande. O Dr. Hohenheim atribuía uma importância extraordinária aos efeitos salutares do ar livre respirado em plena natureza; por isso, quando o rapaz estava já crescido, fez dele seu companheiro de excursões, conseguindo desta maneira robustecer-lhe o corpo e enriquecer-lhe o espírito.

Foi nessas andanças que Paracelso aprendeu os nomes e as virtudes das ervas e plantas

medicinais bem como os diversos modos de usá-las; conheceu os venenos e seus antídotos da mesma forma que a arte de preparar toda espécie de poções medicinais.

Nessa época, na Europa a Farmácia não era ainda reconhecida, ao contrário do que se dava na China, no Egito, na Judéia e na Grécia, milhares de anos antes da era cristã. Com efeito, a primeira farmacopeia pertence a Nuremberga e data de 1542, o ano seguinte à morte de Paracelso. Por conseguinte, pode-se afirmar que a maioria das ervas medicinais, que se receitam em nossos dias, já era conhecida na Idade Média e os religiosos as cultivavam com todo cuidado e ciosamente nos jardins dos seus conventos; é por isso que foram conservados até hoje alguns conhecimentos a respeito dos seus usos.

Nas pradarias e bosques próximos ao Rio Sihl, onde existem pântanos em grande quantidade, as sucessivas estações fazem florescer e frutificar grande número de plantas. Nos prados crescem a gerenciana, a margarida, a salva, a anêmona, a camomila, a borragem, a angélica, o funcho, o cominho e a dormideira. Nos bosques abundam as celgas, a aspérula, a beladona, a datura, a violeta e as gramíneas silvestres. Nas ribanceiras, nos declives das grandes elevações de terreno e pelas estradas se encontram a campânula, a dedaleira, a chicória, a centáurea, a verônica, a menta, o tomilho, a verbena, a salsaparrilha, os líquenes, a erva-de-são-joão, a tormentilha, a tanchagem e a aveleira silvestre. Nos terrenos lodosos colhem-se as prímulas com manchas de cor malva e violeta, os miosótis, as plantas vulnerárias, os fetos e o rabo-de-cavalo. E nos páramos, a urze, a rosa-dos-alpes, a garança-do-levante, a saxífraga, a luzerna, a pírola e toda espécie de sementes.

Das próprias memórias de Paracelso se deduz que seu pai foi seu primeiro mestre de latim, de botânica, de alquimia, de medicina, de cirurgia e de teologia; mas nele atua-ram outras influências de educação, que o doutor Hohe-nheim não pôde infundir. Estas influências foram devidas ao espírito irrequieto da época, da nova era que estava sendo preparada.

Cumpre-nos verificar, agora, como foi que esta manifestação de sua época teve relação com o audaz investigador da Natureza e da Medicina, entre a multidão que continuava apegada ferrenhamente aos métodos filosóficos e às crenças religiosas da Idade Média; cumpre-nos ver como foi que sua inteligência vivaz compreendeu que os velhos ensinamentos estavam fadados a desaparecer e a passar por uma renovação, como todas as demais coisas.

Indiscutivelmente, foi o espírito da Renascença que deu a Paracelso o grande impulso rumo à indução científica e ao método experimental. O encontro deste espírito científico com as correntes espirituais da Reforma, com sua influência sobre a alma dos homens, graças realmente a Lutero, nos fornecerá a explicação da formação de sua personalidade, aparentemente contraditória.

As teorias em voga vinham sendo propagadas ativa-mente já muito tempo antes de Lutero. Duzentos e cincoen-ta anos antes uma alma solitária, Rogério Bacon, teve uma visão que iluminou as trevas acumuladas por quinze séculos de ignorância e descobriu a chave do divino tesouro da Natureza.

Em 1483 nasceu Lutero; dez anos depois, Paracelso; em 1510 veio à luz o famoso médico e filósofo milanês, Jerônimo Cardano, e em 1 517 nascia o celebérrimo cirurgião Ambrósio Pare. Copérnico, o astrônomo revolucionário, e Pico de Ia Mirándola, foram contemporâneos desta plêiade ilustre. Tudo eclodiu de uma só vez; nova concepção religiosa, nova filosofia, novas ciências, a par de uma grande renovação no mundo da arte.

INICIAÇÃO DE PARACELSO

Ainda muito jovem, Paracelso foi enviado à famosa escola dos beneditinos do mosteiro de Santo

André, no Lavantal, a fim de lhe ser ministrada a instrução religiosa. Foi aqui que ele se tornou amigo do bispo Eberhard Baum-gartner, que era considerado um dos alquimistas mais notáveis de seu tempo. Tamanho foi o ardor com que Paracelso se dedicou aos seus trabalhos de laboratório, tanta a sua força de observação nos fenômenos que estudava, que imediatamente se viu em condições insuperáveis para começar a executar um trabalho que se antecipava ao seu século. Além disso, teve a dita de contar com o clima da Caríntia que favoreceu grandemente seu desenvolvimento físico, logrando com isto desfrutar duma saúde quase perfeita.

Logo depois transferiu-se Paracelso para Basileia, onde fez grandes progressos no estudo das Ciências Ocultas. Naqueles tempos era impossível dedicar-se à medicina sem conhecer profundamente a astrologia. A ciência experimental estava ainda por nascer. Todos os conhecimentos que se adquiriam nos colégios ou conventos eram puramente dogmáticos: seus ensinamentos eram conservados respeitosamente durante muitos séculos.

O misticismo e a magia conviviam com as teorias mais antagônicas e os homens mais célebres lhes rendiam homenagem. William Howitt, um médico notável, escreveu as seguintes palavras: "O verdadeiro misticismo consiste na relação direta entre a inteligência humana e a de Deus. O falso misticismo não procura a verdadeira comunhão entre Deus e o homem. O espírito absorto em Deus está protegido contra todo ataque. A mente que repousa em Deus aclara a inteligência".

Este foi o misticismo que Paracelso se esforçou por adquirir: a união de sua alma com o Espírito Divino, a fim de poder conceber o funcionamento deste Espírito Universal dentro da Natureza.

Quando partiu para Basiléia já tinha adquirido a prática das operações cirúrgicas, ajudando seu pai no tratamento de feridos. Em seus Livros e Escritos de Cirurgia nos relata que teve os melhores mestres em dita ciência e que havia lido e meditado os textos dos homens mais célebres, tanto da atualidade como do passado.

Pouco se sabe da estadia de Paracelso em Basiléia; consta unicamente que sua passagem por lá se deu em 1510. Na ocasião a Universidade era dirigida pelos escolásticos e pedantes da época.

Paracelso percebeu subitamente que nada sairia ganhando com os ensinamentos estúpidos daqueles doutores. "O pó e as cinzas respeitados por estes espíritos estéreis" - escreve ele - "haviam-se preparado e transformado em matéria importante".

Paracelso renunciou altaneiramente a terçar armas numa luta com aqueles sábios, guardiães petrificados da ciência oficial. O que ele queria era a verdade e não a pedan-teria; a ordem e não a confusão; a experiência científica e não o empirismo.

Segundo sua própria declaração pública, Paracelso lera as obras manuscritas do abade Tritêmio, que figuravam na valiosa biblioteca de seu pai, e tão embevecido se sentiu por elas que resolveu transferir-se para WCirzburg, lugar onde o sábio abade se mantinha em contato com seus dis-cfpulos.

Tritêmio ou Tritemius — era assim que se chamava esse abade, por causa do lugar de seu nascimento, que foi Treitenheim, perto de Trier. Mas seu verdadeiro nome era João Heindemberg. Quando ainda muito jovem já era célebre por sua sabedoria; com a idade de vinte e um anos foi eleito abade de Sponheim. Em 1506 foi designado para o convento de São Jaime, perto de Wurzburg, onde morreu em dezembro de 1516.

Afirmava ele que as forças, secretas da Natureza estavam confiadas a seres espirituais. Grande era o número de seus discípulos e os que julgava dignos, admitia-os em seu laboratório, onde se manipulava toda espécie de experiências de alquimia e de magia.

Conforme dissemos, Paracelso empreendeu sua grande viagem a Wurzburg. Na ocasião estava algo mais robusto, embora sua compleição continuasse franzina. Quando se fixou na referida cidade, o abade Tritêmio era considerado um bruxo perigoso pela gente ignorante. Penetrara ele certos

mistérios da Natureza e do mundo espiritual; deu casualmente com alguns fenômenos raros que hoje em dia chamamos de magnetismo e telepatia.

Em certas experiências psíquicas obteve êxitos surpreendentes; talvez tenha sido ele o primeiro que nos falou da transmissão do pensamento à distância. Devem-se a ele os primeiros ensaios da criptografia ou escrita secreta. Era também um grande conhecedor da Cabala, por meio da qual fornecera profundas interpretações das passagens proféticas e místicas da Bíblia. Por isso colocava as Sagradas Escrituras acima de todos os estudos; seus alunos tinham que dedicar-lhes toda sua atenção e todo seu amor.

Com isto, Paracelso ficou influído por todo o resto de sua vida, de vez que o estudo da Bíblia constituiu posteriormente uma das tarefas que o ocuparam com mais intensidade. Em seus escritos encontramos o testemunho do seu conhecimento perfeito da linguagem e do profundo significado esotérico do Magno Livro.

Embora seja fato inconteste que estudou as Ciências Ocultas com o abade Tritêmio, chegando a conhecer as forças misteriosas do mundo visível e invisível, não é menos certo que abandonou de repente certas práticas mágicas, por julgá-las indignas e contrárias à divina vontade. Tinha aversão, sobretudo, à necromancia praticada por homens pouco escrupulosos, convencido de que por meio dela só se atraíam forças maléficas. Recusou, igualmente, todo ganho pessoal que pudesse auferir do exercício da magia, pois esta, segundo pensamento dele, só era permitida quando visasse curar desinteressadamente ou fazer outro bem qualquer a nossos semelhantes.

Foi com este intuito que se lançou às investigações e experiências de magia divina. Discernia perfeitamente o alimento mental e espiritual daquele que era impróprio e enganoso, para conseguir a união de sua alma com a divindade.

Curar os homens conforme Cristo fizera — nisto consistia todo o seu desejo ardente. E quem sabe se a própria comunhão com o Senhor não o credenciaria com este poder sublime? Entrementes, recebia de Deus a graça de saber procurar e encontrar todos os meios de cura com os quais o Criador provera a Natureza.

PARACELSO, MÉDICO E ALQUIMISTA

Como dissemos anteriormente, Paracelso entregou-se com um ardor e entusiasmo sem limites ao estudo profundo da Alquimia. "A Alquimia" — diz nosso biografado — "não visa exclusivamente obter a pedra filosofal; a finalidade da Ciência Hermética consiste em produzir essências soberanas e empregá-las devidamente na cura das doenças".

Contudo, não pôde fugir à preocupação dominante da época e durante algum tempo se ocupou também daquelas práticas alquímicas que ensinam a transformar em ouro os metais "impuros".

De acordo com alguns autores, saiu triunfante em seu magno cometimento e, depois que satisfez a sua curiosidade, não prosseguiu em sua obra, pois outro fim não perseguia senão a evidência de certas doutrinas, para poder falar delas com plena convicção, condição que ele acreditava, com toda certeza, indispensável.

Ao falarem dele como alquimista, os biógrafos de Paracelso colocam-no na categoria mais elevada. Todos afirmam unanimemente que era dotado de um poder escrutinador que lhe permitia penetrar o próprio espírito das coisas da Natureza.

Peter Romus escreve: "Paracelso penetra os recônditos mais profundos da Natureza, explora-os e, através de suas formas, sabe ver a influência dos metais, com uma penetração tão sagaz, que chega a extrair deles novos remédios".

Melchor Adam, um dos biógrafos de Paracelso que mais estudou sua personalidade do ponto de vista científico, declarou: "No que se refere à filosofia hermética, tão árdua e tão misteriosa, ninguém o igualou".

Abandonou ou, para nos expressarmos melhor, rejeitou o estudo da Crisopéia ou seja a arte de "fazer ouro", porque isto repugnava a seu espírito nobre e desinteressado; mas, aproveitou grande número de práticas alquímicas que, a seu critério, podiam ser desenvolvidas e aplicadas à Medicina. Estava convencido de que quase todos os minerais submetidos à análise podiam revelar-nos grandes segredos curativos e vivificantes e levar a novas combinações perfeitamente eficazes para certas doenças mentais ou físicas. Como base própria da divina criação, observou com atenção que toda substância dotada da vida orgânica, embora aparentemente inerte, encerrava grande variedade de potência curativa.

Ao contrário do que faziam seus contemporâneos, não qualificava de divina a Alquimia, cujo único objetivo era fabricar ouro. Para ele, os fogos do fornilho crisopéico tinham outras grandes utilidades e aqueles que atuavam sob a divina intuição logo se transformavam em fogos purificadores em benefício da humanidade.

Vejamos, agora, algo sobre a bibliografia de Paracelso, que foi muito vasta. Hoje em dia são pagos a peso de ouro os livros deste homem genial, principalmente suas primeiras edições. Todas as suas obras originais foram diversas vezes reeditadas e traduzidas, por sua vez, em todos os idiomas cultos. Não pretendemos, pois, nem sequer fazer um resumo de sua prolixa produção; limitar-nos-emos a citar algumas das obras menos conhecidas:

Opera Omnia Medico-Chirurgica tribus voluminibus comprehensa. Genebra, 1658. Três volumes in-fólio.

Nesta obra está reunido quase todo o seu labor. Índice: Volume I: Tratados médico, patológico e terapêutico ocultos. Mistérios magnéticos. Volume II: Obras mágicas, filosóficas, cabalísticas, astrológicas e alquímicas. Volume III: Anatomia e cirurgia propriamente ditas.

Arcanum Arcanorum seu Magisterium Philosophorum. Leipzig, 1686. Um volume in-8º.

Também esta obra é interessantíssima, por tratar extensamente das Ciências Ocultas. Foi reeditada em Frankfurt, em 1770.

Disputationum de Medicina Nova Philippi Paracelsi. Pars prin in qua quias de remediis superstitionis et magicis curationibus ille prodidit, proecipue examinantur a Thoma Erasto, medicina schola Heydelbergenti professore ad ilustris, principium. Liber omnibus quarumeunq; artium et scientiarum studiosis opprime cum necessarius tum utilis. Basileae apud Petrum Perna, sem ano (1536). Um volume in 4º.

Além de seu alto valor científico, esta obra desperta um interesse muito grande porque nela se encontra a luta travada com Tomás Erasto, o inimigo mais temível de Paracelso.

Limitamo-nos a citar apenas estas três obras em latim por julgarmos que com elas se pode formar um juízo perfeito do célebre médico, encarado sob todos os pontos de vista.

São muitíssimo mais numerosas as obras que publicou em latim e alemão. Também as suas traduções são numerosas.

O Manuel Bibliographique des sciences psichiques, de Alberto L. Caillet, cita mais de trinta títulos e se deve levar em conta que referida bibliografia data de 1913. Temos conhecimento de muitas reimpressões posteriores a dita data. Entre estas últimas citaremos a seguinte, por considerá-la muito interessante:

Paracelse (Théophraste): Les sept Livres de /'Archidoxe Magique, traduits pour Ia première fois

en français, texte latin en regard. Paris, 1929. Um volume in-4º.

Contém numerosos segredos e talismãs preciosos contra a maior parte das doenças, para conseguir uma vida sem inquietudes; sobre a vida dupla, etc.

As obras de Paracelso, como todas as que tratavam de ciências ocultas — astrologia, magia, alquimia, etc. — contêm algumas frases obscuras que somente os iniciados conheciam em todo o seu valor. Os alquimistas velavam, principalmente, seus segredos por meio de símbolos e frases alegóricas, a que os leigos no assunto atribuíam as mais grotescas interpretações, quando os tomavam ao pé da letra. Iniciado que fora pelo abade Tritêmio, Paracelso adotou sua terminologia, acrescentando, por seu arbítrio, termos originários ora da índia ora do Egito.

No glossário de Paracelso vemos que o princípio da sabedoria se chama Adrop e Azane, que corresponde a uma tradução esotérica da pedra filosofal. Azoth é o princípio criador da Natureza ou a força vital espiritualizada. Cherio é a quintessência de um corpo, seja ele animal, vegetal ou mineral; é o seu quinto princípio ou potência. Derses é o sopro oculto da Terra que ativa seu desenvolvimento. Ilech Primum é a Força Primordial ou Causal. Magia é a sabedoria, é o emprego consciente das forças espirituais, que visa a obtenção de fenômenos visíveis ou tangíveis, reais ou ilusórios; é o uso benfeitor do poder da vontade, do amor e da imaginação; representa a força mais poderosa do espírito humano empregada em prol do bem. Magia não é bruxaria.

Poderíamos encher páginas e mais páginas, citando termos do glossário de Paracelso e dos alquimistas em geral, porém julgamos que são suficientes os que transcrevemos para dar uma idéia do caráter oculto de sua terminologia.

A chave, contudo, dessa linguagem misteriosa não se perdeu. Foi guardada zelosamente pelos cabalistas e transmitida oralmente entre os iniciados. Atualmente, os possuidores de dita chave são os chamados martinistas e os rosa-cruzenses.

Graças a ela, o sistema filosófico-religioso[2] de Paracelso pôde ser recuperado em toda a sua integridade.

Observamos que ele estabeleceu uma divisão dos elementos a serem estudados nos corpos animais, vegetais ou minerais. Dividiu-os em Fogo, Ar, Água e Terra, conforme tinham procedido também os antigos. Estes elementos se acham presentes em todo corpo, seja ele organizado ou não, e separáveis uns dos outros. Para efetuar a separação eram indispensáveis os laboratórios com material adequado. O fornilho era insuficiente; carecia-se de um fogo capaz de tornar vermelho vivo o crisol para aumentar constante-mente o calor quando se tornasse necessário. Necessitava-se de uma contínua provisão de água, de areia, de limalhas de ferro a fim de aquecer gradativamente os fornilhos. Nos armários e mesas dos laboratórios havia balanças perfeitamente aferidas e niveladas, almofarizes, alambiques, retortas, cadinhos, esmaltados, vasos graduados, grande quantidade de vasilhas de cristal, etc. além de um alambique especial para realizar as destilações.

Com um laboratório bem equipado, o alquimista capaz de aplicar-se rigorosamente, exercido na minuciosa observação das regras alquímicas, está em condições de verificar as diferentes operações indispensáveis para analisar as substâncias escolhidas e extrair delas a quintessência ou o Arcana, isto é, as propriedades intrínsecas dos minerais e vegetais.

As vezes infinitesimal em quantidade até nos grandes corpos, a quintessência afeta, contudo, a massa em todas as suas partes, da mesma forma que uma única gota de bílis produz o mau humor ou uns centigramas de açafrão são suficientes para colorir uma grande quantidade de água.

Os metais, as pedras e suas variedades trazem em si mesmos a sua quintessência, o mesmo que os corpos orgânicos e, embora sejam considerados sem vida, possuem essências de corpos que viveram.

Estamos aqui diante duma notável afirmação, que Paracelso sustenta com sua teoria de transmutação dos metais em substâncias diversas, teoria que também os ocultistas modernos defendem.

Que clarividência possuía este homem a respeito do reino mineral! Ninguém poderá negar a Paracelso o título verdadeiro de sábio, pois ele, com suas investigações sutis, soube arrancar os mais recônditos segredos da Natureza, que hoje em dia, sem dúvida, a ciência explica melhor, graças a descobrimentos de observadores que dispõem de maiores meios científicos, como demonstraram Madame Curie e seus colaboradores. Quando examinamos o novo sistema de filosofia natural desenvolvido por Paracelso, não devemos esquecer que já transcorreram quatro séculos desde o seu aparecimento. Na realidade, foi ele quem concebeu ditas investigações, inspirando com elas os grandes luminares de sua época e das gerações que se seguiram[3].

Suas análises eram efetuadas por meio de diferentes processos: pelo fogo, pelo vitríolo, pelo vinagre e pela destilação lenta; suas investigações principais ocuparam-se das propriedades curativas dos metais, antecipando-se ao que hoje chamamos de metaloterapia; contou com a colaboração do famoso bispo Erhard de Lavanthall, o qual incluiu no número dos seus mestres. O bismuto foi uma das substâncias que analisou com preferência, classificando-o de semi-metal; e foi certamente em virtude de dita substância, que previu a existência das propriedades ativas dos minerais, que surgiram os processos da transmutação. Descobriu igualmente o reino, que classificou também de semimetal, constituindo-se numa das numerosas contribuições que trouxe à farmácia.

Entre estas contribuições temos preparações de ferro, de antimônio, de mercúrio e de chumbo. O enxofre e o ácido sulfúrico foram objeto de interesse e práticas especiais, representando para o seu espírito uma substância fundamental, de vez que materializava a volatilidade. Realizou investigações sobre amálgamas com o mercúrio e com o cobre, sobre o alúmen e seus usos e sobre os gases produzidos pela solução e pela calcinação. Considerava como indestrutível e secreta parte de uma substância aquilo que permanecia em estado de cinza, devido à calcinação: seu sal, incorruptível. É o cª sal sidérico dos alquimistas.

Estas investigações culminaram em sua Teoria das Três Substâncias, bases necessárias a todos os corpos, a que ele chamou de enxofre, mercúrio, sal, em sua linguagem cifrada.

O enxofre significa o fogo; o mercúrio, a água; o sal, a terra. Ou, de outra maneira: a volatilidade, a fluidez, a solidez. Omitiu o ar por considerá-lo produto do fogo e da água. Todos os corpos, orgânicos ou minerais: homem ou metal:ferro, diamante ou planta constituíam, segundo ele, combinações variadas desses elementos fundamentais. Seu ensinamento sobre a base e as qualidades da matéria se cinge a essa Teoria dos Três Princípios, que considerava como premissas de toda atividade os limites de toda análise e a parte constitutiva de todos os corpos. São eles a alma, o corpo e o espírito de toda matéria, que é única. A potência criadora da Natureza, que ele denominou Archeus, proporciona à matéria uma infinidade de formas, contendo cada uma delas seu álcool, ou seja sua alma animal e, por seu turno, seu Ares, ou seja seu caráter específico. Além disso, o homem possui o Aluech, ou seja a parte puramente espiritual.

Esta força criadora da Natureza é um espírito invisível e sublime: é como um artista e artesão que se compraz, variando os tipos e reproduzindo-os. Paracelso adotou os termos Macrocosmo e Microcosmo para expressar o grande mundo (Universo) e o pequeno mundo (o Homem), os quais considera reflexo um do outro.

Além das investigações supracitadas, descobriu o cloreto, o ópio, o sulfato de mercúrio, o calomelano e a flor de enxofre. Em fins do século passado receitava-se ainda às crianças um laxante composto de xarope de morangueiro e uns pós cinzentos, constituindo remédio excelente devido à

terapêutica de Paracelso) da mesma forma que o unguento de zinco, que nunca deixou de ser receitado, tem sua origem no laboratório paracelsiano. De igual modo, foi ele o primeiro a utilizar o mercúrio e, para certas doenças de-pauperantes, o láudano.

Paracelso escrevia com uma clareza meridiana. Somente em seus escritos sobre alquimia se acham certas frases enigmáticas, como acontece com todos os demais autores que tratam de dita matéria. Em seu estilo não se vê nenhuma complicação, nada daquela verbosidade empolada e torturada própria da Renascença. Sua frase é contundente e expressa-se como homem convencido de que conhece a fundo o assunto de que trata. Em algumas de suas obras deparamos com a breve e fecunda expressão de um clarividente e seus pensamentos aparecem revestidos de uma linguagem que os coloca à altura dos aforismos que perduram através dos séculos.

"A Fé — diz ele — é uma estrela luminosa que guia o investigador através dos segredos da Natureza. É preciso que busqueis vosso ponto de apoio em Deus e que coloqueis a vossa confiança num credo divino, forte e puro; aproximai-vos Dele de todo o coração, cheios de amor e desinteressadamente. Se possuirdes esta fé, Deus não vos esconderá a verdade, mas, pelo contrário, vos revelará suas obras de maneira visível e consoladora. A fé nas coisas da terra deve sustentar-se por meio das Sagradas Escrituras e pelo Verbo de Cristo, única maneira de repousar sobre uma base firme."

Em nenhum outro dos seus escritos se observa a precisão de estilo que predomina em sua tese sobre os 'Três Princípios", suas formas e seus efeitos. Um pequeno excerto pode dar uma idéia mais aproximada de sua concepção do que muitas páginas descritivas.

O livro foi editado em Basiléia, em 1563, por Adam de Bodenstein, o qual em seu prólogo diz que Paracelso fora indignamente caluniado e que muitos médicos que lhe denegriam o nome se haviam aproveitado de suas descobertas e roubaram-lhe muitas de suas idéias.

Neste pequeno volume, Paracelso começa com uma exposição de sua teoria dos Três Princípios; sustenta que cada substância ou matéria em crescimento é constituída de Sal, Enxofre e Mercúrio; a força vital consiste na união dos três princípios; existe, portanto, uma ação tríplice, sempre atuante para cada corpo: a ação da purificação por meio do sal, a da dissolução ou consumação pelo enxofre e a da eliminação pelo mercúrio.

O sal é um alcalino; o enxofre, um azeite; o mercúrio, um licor (a água), mas cada uma das matérias possui sua ação separadamente das outras. Nas doenças de certa complicação, as curas mistas são indispensáveis.

Deve-se ter o maior cuidado no exame de cada doença: identificar se é simples, de duas espécies ou tríplice; se é oriunda do sal, do enxofre ou do mercúrio e que quantidade contém de cada elemento ou de todos; qual a sua relação com a parte adjacente do corpo, a fim de saber se convém extrair dela o álcali, o azeite ou o licor; em resumo, o médico deve procurar não confundir duas doenças.

"A Virtude — acrescenta Paracelso — é a quarta coluna do templo da Medicina e não há de fingir; significa o poder que resulta do fato de ser um homem na verdadeira acepção da palavra e de possuir não somente as teorias relativas ao tratamento da doença, mas igualmente o poder de curá-las".

Da mesma forma que o verdadeiro sacerdote, o verdadeiro médico é ordenado por Deus. Com respeito a isto assim se expressa Paracelso:

"Aquele que pode curar doenças é médico. Nem os imperadores, nem os papas, nem os colegas, nem as escolas superiores podem criar médicos. Podem outorgar privilégios e fazer com que uma pessoa, que não é médico, aparentemente o seja; podem conceder-lhe licença para matar, mas não podem dar-lhe o poder de curar; não podem fazer dessa pessoa um médico verdadeiro, se já não foi

ordenada por Deus .

"O verdadeiro médico não se jactancia de sua habilidade nem elogia suas medicinas, nem procura monopolizar o direito de explorar o enfermo, pois sabe que é a obra que há de louvar o mestre e não o mestre a obra.

"Há um conhecimento que deriva do homem e outro que deriva de Deus por meio da luz da Natureza. Quem não nasceu para ser médico, nunca o será. O médico deve ser leal e caritativo. O egoísta muito pouco fará em favor dos seus enfermos. É muito útil a um médico conhecer as experiências dos demais, mas toda ciência de um livro não é suficiente para tornar um médico, a menos que seja por natureza. Somente Deus dá a sabedoria médica"[4].

No capítulo II descreve as três maneiras como o sal limpa e purga o corpo diariamente pela vontade do Archeus ou a força vivificante, inerente a cada órgão. No mundo dos elementos há várias espécies de álcalis, como a cássia, que é doce; o sal-gema, que é acre; o acetado de estanho, que é azedo; a colocíntida, que é amarga. Determinados álcalis são naturais enquanto que outros são extratos; e outros ainda se acham coagulados e atuam por expulsão ou por transpiração ou por outros meios.

No capítulo III há uma explicação da ação do enxofre corporal. Assim fala ele: "Cada doença resultante do supérfluo no corpo, tem seu antídoto na mistura elemental; de sorte que com a genera das plantas e dos minerais se pode descobrir a origem da doença; uma descobre o outro. O mercúrio absorve o que o sal e o enxofre repelem. É o que sucede com as doenças das artérias, dos ligamentos, das articulações e das juntas. Nestes casos o mercúrio fluido deve ser ministrado com fórmula especial que melhor corresponda à. forma da indisposição. O essencial da doença reclama o essencial que a Natureza indica como remédio.

"É preferível — diz ele — denominar a lepra doença de ouro, já que com o nome indicamos, em si, o remédio. É igualmente melhor chamar a epilepsia a doença do vitríolof toda vez em que é curada com o vitríolo.

"Na verdade, meus predecessores não me esclareceram muito na arte de curar. Esta arte se esconde misteriosamente nos arcanos da Natureza. Por isso me esforço por aprofundá-la e todas as minhas teorias pretendem provar a força vivificante do Archeus".

No capítulo V trata das doenças encarnativas e de sua origem.

"Estas doenças — escreve Paracelso — derivam todas do mercúrio. As feridas e úlceras, o câncer,, as erisipelas só podem ser curadas pelas várias forças mercuriais dos minerais e das plantas. Cada médico deve esforçar-se por encontrá-las, descobri-las por si mesmo, a fim de que saiba que quantidade de matéria mercurial encerram e possa prepará-las. Ditas forças encontrá-las-á no grau de calor apropriado, com o fim de extrair a essência da massa.

"Podereis intitular-vos doutores quando souberdes manejar cada substância para tirar dela o remédio adequado. A prática é indispensável; as teorias não bastam."

No capítulo VI trata da destilação dos bálsamos compostos de substâncias absorventes e de percussivos sulfúri-cos e dá a conhecer uma infinidade de fórmulas, todas elas devidas à sua experiência.

Com o capítulo VII termina o livro, fazendo uma longa dissertação sobre o Archeus, o "coração dos elementos", de força criadora e vivificante.

"Devido a esta força, de uma pequena semente nasce a árvore. O poder dos elementos faz com que a planta viva e se desenvolva. Por esta mesma energia os animais nutrem-se e crescem. Esta força reside, também, no corpo humano: cada órgão possui sua energia própria, que o fortifica e

renova; se assim não fosse, pereceria. Por isso, a força do Archeus representa, em cada um dos membros do corpo humano; a força criadora e vivificante do Macrocosmo e do Microcosmo.

PARACELSO, MÍSTICO

Sem dúvida, Paracelso foi um místico. Sua filosofia espiritual foi filha de seu precoce conhecimento do neoplatonismo; tinha como base a união com Deus. Mediante esta união o espírito do homem procurava vencer as más influências, descobrir os arcanos da Natureza, conhecer o bem, discernir o mal e viver sempre dentro da fortaleza divina.

Paracelso soube identificar a mão de Deus em toda a Natureza: nas entranhas das montanhas, onde os metais esperam a sua vontade; na abóbada celeste, onde "por meio Dele se movem o sol e as estrelas"; nas ribeiras, onde sua liberalidade derrama toda sorte de alimentos e a bebida para o homem; nos verdes prados e nos bosques, onde crescem miríades de ervas e de frutos benfazejos; nas fontes que proporcionam suas propriedades curativas. Enfim, viu que a terra era a grande obra de Deus e que era preciosa a seus olhos.

Paracelso era uma inteligência forte e clara. Era bom e também sábio. Sua vida errante jamais o despojou dessa bondade que constantemente fez resplandecer os generosos impulsos de sua alma. Sentia como um artista e pensava como um filósofo; por isso soube irmanar as leis da Natureza com as da alma. Esta sensibilidade artística que nunca o abandonava constituiu a ponte entre Paracelso homem e observador visionário da Realidade, ponte maravilhosa que repousava sobre as travessas de uma nova humanidade: a Renascença. E sobre esta ponte audaz procedeu à construção do Universo, do qual Paracelso foi um de seus maiores arquitetos; pois, outra coisa não foi a declaração dos princípios do progresso espiritual, completada um pouco mais tarde por Giordano Bruno, poeta, filósofo, artista e investigador da Natureza.

Como as ondas do mar, o sentimento da Natureza se estendeu de Paracelso até os homens do futuro, entre os quais Comenius e Van Helmont. Estes compreenderam, igualmente, a consagração das investigações e a alegria inefável de descobrir as Leis Divinas. Paracelso possuía essa propriedade que ainda hoje admiramos nos místicos clássicos. Via a Deus tanto na Natureza como no microcosmo e, pela meditação, foi tocado pela graça divina. Suas conclusões filosóficas formam a moral de um humanismo cristão. A confraternidade íntima dos filhos de Deus deve nascer de uma humanidade bem ordenada, do saber humano e do inapreciável valor da alma, em cada um dos seus membros.

Este Universo de formas e forças infinitas e, em sua unidade e em sua interdependência, a revelação das leis de Deus; a Natureza constitui o esteio e o verdadeiro amigo dos enfermos. E esta Natureza se acha em todas as partes: na terra, onde o semeador opera seus milagres, ao confiar-lhe a semente; nas montanhas, onde morrem as árvores velhas para dar lugar às que nascem; nas florestas murmurantes; nas sebes; nos lagos, onde o sol brinca com a água; em todos os lugares está viva e eterna a mãe Natureza.

Paracelso emoldurou a Natureza com vistosas imagens, comparações acertadas, engenhosas alegorias e parábolas de sentido profundo. Numa linguagem rica e substanciosa, apresenta-nos o curso das estações, sua proximidade e seu fim. Pinta-nos a primavera, quanto os novos ritmos se balançam álacres pelo ar; o verão, quando a jovem vida caminha rumo à colheita e o tempo revela os frutos sazonados; o outono, quando o trabalho chega ao seu fim e a vida enlanguesce; e, finalmente, descreve-nos o inverno, fazendo-nos sentir a doce visão de uma morte suave e tranquila.

Como bom cristão, seguiu os ensinamentos de Jesus. "O que Deus quer são nossos corações — diz no Tratado das Doenças Invisíveis — e não as cerimonias, já que com elas a fé Nele perece. Se

queremos buscar a Deus, devemos buscá-lo dentro de nós mesmos, pois fora de nós jamais o encontraremos". Toma como ponte de apoio a Vida e a Doutrina de Nosso Senhor, porque nela está a única base de nossa crença:

"Ali está ela, na Vida Eterna, descrita pelos Evangelhos e nas Escrituras, onde encontramos tudo o de que necessitamos, tudo em absoluto.

"Só em Cristo há estado de graça espiritual e por nossa fé sincera seremos salvos. Basta-nos a fé em Deus e em seu único Filho. O que nos salva é a infinita misericórdia de Deus, que perdoa nossos erros. O Amor e a Fé são uma mesma coisa: o amor deriva da fé e o verdadeiro cristianismo se revela no amor e nas obras do amor."

Acreditava que a perfeição da vida espiritual fora designada por Deus para todos os homens e não apenas para alguns anacoretas, monges e religiosos que não dispunham de nenhum mandato especial do Senhor para tomar sobre si a exclusividade de uma santidade a que muito poucos podem chegar.

"O reino de Deus — acrescenta Paracelso — contém uma revelação íntima com nossa vida de fé e de amor, uma infinidade de mistérios que a alma penetrante vai descobrindo um por um. São os mistérios da providência de Deus, que todo aquele que investigar acabará encontrando; são os mistérios da união com Deus; é o tabernáculo secreto, cujas portas se abrirão para todo aquele que clame. E os homens que sabem perscrutar e chamar são os profetas e os benfeitores de seu reinado. A eles são entregues as chaves que hão de abrir os tesouros da terra e dos céus. E eles serão os pastores, os apóstolos do mundo."

Mais adiante fala da medicina, nos seguintes termos:

"A Medicina se fundamenta na Natureza, a Natureza é a Medicina, e somente naquela devem os homens buscá-la. A Natureza é o mestre do médico, já que ela é mais antiga do que ele, e ela existe dentro e fora do homem. Abençoado, pois, aquele que lê os livros do Senhor e que anda pela senda que lhe foi indicada por Ele. Estes são os homens fiéis, sinceros, perfeitos em sua profissão; andam firmes debaixo da plena luz do dia da ciência e não pelos abismos obscuros do erro... Porque os mistérios de Deus na Natureza são infinitos; Ele trabalha onde quer, como quer, quando quer. Por isso devemos investigar, chamar, interrogar. E a pergunta brota: Que categoria de homem deve ser aquele que procura, chama e interroga? Quão verdadeira deve ser a sinceridade de tal homem! Quão verdadeira a sua fé, sua pureza, sua castidade, sua misericórdia!

"Nenhum médico pode afirmar que uma doença é incurável. Se isto afirmar, está renegando a Deus, renegando a Natureza, desaprecia o Grande Arcano da Criação. Não existe nenhuma doença, por mais terrível que seja, para a qual Deus não tenha previsto a correspondente cura."

Conforme vimos, Paracelso era um místico e um cabalista perfeito, dentro do mais puro espírito cristão. Aceitou, contudo, muitas das crenças tão em voga em sua época referentes aos poderes ocultos e às forças invisíveis.

Acreditava, igualmente, na existência real dos dementais, isto é, nos espíritos do fogo, aos quais dava o nome de acthnici; nos do ar, que chamava de melosinae; nos da água, que chamava de nenufdreni; e nos da terra, que denominava de pigmaci. Além disto admitia a realidade das dríadas, a que atribuía o nome de durdales, e dos espíritos familiares (os deuses penates dos romanos), que alcunhava de flagae. Afirmou também a existência do corpo astral do homem, que chamava de aventrum, e do corpo astral das plantas, a que deu o nome de leffas.

Do mesmo modo, tratou profundamente da levitação, que por ele foi chamada de mangonaria, e muito especialmente da clarividência, que denominava de nectromantia. Acreditava nos duendes, nos fantasmas e nos presságios. Este último particular tem prejudicado sobremodo a fama de Paracelso,

mas, quem sabe se dentro de um futuro não muito distante não servirá para admirá-lo como um visionário que se antecipou às afirmações feitas pelos modernos metapsiquistas comprovadas por esses investigadores do Maís-Além.

Seu Arquidoxo Mágico, livro sobre amuletos e talismãs, é também muito interessante, de vez que nele expõe seu conhecimento da imensa força do magnetismo. Combinou metais debaixo de determinadas influências planetárias, com o objetivo de fabricar talismãs contra certas doenças, sendo que o mais eficaz deles é aquele que chama de Magneticum Magicum. Este talismã se compõe de sete metais (ouro, prata, cobre, ferro, estanho, chumbo e mercúrio) e nele estão gravados signos celestes e caracteres cabalísticos.

Entendia, também, que as pedras preciosas possuíam propriedades ocultas para curar determinadas doenças. Os anéis e medalhas em que se montavam ditas pedras levaram o nome de gamathei. Cada um desses dixes possuía virtudes especiais. Uma de suas pedras preferidas era a chamada bezoar, que não é oriunda nem das montanhas nem das minas, mas que se forma, no estômago de certos animais herbívoros, por crescimentos justapostos e concêntricos de fosfatos de cálcio, que o estômago não conseguiu expulsar.

Suas opiniões a respeito das pedras preciosas foram adotadas pelos membros da Rosa-Cruz, que elaboraram as interpretações físicas e espirituais dos poderes misteriosos do diamante, da safira, da ametista, do topázio, da esmeralda e da opala.

MORTE DE PARACELSO

Muitas lendas foram inventadas em torno de sua morte. Uns diziam que os médicos de Salzburgo haviam contratado um rufião para que lhe seguisse os passos por toda parte, durante a noite, com a finalidade de jogá-lo num abismo; outros nos contam que lhe deram de beber vinho envenenado; porém, graças ao testemunho do Dr. Aberle, podemos hoje descartar essas vis suposições.

O certo é que adoeceu e que seu mal ia progredindo dia a dia, como progrediu paralelamente sua fortaleza de espírito ante o fim próximo.

Pouco antes de morrer ocupava-se ainda em escrever suas meditações sobre a vida espiritual. Um dos últimos fragmentos, que não conseguiu terminar, levava o seguinte título: "Referente à Santíssima Trindade, escrito em Salzburgo, durante a véspera da Natividade de Nossa Senhora". Este fragmento foi publicado por Toxites, em 1570. Junto com o original havia várias passagens selecionadas e comentadas da Bíblia, escritas em folhas volantes.

Os rápidos progressos da doença supreenderam-no em tão pacífica ocupação. A morte se introduzia silenciosa e furtivamente para extinguir a chama de seu espírito. Reconheceu a pálida mão que a intrusa lhe estendia e voltou-se para ela de maneira doce e sossegada.

Todavia, faltava-lhe realizar o último trabalho. Dispunha de alguns bens: seus livros, suas roupas, suas drogas, suas ervas; e era preciso distribuir tudo isso com equidade, mas via-se impossibilitado de fazê-lo legalmente em seu laboratório de Plaetzl. Alugou então um aposento na Pousada do Cavalo Branco, na Kaygasse, bastante espaçoso para quarto de um doente e ao mesmo tempo de despacho de seus negócios. Mudou-se para lá no dia 21 de setembro, vigília de São Mateus. O escrivão público Hans Kalbsohr e seis testemunhas se reuniram em torno do seu leito para ouvir e atestar suas derradeiras vontades.

Paracelso estava sentado em seu leito. O primeiro artigo do seu testamento reza textualmente:

"O mui sábio e honorável Mestre Teofrasto de Hohe-nheim, doutor em Ciências e Medicina, débil de corpo, sentado em seu rústico leito de campanha, porém com espírito lúcido, probo de

coração, entrega sua vida, sua morte, sua alma à salvaguarda e proteção do Todo-Podero-so. Sua fé inquebrantável espera que o Eterno Misericordioso não permitirá que os amargos sofrimentos, o martírio e a morte de seu Filho Único, Nosso Senhor Jesus Cristo, sejam estéreis e impotentes para a salvação deste seu humilde servo".

Em seguida determinou as disposições concernentes ao seu enterro e escolheu a igreja de São Sebastião, que ficava além da ponte. Para ali teve que ser transportado o seu corpo; quis que lhe entoassem os salmos um, sete e trinta. Entre cada um dos referidos salmos se distribuiria dinheiro aos pobres que estivessem em frente à igreja.

A escolha dos salmos é algo significativo; constitui a confissão de sua fé e a convicção de que sua vida não tinha que morrer no esquecimento; antes, porém, que tinha que passar para a imortalidade.

Depois da solene cena descrita, viveu tão-só três dias. Sem dúvida, expirou na Pousada do Cavalo Branco. A morte não lhe causava horror. Segundo ele, a morte era "o fim de sua jornada trabalhosa e a colheita de Deus".

Seu falecimento se deu no dia 24 de setembro, dia de São Ruperto, festa muito celebrada em Salzburgo, que naquele ano calhou ser em dia de sábado. O Príncipe Arcebispo ordenou que os funerais do grande médico se celebrassem com toda pompa. A cidade se achava repleta de forasteiros, pessoas do campo e muitos estrangeiros.

Cincoenta anos depois de sua morte, seu túmulo foi aberto; foram retirados os seus ossos para serem trasladados para outra sepultura melhor disposta, encravada numa das paredes da igreja de São Sebastião.

O executor testamentário de Paracelso, Miguel Setzna-gel, mandou colocar uma lápide de mármore vermelho sobre o túmulo, com uma inscrição comemorativa, que dizia o seguinte, em latim:

"Aqui jaz Felipe Teofrasto de Hohenheim. Famoso doutor em Medicina que curou toda espécie de feridas, a lepra, a gota, a hidropisia e várias outras doenças do corpo, com ciência maravilhosa. Morreu no dia 24 de setembro de 1541."

BOTÂNICA OCULTA

EXÓRDIO

Para se conhecer a fundo o mundo das plantas do ponto de vista do Ocultismo, se torna absolutamente necessário estudá-las em suas relações com o Macrocosmo (Universo) e com o Microcosmo (o homem), de acordo com as teorias de Paracelso, teorias que se acham espalhadas nas obras do famoso médico e alquimista, as quais temos reunido com carinho, ordenando-as, além disso, até o ponto de formar com elas todo um corpo de doutrina, que procuramos condensar neste pequeno volume. Estamos cientes de que nosso modesto trabalho apresenta várias lacunas e omissões de certa importância e, por isso mesmo, não podemos nem remotamente ufanar-nos de poder apresentar aos estudiosos uma Botânica Oculta muito extensa e muito menos completa; mas sentimo-nos satisfeitos, até certo ponto, naturalmente, por ter assentado as bases de uma ciência vacilante em suas origens, estancada durante séculos num estado amorfo e, por último, em nossos tempos, completa-mente esquecida.

Nosso estudo nos levou a conceber uma Botanogenia, uma Fisiologia e uma Fisiognosia, cujas características se aproximam mais da Ciência Oculta do que daquela oficialmente reconhecida.

A Botanogenia nos esclarecerá a respeito dos princípios cosmogônicos, cujos germes em ação produzem na Natureza o reino que nos ocupa.

A Fisiologia vegetal nos levará ao estudo das forças vitais que, em sua constante evolução, constituem seu alimento e desenvolvimento.

E, finalmente, a Fisiognosia vegetal, ciência dos Signos ou ciência das Correspondências Astrais, nos ensinará a conhecer, por seu aspecto exterior, as forças secretas de cada uma das plantas.

Além de ser um dos aspectos mais interessantes da Ciência Oculta, o estudo da Fisiognosia vegetal constitui um tema quase inédito na literatura esotéria espanhola.

Concluiremos este breve ensaio, publicando no final da obra pequeno dicionário de botânica oculta, no qual figurará um determinado número de plantas e flores/com a indicação de suas propriedades curativas e de suas virtudes mágicas. Sempre que os conheçamos, apontaremos em seu tempo próprio seus signos astrais, ou seja, a influência astrológica a que estão submetidas, cujo conhecimento é de grande transcendência para o estudante de Ocultismo que esteja algo preparado.

PARTE PRIMEIRA

O REINO VEGETAL

BOTANOGENIA

Para este pequeno estudo tomamos a decisão de ocupar-nos somente das teorias tradicionais correspondentes à botânica oculta e por isso deixamos de lado os princípios fundamentais da botânica oficial, razão por que começaremos proporcionando ao leitor aqueles conhecimentos que reputamos verdadeiramente autênticos. Antes de mais nada, recorreremos a um dos monumentos mais antigos que possuímos: o Sepher Bereschit de Moisés, o qual nos esclarecerá a respeito dos iniciados da raça vermelha e da raça negra. No primeiro capítulo, versículo segundo, expressa-se ele da seguinte forma:

"Prosseguindo na declaração de sua vontade, disse o Senhor dos senhores: A Terra fará brotar uma erva vegetativa e, produzindo um germe inato, uma substância frutuosa, dará seu próprio fruto, segundo sua espécie, e possuirá em si mesma seu poder germinativo; e assim foi feito."

Isto coincide exatamente com o terceiro dia da criação, segundo a ordem que a seguir será transcrita:

FOGO (1º dia):	Criação da luz.
ÁGUA, AR (2º dia):	Fermentação das águas e sua divisão.
TERRA (3º dia):	Formação da terra; sua vegetabilidade.
FOGO (4º dia):	Formação do sol.
ÁGUA, AR (5º dia):	Fermentação das águas e do ar; pássaros e peixes.
TERRA (6º dia):	Fermentação da terra; homens e animais.

Considerando o "Génese" em conjunto, o rabino iniciado nos ensinará que, sob o ponto de vista cosmogônico, a figura de Isaac representa o reino vegetal. Seu sacrifício (por pouco não consumado), sua filiação, o nome dos seus pais e de seus filhos, os atos de sua vida simbólica fornecem todas as provas necessárias que corroboram esta afirmação.

Com o fito de não cansar nossos leitores com um sim-bolismo demasiado árduo, abster-nos-emos de todo pormenor e entraremos de cheio na decifração das teorias herméticas, cujo estudo pode levar-nos a feliz resultado.

TEORIAS HERMÉTICAS - Na origem primordial das coisas, os filósofos concebiam um caos no qual estavam prefiguradas as formas de todo o Universo; uma matriz ou matéria cósmica e, por outro lado, urçi fogo gerador em que a ação recíproca constituía a mônada, a pedra de vida ou Mercúrio: meio e fim de todas as forças.

Este fogo é ardente, seco, macho, puro, forte; é o espírito de Deus levado sobre as águas, a cabeça do dragão, o Enxofre.

Este Caos é uma água espermática, cálida, fêmea, úmida, lodosa, impura: o Mercúrio dos alquimistas.

A ação destes dois princípios, no Céu, constitui o bom princípio: a luz, o calor, a geração das coisas.

A ação destes dois princípios sobre a Terra constitui o mau princípio: a obscuridade, o frio, putrefação ou a morte.

Sobre a Terra o fogo puro se converte em grande Limbo o yliáster, o misterium magnum de Paracelso; isto é, uma terra vã e confusa, uma lua, com água mercurial, o Tohu v'bohou de Moisés. Finalmente, a água pura e celeste passa a ser uma matriz, terrestre, fria e seca, passiva: o Sal dos alquimistas.

Desta maneira vemos como na Natureza todas as coisas passam por três idades. Seu começo ou nascimento surge na presença de seus princípios criadores. Este duplo contato produz uma luz, depois vêm as trevas e uma matéria confusa e mista: é a fermentação.

Esta fermentação termina com uma decomposição geral ou putrefação, depois do que as moléculas da matéria em ação começam a coordenar-se, segundo a sutilídade da mesma: é a sublimação, é a vida que se manifesta.

Finalmente, chega o momento em que este último trabalho cessa: é a terceira idade. Então se estabelece a separação entre o sutil e o rude; o primeiro se eleva ao céu; o segundo permanece na terra; o restante permanece nas regiões aéreas. É o último término, a morte.

Conseguimos registrar o transcurso das quatro modalidades da substância universal chamadas Elementos; o fogo, a terra e a água reconhecemo-los facilmente e podemos coordenar todas estas noções, estabelecendo um quadro de analogia que podemos ler mediante o triângulo pitagórico. Este processo é seguido na índia (sistema Sankya) e na Cabala (Tarot e Sefiroth).

Eis aqui os princípios atuantes nos três mundos, segundo a terminologia hermética:

No primeiro mundo, o Espírito de Deus, o Fogo incri-ado, fecunda a água sutil, caótica, que é a luz criada ou a alma dos corpos.

No segundo mundo, essa água caótica, que é ígnea e contém o enxofre de vida, fecunda a água intermédia, este vapor viscoso, úmido e gorduroso, que é o espírito dos corpos.

No terceiro mundo, esse espírito, que é fogo elemental, fecunda o éter ígneo, que se chama também água espessa, lodo, terra andrógina, primeiro sólido e misto fecundado.

Assim, cada criatura terrestre é formada pela ação de três grandes séries de forças: umas provêm do céu empírico; outras, chegam do céu zodiacal;e as últimas, do planeta ao qual a respectiva criatura pertence.

Do céu empírico vêm a Anima Mundi, o Spiritus Mun-di e a Matéria Mundi, vapor viscoso, semente universal e incriada.

Do céu zodiacal vêm o enxofre de vida, o mercúrio intelectual ou éter de vida e o sal de vida ou água-princípio, semente criada e matéria segunda dos corpos.

Do planeta vêm o fogo elemental, o ar elemental (veículo de vida) e a água elemental (receptáculo de sementes e semente inata dos corpos).

ADVENTO DO REINO VEGETAL

Para que o reino vegetal possa manifestar-se sobre um planeta, é preciso, antes de tudo, que este tenha evoluído até poder — depois de ter cristalizado seus átomos em terra sólida — água e uma atmosfera, conforme vem indicado no relato de Moisés. Então desce uma onda de vida nova, que é o veículo da primeira animação sobre o planeta: ela é, portanto, o símbolo da beleza e é por isso que o reino vegetal corresponde a Vênus e tem por signo representativo a Espiral. Eis aqui por que a filotaxia pode servir-nos para medir o grau de força vital de cada planta.

Esta vida vegetal resulta da ação recíproca da luz solar e da avidez do enxofre interior; nenhuma árvore pode crescer sem a força do sol, que é atraída pelo princípio essencial daquela.

Eis aqui como o autor anônimo de Lumière d'Egypte explica a evolução do mineral para o vegetal:

"O hidrogênio e o oxigênio combinados em água se polarizam e formam uma substância que é o pólo oposto de seu estado inflamável primitivo.

"O calor do sol decompõe de novo uma porção infinitamente pequena das águas; os átomos de dita molécula de água iniciam então um movimento diferencial, que é o da espiral. Nesta ascensão, atraem os átomos de ácido carbôni-co e são atraídos, por sua vez, por eles, donde se deriva um terceiro movimento: uma rotação precipitada. Com novas combinações, forma-se então um germe de vida física. Sob o impulso de um átomo central de fogo, sendo as forças predominantes do oxigênio e do carbono, esta união produz outra mudança da polarização, devido à qual esses átomos são atraídos em direção à terra. A água recebe-os e desta maneira se forma a primeira céspede vegetativa. Quando estas primeiras formas de vegetação morrem, os átomos empreendem novamente sua marcha em espiral ascendente, sentem-se atraídos pelos átomos do ar e, pelo mesmo processo de polarização, chegam a formar os líquenes e as plantas cada vez mais perfeitas.

"A essência espirituosa do sol — que penetrou até o centro da terra pela atração de cada Misto e por coagulação — gerou um fogo aquoso e, em seu desejo ardente de retornar à sua origem, ficou retida ao elevar-se entre as matrizes das espécies mais diversas. E, possuindo cada uma destas matrizes uma virtude particular para a sua espécie, numa se determina por uma criação e em outra, por outra, gerando sempre novas criações à sua semelhança. Quando esta essência espirituosa se subtiliza de maneira suficiente, a mesma penetra na superfície da terra e ativa o poder germinativo das sementes".

A mesma teoria se acha exposta de maneira mais concisa no tratado cabalístico intitulado Les Cinquante Portes de rintelligence. A enumeração das portas da Década dos Mistos é interpretada conforme se segue:

1º – Aplicação dos minerais pela disjuntiva da terra.
2º – Flores e seivas dispostas para a geração dos metais.
3º – Mares, lagos, flores, secreções entre os alvéolos.
4º – Produção das ervas e das árvores.
5º – Forças e sementes dadas a cada um deles, etc.

Para concluir esta rápida exposição, daremos a conhecer a teoria de Jacobo Boehme, com a qual se descobre uma perfeita identificação com as duas teorias anteriores.

Criados no terceiro dia pelo Fiat de Marte — que é a amargura, fonte do movimento — os vegetais nascem do raio de fogo nessa amargura. Quando Deus separou a matriz universal e sua forma ígnea e ao querer manifestar-se no mundo exterior e sensível, o Fiat que saiu do Pai, com sua vontade, deu força à propriedade aquosa do enxofre da primeira matéria; e já se sabe que a Água, como elemento, é uma matriz atrativa. Portanto, chegamos a um perfeito entendimento entre todas as teorias expostas.

Antes da Queda, os vegetais estavam unidos ao elemento interior paradisíaco; com a Queda, a santidade fugiu da raiz e permaneceu aderida aos elementos terrestres; conforme se verá mais adiante, somente as flores representam o verdadeiro paraíso.

CONSTITUIÇÃO ESTÁTICA DA PLANTA - Antes de traçar um esboço da fisiologia vegetal, convém anotar os princípios em ação que existem no reino que nos ocupa, de modo que nos seja possível conhecer com simplicidade seu complicado funcionamento.

Se estudarmos os vegetais sob o ponto de vista de sua constituição, reconheceremos neles cinco princípios:

1º – Uma matéria, formada por Água vegetativa.

2º – Uma alma, formada por Ar sensitivo.
3º – Uma forma, composta de Fogo concupiscível.
4º – Uma matriz, ou Terra intelectiva.
5º – Uma Essência universal e primitiva ou Misto memorável, formada pelos quatro elementos que determina as quatro fases do movimento: a fermentação, a putrefação, a formação e o crescimento.

Se os estudamos sob o ponto de vista gerativo, encontraremos sete forças em ação:
1ª – Uma matéria ou paciente, formada de luzes e trevas, água caótica e vegetativa; eis aqui as Derses de Paracelso, exalação oculta da terra, em virtude da qual a planta cresce.
2ª – Uma forma, princípio ativo ou fogo.
3ª – Um vínculo entre os dois precedentes.
4ª – Um movimento, resultado da ação da gente sobre o paciente.

Este movimento, que se propaga pelos quatro elementos, determina as quatro fases anteriormente citadas a propósito do Misto memorável.

Todo este trabalho, em sua maior parte preparatório e oculto, dá como resultados visíveis:
5ª – A alma do vegetal, ou semente corporificada, o clissus de Paracelso, poder específico e força vital.
6ª – O espírito ou Misto organizado, o leffas de Paracelso, ou corpo astral da planta.
7ª – O corpo da planta.

Para se lograr uma ideia mais ampla possível destas duas classificações, será suficiente estudar as analogias que se depreendem do simbolismo na mitologia grega, que é assaz expressivo, e com o qual ofereceremos vasta matéria à meditação.

FISIOLOGIA VEGETAL

ANATOMIA — Nada mais simples do que a estrutura da planta. As partes anatômicas se reduzem a três e são elas, precisamente, as que, individualizando-se, formam todos os órgãos.

1º – A massa geral da planta é formada pelo tecido celular, que pode ser classificado como órgão digestivo da mesma. (Raiz: individualização dos tecidos celulares; intestino da planta: semente; Embrião.)

2º – Os intervalos entre as células ordinariamente hexagonais formam os canais que se estendem por toda a planta e conduzem a seiva com a qual a mesma se nutre. Estes canais ou condutos intercelulares são, portanto, para as plantas o que os vasos sanguíneos e as veias são para os animais. (Caule: individualização das veias; sistema sanguíneo da planta; invólucro: órgão fêmea.)

3º – No tecido celular da maioria das plantas, existem outros canais que são formados por uma fibra contornada em espiral que conduz o ar por toda a planta. Estes canais, ou vasos em espiral, são para a planta o que as traquéias são para os animais. E é assim que são chamados: traquéias das plantas. (Folhas: individualização das traquéias, pulmões da planta).

Deste primeiro bosquejo, passemos agora ao das relações que existem no funcionamento entre os citados órgãos.

O desenvolvimento embrionário da planta compreende as seguintes fases.

1º – Localização da semente numa matriz propícia: terra úmida.

2º – As três partes do germe começam a vegetar, alimentando-se dos cotilédones.

3º – A raiz começa a absorver as substâncias nutritivas da terra. A planta se individualiza em suas funções respiratórias e digestivas. Em resumo: nasceu.

Vejamos como o Dr. Encause resume a fisiologia vegetal:

1º – Submergindo na Terra, a raiz: estômago da planta; vai à procura da matéria alimentícia.

2º – As Folhas, buscando vida no Ar livre ou dentro da Agua: pulmões da planta.

Buscam também a luz e os gases necessários à renovação da força que deve proporcionar virtudes à matéria interior dos tecidos.

Dita força se desenvolve por meio da clorofila (sangue verde), canais de interposição.

3º – O Caule: aparelho circulatório, cujos vasos contêm: Iº – A seiva ascendente parecida com o quilo (substância branca, o mais sutil dos alimentos). 2º – O ar absorvido pelas folhas. 3º – O resultado da ação do ar sobre a seiva nutritiva ou seja a seiva ascendente.

4º – As Flores: resultado da força supérflua; lugar dos aparelhos de reprodução.

Agora vamos estudar estas funções mais pormenorizadamente; do seu conhecimento depende, efetivamente, toda a arte da farmacopéia hermética, como se poderá avaliar na segunda parte do nosso estudo.

O grão ou semente se compõe das seguintes partes:

1º —O germe, que por sua vez é formado por: a pequena raiz (futuros órgãos abdominais); o broto ou ver-gôntea (futuros órgãos respiratórios); o pequeno caule (futuros órgãos circulatórios, centro geral de evolução). Tudo isto análogo aos três desenvolvimentos do embrião humano.

2º - Os cotilédones: materiais destinados à nutrição do germe. (Órgãos análogos à placenta.)

Contendo em si a árvore em todo o seu poder de crescimento, cada grão encerra um Misterium Magnum; por conseguinte, no desenvolvimento do grão ou semente encontraremos a imagem invertida da criação do mundo.

A árvore começa a manifestar-se desde o momento em que o grão foi submergido em sua matriz natural, a terra.

Contudo, por si só a terra não é mais do que uma matriz passiva; portanto, não pode desenvolver a fagulha vital ou iluminar o Ens da semente a fim de que os três princípios 5a/, Enxofre e Mercúrio se manifestem nela.

A luz e o calor do sol são necessários para que isto aconteça; somente por meio deles se animará o fogo frio subterrâneo. Então o grão, levado pela força deste desenvolvimento, passa por sua ulterior evolução.

No capítulo seguinte, ao falar do cultivo, examinaremos o que acontece quando a matriz não corresponde ao grão que lhe é confiado.

CRESCIMENTO DO GRÃO. - Portanto, já estamos compreendendo três Ens, três dinamismos em reação mútua, abrangendo cada um sua trindade de princípios — Sal, Enxofre e Mercúrio: o Ens da terra, o Ens do grão e o Ens do sol. O primeiro e o último Ens exigem, por efeito de uma tração magnética, o desenvolvimento do germe nos sentidos opostos; donde resultam a raiz e o caule que, conforme é sabido, exercerão na vida da planta funções de analogia contrária.

Da harmonia resultante destes três Ens, depende o perfeito estado do caule (liso, esverdeado, ou nodoso e negro) e das raízes (múltiplas e robustas ou secas e delgadas).

CRESCIMENTO DA RAIZ. - Do ponto de vista dos três princípios, é sabido que a vida e a sensibilidade (magnética) residem no Mercúrio. O Mercúrio subterrâneo dos minerais, quase sempre venenoso e carregado de impurezas, encontra-se literalmente no inferno, quer dizer: para a sua própria atividade não encontra outro alimento nem outro objeto do que a si mesmo.

Por conseguinte, é só uma vibração solar chegar a ele, que a torna sua, absorve-a totalmente dentro do seu corpo o sal e o enxofre, ambos intimamente unidos à sua essência.

Então a terra se abre; seus átomos obtêm uma liberdade relativa e o corpo plástico, o Sal, que permanecia num entorpecimento saturnino, torna-se suscetível de atração e vê-se, efetivamente, atraído pelos Ens do germe, em seus elementos homogêneos.

CRESCIMENTO DO CAULE. - Em geral, em sua parte mais baixa, o caule é branco; até a metade é escuro e na sua parte mais alta é verde.

O branco indica a tendência no sentido da expansão subitamente libertada das potências construtivas da raiz; a cor escura significa uma expressão saturnina, resultado da maldição divina; o córtice é a parte do vegetal que se acha no limbo.

Porque, se o Grande Mistério está representado também nas árvores, o reino vegetal foi alcançado, como toda a Criação, pelo pecado de Adão; mas, na beleza das flores e na doce maturação dos frutos, descobrem-se, ainda mais do que em outras criaturas, os esplendores do Paraíso.

Finalmente, a cor verde representa o sinal da vida mer-curial, que serpenteia no Júpiter e na Vênus das ramagens.

A ÁRVORE. — Sem dúvida alguma, a árvore constitui o tipo mais perfeito de todos os seres vegetais; nela encontramos as influências das estrelas, dos elementos, do Spiritus Mundi e o Misterium Magnum, que é por si mesmo Fogo e Luz, Ódio e Amor, como verbo pronunciado pelo Pai Eterno.

PRODUÇÃO DOS NÓS. - O arbusto cresce devido à emulação mútua dos dois Ens, do sol exterior e do sol interior, que cumpre com sua missão até o fim natural, que consiste na produção de um Iíquido doce que proporciona a flor, os elementos de sua forma elegante e de suas belas cores.

É sabido que as sete formas da Natureza exterior exercem na planta sua influência na seguinte ordem: Júpiter, Vênus e a Lua cooperam de um modo natural na ação expansiva de seu sol interior; Marte, porém, exagera dita expansão, de vez que este não é outra coisa senão o espírito ígneo do Enxofre, a vida mercurial se junta diante dele e Saturno chega à congelação e à corporificação deste turbilhão; é assim que se produzem os nós.

PRODUÇÃO DOS GALHOS. - Os galhos são o resultado da batalha travada pelas forças naturais em pleno movimento, quando desejavam conservar a comunicação com o sol exterior. São, por assim dizer, as gesticulações da planta que se sente oprimida e que quer viver em liberdade e por sua vontade própria. Do mesmo modo que no homem a força vital faz sair os venenos interiores sob a forma de furúnculos, assim o calor vital da árvore obriga-a a produzir brotos e ramificações, principalmente quando o chamamento do Ens exterior é o mais poderoso, como acontece na primavera.

Em outros termos, o desejo da vida mercurial ou o Sal, encerrado em Saturno, luta desesperadamente, aquece-se e converte-se em Enxofre; este Enxofre dá um novo impulso a seu filho, o Mercúrio; este mostra tendência a expandir-se; e Vênus fornece a substância plástica dos brotos e dos galhos.

A FLOR. — O Sol domina aos poucos os excessos de Marte; a planta vai diminuindo de amargor; Júpiter e Vênus esgotam sua atividade e fundem-se na matriz da Lua; os dois Ens se unem, de modo que o Sol interior, a força vital da planta, recobra seu estado primitivo, passa ao estado de Enxofre e reintegra o regime da liberdade divina.

O PARAÍSO DA PLANTA. - Neste mesmo regime, as sete formas se entrecruzam interiormente e para cima e entram em jogo em perfeita harmonia. A imagem da Eternidade se forma no tempo; o Enxofre da planta passa novamente para o estado latente e o Sal se transmuta; o reino do Filho se inaugura com uma alegria paradisíaca, que se desprende com o perfume; do mesmo modo que do corpo dos santos se desprende um odor peculiar; é o que Paracelso chama de Tintura.

O GRÃO. — Mas, por causa do pecado de Adão, este paraíso cessa muito de repente e entra de novo na obscuridade do grão ou semente, onde os dois sóis vêm ocultar-se.

O FRUTO. — Constitui o espírito escondido dos elementos que atuam durante a frutificação.

Os frutos possuem uma qualidade boa e outra má, que herdaram de Lúcifer. Não se encontram, portanto, inteiramente sob o regime da Cólera, porque o Verbo único, que é em tudo e por tudo imortal e imarcescível até dentro da putrefação subterrânea da semente, reverdesce neles; é que o Verbo opõe resistência à terra e a terra não acolheu o Verbo.

Devido a este processo, podemos admitir o triunfo do regime do Amor na Planta, ou seja, chegamos à sua floração.

O Ens, tão logo se haja manifestado, corre para o seu lugar, agrega em si imediatamente uma grande quantidade de elementos plásticos; ou melhor, Luas que ao calor do Sol externo transforma em Vênus; desta maneira a polpa ou carne do fruto se desenvolve ao redor de um centro, que é filho do Sol interno.

Os sete planetas encontram-se novamente no fruto e são eles que determinam seu sabor e aroma, esperando que Saturno venha fazê-lo cair sobre a terra donde se ergueu um dia.

MADUREZ. — A qualificação de maduros dada aos frutos a fim de significar um ponto álgido de perfeição, um período em que seu sumo se torna açucarado, não está bem expressada com este nome, que indica o contrário, seu estado de agonia.

A madurez é o resultado de uma espécie de vertigem que o Sol causa ao princípio paternal do Enxofre e que o precipita da vida eterna para a vida temporal. De tudo isto poderemos, agora, deduzir as indicações necessárias para efetuar o correspondente estudo sobre o sentido dos diversos sabores que os frutos possuem.

RESUMO. — Apresentamos este rápido bosquejo, servindo-nos intencionalmente de todas as nomenclaturas. Agora o continuaremos, preenchendo algumas poucas linhas dedicadas ao mesmo, empregando, porém, para elas a teoria budista naturalista ou jônica, conforme a seguir:

O mundo pode ser considerado criado como resultado das interações de três forças distintas: a expansão, a luz ou doçura (o Abel de Moisés); a contração, obscuridade ou aspereza (Caim) e a rotação, angústia ou amargura (Set). Estas três forças encontrá-las-emos no reino vegetal.

Consideremos o germe introduzido na terra. A doçura foge da obscuridade e da angústia que a perseguem; daí é que provém o crescimento da planta.

Com o calor do sol, a luta das três forças se torna mais encarniçada; a contração e a rotação se exaltam duplamente, provocando a expansão; daí a origem do córtice, dos nós raros e rugosos das árvores e plantas.

Mas a expansão, tão logo os seus adversários cessam de atacar, não a deixam um momento livre, estende-se com avidez por todas as partes. Então quando saem os galhos, se inicia a cor verde dos brotos e a planta se abandona às forças vivificantes do sol, que a levam até o capulho e a flor, que é a sua perfeição.

Dos diversos órgãos a contração faz um todo homogêneo e a angústia as divide em partes, as quais cooperam conjuntamente já que, oriundas de baixo, vêem-se obrigadas a obedecer à força solar que chega até elas vinda de cima; desta maneira se forma o fruto que vai desenvolvendo-se até que a energia expansiva se esbanjou totalmente; momento em que o fruto está disposto a cair para dar expansão e nascimento a um novo circulus vital.

O OD DA PLANTA. - Desde o descobrimento de Reichenbach, tem-se como certo que na Natureza toda coisa desprende uma espécie de exalação invisível nas condições ordinárias, mas visível para os sensitivos. Esta radiação varia em cor, intensidade e qualidade.

A parte extrema superior das plantas é sempre positiva e a parte baixa ou inferior, negativa, seja qual for o fragmento da planta apresentando o exame do sensitivo.

Os frutos são positivos e os tubérculos, negativos.

O lado da flor, de qualquer fruto, é positivo; o lado do pedúnculo é negativo.

Estas observações foram utilizadas até à atualidade pelos sucessores do conde Mattei para as práticas da Eletro-Homeopatia, porém eu, particularmente, não posso chegar a crer que essa polarização seja de uma grande profundidade.

A ALMA DA PLANTA .— Fomos buscar num livro, por certo muito notável, original de E. Boscowitz, os testemunhos de alguns sábios que atribuem à planta uma vida e uma sensibilidade parecidas às das pessoas. Sem aludir às doutrinas bramânicas, budistas, taoístas, egípcias, platônicas ou pitago-rianas — todas elas mais ou menos profundamente penetradas do espírito dos vegetais — teremos que lembrar que filósofos como Demócrito, Anaxágoras e Empédocles sustentaram dita tese. Em época mais recente, Percival quer demonstrar que os movimentos das raízes são voluntários; Vrolik, Hedmig, Bonnet, Ludwig e F. Ed. Smith afirmam que a planta é suscetível da sensações diversas até o ponto de garantir que é capaz de conhecer a felicidade; Erasmo Darmin, em sua obra Jardim Botânico, diz que a planta tem alma; todas as obras de Von Martius procuram demonstrar o mesmo e, finalmente, Teodoro Fechner escreveu um livro intitulado Nanna oder Ueber das Seelenleber der Pflanzen, na qual se prova ou se quer provar tudo o que foi dito acima.

Eis aqui os caracteres de analogia que as plantas apresentam com relação aos seres dotados de personalidade:

Nelas a respiração se efetua por meio das traquéias de Malpighi, formadas de uma cinta celular enrolada em espiral e dotadas de contração e de expansão.

O ar é indispensável para a sua vida (segundo as experiências de Calandrini, Duhamel e Papin) e exerce sobre a seiva uma ação análoga àquela exercida sobre nosso sangue (Bertholon).

O lado inferior das folhas está cheio de pequenas bocas estomáticas, órgãos de dita respiração. (Experiências de Ingenhous, de Hales, de Teodoro De Saussure, de Mohl e Garreau.)

Recebem o oxigênio do ar e dele se apropriam e exalam, em contrapartida, o ácido carbônico (Garreau e Hugo von Mohl, Sachs).

Nutrem-se do carbono, que extraem do ácido carbônico e durante o dia exalam, por conseguinte, uma grande quantidade de oxigênio.

Suas raízes servem-lhes de estômago bem como as folhas; a seiva é análoga ao quilo.

A nutrição das plantas é uma função tão ativa, que Bradley calculou que uma azinheira, ao fim de cem anos, absorve 280.000 kg de alimentos.

Se a circulação da seiva não é ainda um fato provado de maneira categórica, ao menos se sabe que as plantas têm a qualidade da transpiração, a qual se exerce com força extraordinária.

Ademais, como é que explicamos os movimentos das plantas em busca da luz, do sol, dos elementos de nutrição, de um terreno propício à sua vida, que a cada passo observamos?

Como explicamos sua potência amorosa, o calor, a eletricidade que desprendem no instante de sua fecundação?

Donde vêm, finalmente, as propriedades maravilhosas da flor de ressurreição e da Roda de Jericó?

O iniciado tem podido comprovar todos estes fenômenos e admirar uma vez mais a sabedoria de seus prodeces-sores bem como a penetrante intuição do povo que deu a cada árvore sua Hamadríada, a cada flor sua fada, e cada erva seu gênio. As observações científicas, das quais acabamos de fazer um ligeiro resumo, não nos ensinam, magnificamente e com toda clareza, os movimentos sombrios da alma dos elementos que se esforçam rumo à consciência?

PLANTAS E ANIMAIS. - Bonnet, de Genebra, homem de muito talento, consagra a décima parte da totalidade de suas obras à comparação paralelística das plantas e dos animais. Ele expressa da maneira seguinte o resultado de suas numerosas experiências comparativas:

"A Natureza desce gradativamente do homem ao polvo, do polvo à sensitiva, da sensitita à túbera. As espécies superiores sempre apresentam alguma coisa do caráter das espécies inferiores e estas, algo também das espécies inferiores. A matéria organizada recebeu um número quase infinito de modificações diversas e todas estão intimamente ligadas em graduação como as cores do prisma. Marcamos pontos sobre as imagens, traçamos logo as linhas e a esta tarefa damos o nome de classificar e assinalar gêneros. Desta maneira não nos apercebemos mais do que dos tons dominantes, mas os matizes mais delicados escapam à nossa observação."

"As plantas e os animais não são, portanto, outra coisa senão modificações da matéria organizada. Todos participam de uma mesma essência e o atributo distintivo nos é desconhecido."

A planta vegeta, nutre-se, cresce e multiplica-se; mas os grãos vegetais são muito mais numerosos do que os ovos ou os óvulos fecundados nos animais, exceto das espécies inferiores.

Pela mesma razão, um indivíduo produz muito mais renovos no primeiro reino do que embriões no segundo.

Em uns o alimento é absorvido pelas superfícies porosas; noutros, por uma única boca; a absorção pelas raízes inferiores é incessante; nos animais desenvolvidos se produz por intervalos e por raízes inferiores (vasos quilíferos).

Em sua maioria as plantas são hermafroditas.

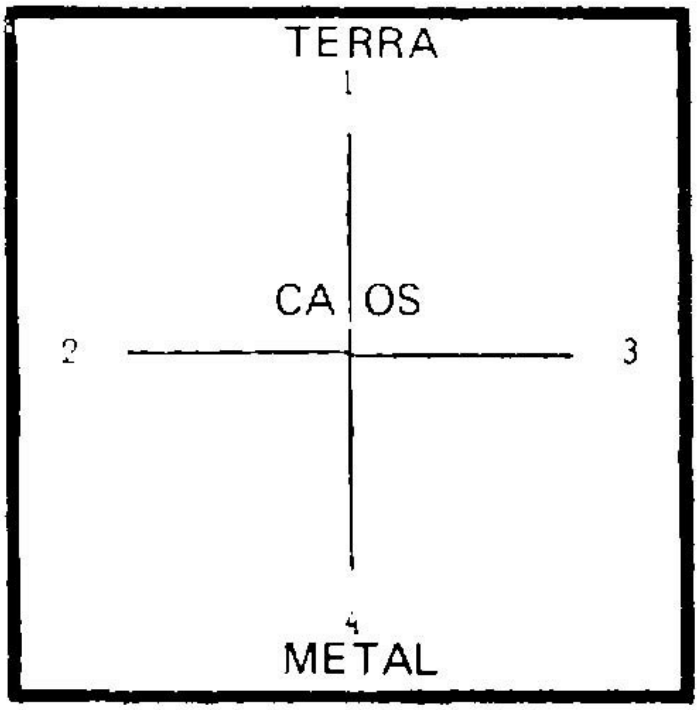
Finalmente, as plantas são imóveis, com exceção do movimento das folhas e de algumas flores em direção ao sol; os animais são móveis.

CONCLUSÃO GERAL. - Deste rápido estudo se deduz que o movimento geral da vida terrestre, no que se refere aos três citados reinos inferiores, aparece como o esforço gigantesco de um Poder organizado (a Natureza física) no sentido do livre arbítrio, passando da imobilidade característica do reino mineral, pela individualização (vegetais), até o movimento espontâneo (animais).

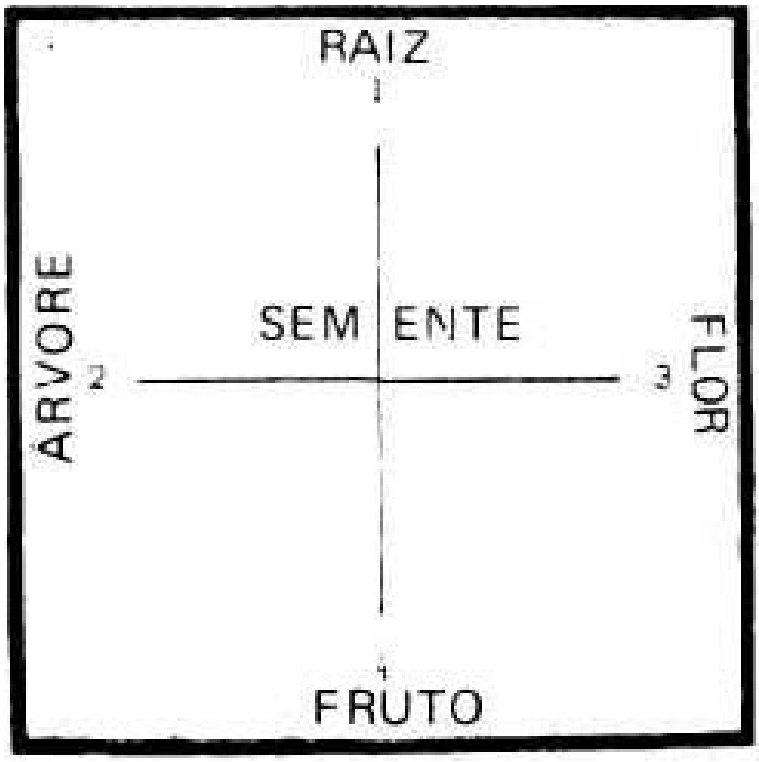
É o que expressam de maneira clara os quatro esquemas seguintes, os quais permitem considerar cada reino como um meio em que os átomos se acham numa fase particular do movimento: primeiramente, em estado de repouso ou passivo, depois em estado de equilíbrio, mais tarde em estado de turbilhão e, finalmente, em estado de resolução.

Os quinto, sexto e sétimo estados representam os reinos (para nós espirituais) superiores à evolução atual do gênero humano.

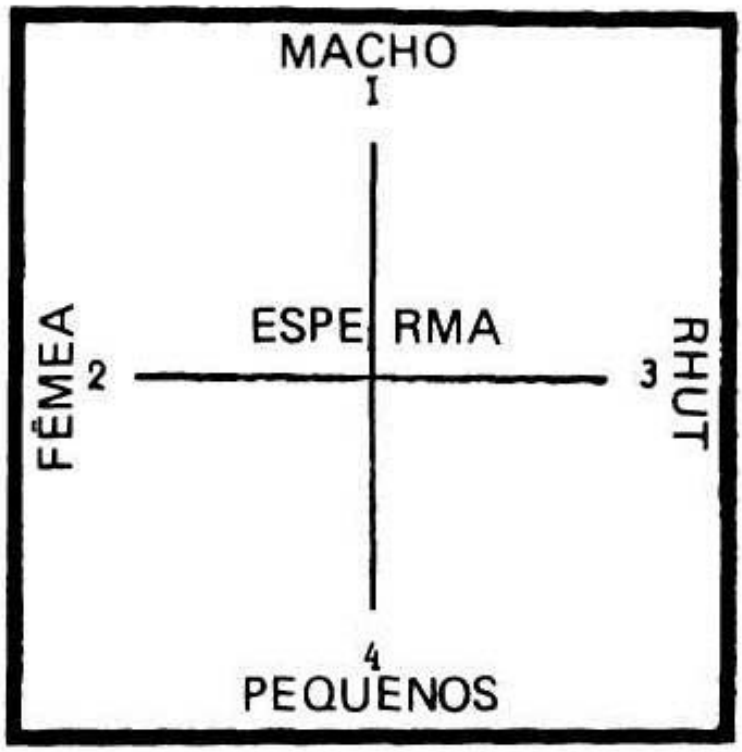
MINERAIS (Terra)



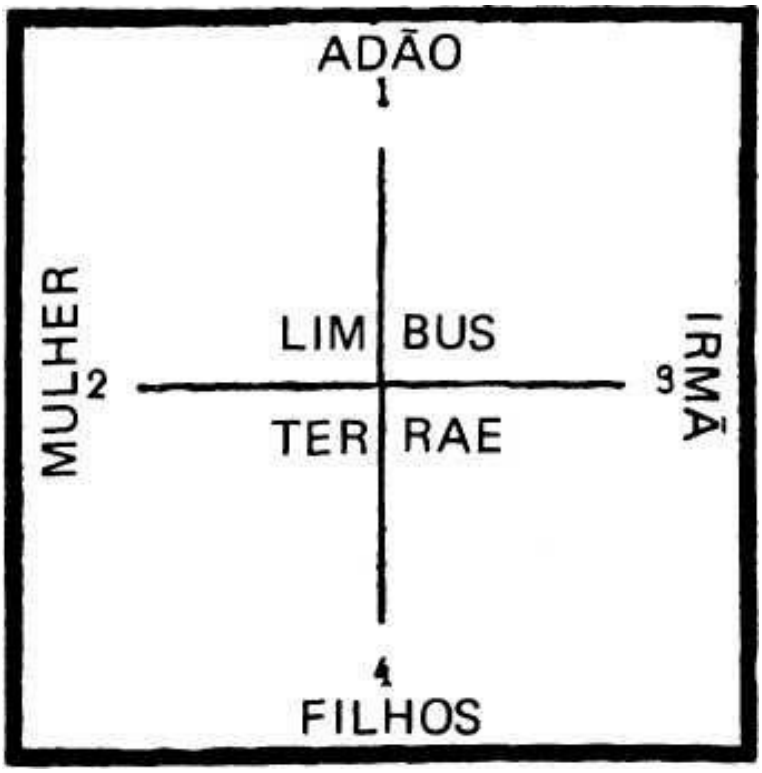
VEGETAIS (Água)



ANIMAIS (Ar)



HOMENS (Fogo)



FISIOGNOSIA VEGETAL

Cada planta é uma estrela terrestre. Suas propriedades celestes se acham inscritas nas cores das pétalas e suas propriedades terrestres, na forma das folhas; toda a Magia se encerra nelas, já que em seu conjunto as plantas representam as potências dos astros.

Existem três chaves distintas que podem ser empregadas para conhecer, por meio de suas propriedades exteriores, as virtudes interiores de uma planta: a chave binária, a chave quaternária (dos elementos, o zodiacal) e a chave septenária ou planetária.

CHAVE BINÁRIA. - Eis aqui, segundo Saint-Martin, a teoria acompanhada de dois exemplos de aplicação prática (Esprit des choses, volume **I)**:

"Em cada coisa, seja material ou imaterial, há uma força impulsiva que é o princípio donde esta coisa recebe sua existência."

"Mas esta força impulsiva universal que observamos na Natureza não existiria, se uma força compreensiva em oposição não a dominasse também, para aumentara intensidade; é ela que, impelindo-a, opera ao mesmo tempo o desenvolvimento e a aparência de todas as propriedades e de todas as formas geradas pelo ímpeto da força impulsiva."

"A vegetação, principalmente, nos oferece bem distintamente estas duas leis em todas as suas diversas espécies e categorias. No caroço de uma fruta, a resistência predomina sobre a força; vemos como permanece na mais completa inação; quando o caroço foi semeado e se restabeleceu a vegetação, esta se realiza porque a força luta com a resistência até estabelecer um equilíbrio com ela. Quando o fruto aparece, é porque a força pôde mais do que a resistência e conseguiu vencer todos os obstáculos; todavia, este fruto se nos oferece apenas como união de uma força e uma resistência, em sua composição, em suas propriedades substanciais e em sua capa exterior que as contém, unifica, conserva e corrobora, segundo essa lei universal das coisas."

"Diante deste quadro, é-nos possível observar quantas feridas tem sofrido a Natureza primitiva e eterna, que sempre reconhecemos como a verdadeira herança da humanidade" - SAINT-MARTIN.

"O objetivo da vegetação — prossegue dito autor na mesma obra — consiste em transmitir-nos os detalhes da beleza, de cor e de perfeição que nascem nas regiões superiores e que tendem a introduzir-se em nossa região inferior."

"Cada grão de semente é um pequeno caos."

"Na Natureza, tudo se compõe de uma ação divisora: a força de uma ação divisível: a resistência."

"Quando a segunda se vê privada da primeira, pro-duz-se a água; quanto ambas operam, produz-se fogo."

"Ao mesmo tempo que a união do fogo e da água se manifesta pela cor verde das folhas, a putrefação se localiza nas raízes e a sublimação, nas cores vivas das flores e dos frutos."

"Os grãos constituem a prisão das potências superiores e traçam com certa analogia a história da queda e o mito de Saturno devorando seus filhos."

"Assim sendo, podemos dizer que a geração é um combate, cujas fases se mostram pelo signo, e que não existe um único ser que não manifeste, por sua forma exterior, a história do seu próprio nascimento."

"A amêndoa do roble, por exemplo, de sabor azedo e acre, encerrada em sua bolota, indica que essa árvore teve que passar por um violentíssimo esforço por parte da resistência, esforço que seguramente visava aniquilá-la.

"Se, à semelhança deste exemplo, passamos a considerar agora a folha da videira, a pevide da

uva e as propriedades do vinho, logo descobriremos que a água foi extremamente concentrada pela resistência na pevide, o que constitui causa de seu desenvolvimento tão abundante nos sarmentos."

"Que, com esta expansão da água, a folha da videira indica, por sua forma, que o motivo de ser tão abundante é porque esteve separada de seu fogo e que seus fatores são binários, conforme acontece com uma infinidade de plantas de outras classes."

"Que, por conseguinte, o fogo tem estado, também, muito separado da água, o que demonstram os galhos da cepa, onde as folhas e o pedúnculo do racemo se alternam conjuntamente, mas sempre pelo lado oposto."

"Que, segundo sua lei, este fogo sempre se eleva a uma altura maior do que a água, o que se conhece pelo pedúnculo do racemo, que sempre sobe muito mais do que sua folha correspondente."

"Que, do mesmo modo, este fogo se encontra muito perto da vida primitiva tanto que se pode dizer que são uma mesma coisa, o que leva o bago de uva a assumir uma forma esférica tão regular, que parece ter sido inflado por seus estames e seu pistilo, o círculo completo das virtuali-dades astrais, cujo número abrange toda a circunferência e estabelece o equilíbrio entre a resistência e a força."

"Que por esta razão o bago de uva é tão são e proveitoso para o corpo, quando é comido com moderação/'

"Que, apesar disto, por causa da fonte bifurcada ou binária da qual deriva, chega a produzir as mais graves perturbações, quando se abusa de seu sumo ou se come dele com excesso."

"Que, no que se refere a estes excessos, tem-se observado que são de um gênero muito particular: 19 — Chegam amiúde a provocar disputas e até a fazer perder a razão, sendo causa de lutas e de crimes. 29 — Chega também à luxúria, que é determinada em várias formas pela pevide correspondente. 39 — A embriaguez que produz, pela excitação da luxúria, apesar disto é, de tudo isso, mais favorável do que funesta à procriação."

CLASSIFICAÇÃO DOS ELEMENTOS. - É sabido que um dos quatro elementos, além da quintessência, correspondem a cada um de nossos cinco sentidos; isto é, cada uma dessas cinco formas de movimento nos revela as qualidades dos objetos por meio da vibração de um de nossos centros nervosos ou sensitivos:

A Terra corresponde ao olfato (cheiro).

Água corresponde ao gosto (sabor). O Fogo corresponde à vista (forma). O Ar corresponde ao tato (volume). A Quintessência corresponde ao ouvido (espírito). Daí a origem de composição do quadro distributivo adiante:

QUADRO I

	Perfume das Flores	Sabor dos Frutos	Cor Plantas ou Flores	Forma Plantas ou Flores	Volume Plantas ou Flores
Plantas de Terra	Suave	Açucarado	Amarela	Ondulada	Pequeno
Plantas de Água	Nenhum	Ácido	Esverdeada	Trepadeira	Caule pequeno Frutos grandes
Plantas de Fogo	Penetrante	Picante	Encarnada	Retorcida	Médio
Plantas de Ar	Desagradável	Azedo	Azulada	Delgada	Muito alto

Este quadro abrange somente os tipos simples, que são pura e exclusivamente teóricos; na realidade, é preciso combinar uns com os outros, estes quatro elementos, para se obter o quadro número dois dos signos zodiacais, o qual poderá indicar-nos o caráter geral de uma planta.

QUADRO II

	Fogo	Terra	Ar	Água
Água	Fogo	2 Touro	3 Gêmeos	4 Câncer
Terra	1 Áries	Terra	7 Libra	8 Escorpião
Ar	5 Leão	6 Virgem	Ar	12 Peixes
Terra	9 Sagitário	10 Capricórnio	11 Aquário	Água

Agora, se desejamos conhecer, a priori, as qualidades de uma planta sob o signo de Aries, se nos fixarmos neste segundo quadro veremos que Áries é um fogo (coluna vertical) de terra (coluna horizontal); as qualidades desta planta serão, portanto, de acordo com o primeiro quadro, um perfume penetrante; um sabor picante; as flores serão vermelhas e a planta será de caule médio.

Julgamos que este exemplo bastará para o perfeito conhecimento de dito método.

Além disso, temos aqui, resumidas por ditos autores, as influências de cada um dos signos zodiacais na vida das plantas e suas atualidades; e a maneira de esclarecer-nos praticamente na matéria.

As plantas que se acham sob o signo de Áries são quentes e secas; o elemento FOGO predomina nelas; finalmente, sua forma oferece semelhanças mais ou menos longínquas com a cabeça e suas partes secundárias; os olhos, o nariz, a língua, os dentes, a barba; têm flores amarelas, de sabor acre, as folhas e o caule são débeis, com duas pétalas. Perfume: a mirra.

As plantas sob o signo de Touro são frias e secas; nelas predomina o elemento TERRA; seu sabor será, portanto, acre e de cheiro suave; têm o caule muito comprido, elevam eflúvios aromáticos, esfriam facilmente, produzem frutos em abundância. Algumas delas têm a forma duma garganta; plantas cujas flores são andrógenas. Perfume parecido ao do costo, a erva aromática.

As plantas sob o signo de Gêmeos são quentes e ligeiramente úmidas; seu elemento é o AR; plantas cujas flores são brancas ou muito pálidas; folha extraordinariamente verde, sabor doce, quase sempre leitosas; apresenta certa relação de forma com as costas, o braço, as mãos, os seios; folhas com sete pontas. Perfume: almecega.

As plantas sob o signo de Câncer são frias e úmidas; a ÁGUA predomina nelas; são insípidas, vivem em terreno pantanoso, produzem flores de cor branca ou cinza; suas folhas têm forma de pulmões, de fígado ou de baços; mostram manchas e cinco pétalas. Perfume: cânfora.

As plantas sob o signo de Leão são quentes e secas; dominadas pelo elemento FOGO; dão flores vermelhas, de sabor muito acre, quase amargo; seu fruto tem a forma de estômago ou de coração; são crucíferas. Perfume: incenso.

As plantas sob o signo de Virgem são frias, secas e nelas predomina a TERRA; plantas trepadeiras, com tecidos duros, mas se rompem com facilidade; suas folhas e raízes se assemelham ao abdome ou aos intestinos. Suas flores costumam desabrochar com cinco pétalas. Perfume: sândalo branco.

As plantas sob o signo de Libra são quentes, úmidas e aéreas; suas flores são raras; seus caules, altos e flexíveis; seus frutos ou sua folha lembram a forma dos rins, do umbigo, da bexiga; seu sabor é doce; crescem de preferência nos terrenos pedregosos. Perfume: o gálbano.

As plantas sob o signo de Escorpião são quentes, úmidas. Possuem amiúde um gosto insípido; às vezes são aquosas, leitosas, de cheiro fétido; têm a forma dos órgãos sexuais do homem. Perfume: coral vermelho.

As plantas sob o signo de Sagitário são quentes e secas; são dominadas pelo elemento FOGO; são amargas e sua forma se parece com determinadas partes da região anal. Perfume: aloés.

As plantas sob o signo de Capricórnio são frias e secas; nelas predomina o elemento TERRA; suas flores são esverdeadas; sua seiva é tóxica e coagula-se. Perfume: nardo.

As plantas sob o signo de Aquário são ligeiramente quentes e úmidas; são dominadas pelo AR; costumam ser aromáticas; têm forma de pernas. Perfume: eufórbio.

As plantas sob o signo de Peixes são frias e úmidas; nelas predomina o elemento ÁGUA; quase não têm sabor; têm forma de dedos; crescem amiúde em lugares frescos e umbrosos, perto dos lagos e pântanos. Perfume: tomilho.

CLASSIFICAÇÃO SEPTENÁRIA OU PLANETÁRIA — Vejamos abaixo, resumidas em poucas palavras, as bases de classificação:

Saturno : Adstringente, concentrador.
Júpiter : Resplandecente, majestoso.
Marte : Cólera, espinhos.
Sol : Beleza, nobreza e harmonia.
Vênus : Beleza e suavidade.
Mercúrio : Indeterminada.
Lua : Estranheza, melancolia.

E, desenvolvendo estes caracteres, teremos o resultado que podemos ver no Quadro III, adiante (pág. 64).

O sabor é produzido pelo sal da terra onde a planta cresce; ele indica o ideal da planta e o caminho que há de seguir para extrair o bálsamo.

As folhas e o caule indicam o planeta que domina as plantas.

Em todo vegetal, a raiz corresponde ao planeta Saturno.
A semente e a casca, a Mercúrio.

O lenho, o tronco forte, a Marte.
As folhas, à Lua.
As flores, a Vênus.
O fruto, a Júpiter.

OS SIGNOS PLANETÁRIOS - As plantas influenciadas por Saturno são pesadas, pegajosas, adstringentes, de sabor amargo, acre ou ácido e produzem frutos sem flor, re-produzem-se sem semente, são ásperas e negruscas; possuem oieiro penetrante, forma rara, sombra sinistra; São resinosas, narcóticas, crescem muito lentamente; consagram-se em cerimonias fúnebres e empregam-se em trabalhos de magia negra.

As plantas que recebem a influência de Júpiter têm um sabor doce, suave, sutil, fracamente acidulado; todos os vegetais desta classe dão fruto, embora alguns não mostrem a flor; muitos dão fruto abundante e de aspecto esplendoroso.

As plantas influenciadas por Marte são ácidas, amargas, acres e picantes e tornam-se venenosas por excesso de calor; são também espinhosas, provocam comichão ao tocá-las ou prejudicam a vista.

As plantas do Sol são aromáticas, de um sabor bastante acídulo; tornam-se admiráveis contravenenos; algumas delas permanecem sempre verdes; possuem a virtude da adivinhação e são aconselhadas contra os maus espíritos; movimentam-se em direção ao sol ou apresentam a figura dele em suas folhas, flores ou frutos.

As plantas influenciadas por Vênus são de sabor doce, agradáveis e untuosas; produzem flores, mas sem dar frutos, possuem sementes em abundância e são geralmente afrodisíacas; seu perfume é quase sempre suave. São empregadas nas práticas de magia sexual.

QUADRO

	Tamanho	Flores	Odor	Frutos
Saturno	Grande, triste	Negras, cinzentas	Desagradável	Ácidos, venenosos
Júpiter	Grande, frondoso	Brancas, azuis	Inodoro	Ligeiramente ácidos
Marte	Pequeno, espinhoso	Vermelhas, pequenas	Picante	Venenosos
Sol	Médio	Amarelas	Muito aromático	Agridoce
Vênus	Pequeno, florido	Belas, alegres	Fino, delicado	Açucarados
Mercúrio	Médio, sinuoso	Pequenas, cores várias	Penetrante	Sabores diversos
Lua	Caprichoso	Brancas	Suavíssimo	Insípidos

As plantas que estão sob a influência do planeta Mercúrio possuem um sabor misto; produzem flores e folhas, mas não frutos; as flores são pequenas e de cores variadas.

As plantas que sofrem a influência da Lua são insípidas, vivem perto da água ou dentro da água; são frias, leitosas, narcóticas, antiafrodisíacas; suas folhas costumam ser de grande tamanho. Empregam-se em despachos de bruxaria.

SIMPATIA E ANTIPATIA das plantas de acordo com os signos:

Há simpatia entre :
Touro; Câncer; Sagitário.
Gêmeos; Libra; Aquário.
Câncer; Libra; Virgem; Touro
Escorpião; Câncer.

Há antipatia entre:
Touro; Libra; Escorpião.
Gêmeos; Capricórnio.
Câncer; Sagitário.
Virgem; Áries; Leão.

Planetas inimigos: Saturno; Marte; Sol.

Planetas amigos:
Vênus com todos, principalmente.com Marte.
Mercúrio com todos, mormente com Júpiter.

COMBINAÇÕES DE INFLUÊNCIAS. - Para ajuda do estudante leitor, vejamos alguns exemplos dos resultados que produzem as influências combinadas de vários planetas.

Por exemplo, Saturno com seu domínio forma uma planta de cor negra ou cinzenta — escura, de caule duro e sabor forte; uma planta grande, de flores sombrias; para dita forjação chama comumente a Marte e então a planta se torna rugosa, cheia de nós, de galhos inflados, de aspecto selvagem e atormentada.

Saturno e Vênus produzem grandes árvores, de grande resistência, porque a doçura venusiana proporciona a matéria que se desenvolverá no enxofre de Saturno.

Se Júpiter se encontra perto de Vênus, a planta nasce forte e cheia de virtudes.

Se Mercúrio influir sobre uma planta entre Vénus e Júpiter, então é ainda mais perfeita; torna-se um belíssimo vegetal, de corpo médio, com flores brancas ou azuis.

Se o Sol se aproxima dos dois citados anteriormente, a flor se torna amarela.

Se Marte não se mostra contrário a isso, a planta é capaz de resistir a todas as más influências e torna-se própria para excelentes remédios, embora semelhante combinação costume ser muito rara.

Se Marte e Saturno opõem-se, a Mercúrio, Vénus e Júpiter, resulta uma árvore venenosa de flores avermelhadas e amiúde (por causa de Vénus), de tato áspero e sabor detestável.

Sim, apesar de Marte e Saturno se oporem, Júpiter e Vénus manifestam seu grande poder e Mercúrio mostra certa debilidade; a planta será quente e de virtudes curativas; seu caule será fino, a intervalos áspero e espinhoso; suas flores nascerão brancas.

Se Vénus está próxima de Saturno e se a Lua não está em oposição a Marte e Júpiter, teremos então uma planta bonita, tenra e delicada, com flores brancas, inofensiva, porém de pouca utilidade.

PARTE SEGUNDA

O HOMEM E A PLANTA

O mundo das plantas está sob a influência dos planetas e tem como finalidade alimentar o homem e curar as doenças.

A planta pode nutrir o homem, isto é, reparar suas forças orgânicas diminuídas.

Em seu corpo físico, ou seja a alimentação; em seu corpo eletromagnético, ou seja a cura de suas doenças, e em seu corpo astral: sonambulismo, êxtase, cerimonias mágicas, adivinhação.

Por sua vez, o homem pode fazer três coisas em favor da planta: cultivá-la (agricultura mágica). Redimi-la (crescimento mágico). Ressuscitá-la (palingenesia).

ALIMENTAÇÃO

Não é minha intenção fazer, aqui, uma defesa do vege-tarismo; autores mais conhecedores do assunto e com mais autoridade do que eu demonstraram suas vantagens. Tomarei somente a liberdade de indicar algumas regras dedicadas aos debutantes vegetarianos.

19 - Convém pular da creofagia ao vegetarismo com certa lentidão e parcimônia; e não devem ser trocadas as bebidas fermentadas pelo leite ou pela água até que a mudança de regime se tenha verificado para os alimentos sólidos. Esta mudança deverá ajudá-lo por meio de um consumo maior de fruta carnosa e aquosa.

29 - Se possível, efetuar esta mudança de regime no campo.

39 - Caso permaneça nas grandes cidades, não iniciar o regime nas tavernas ou restaurantes; e não fazê-lo, também, se a pessoa sofre de fraqueza geral.

49 - Ter em mente que a quantidade de alimentos vegetais deverá ser maior do que a alimentação animal que se seguia anteriormente.

59 - Conservar durante muito tempo o pescado nas minutas; os ovos, o leite, a manteiga de vaca não devem jamais ser excluídos absolutamente, afora os casos especiais de ascetismo.

69 - Finalmente, deve-se aprender, ao mesmo tempo, a governar o organismo físico; e antes de tudo, o homem deve ser senhor, por vontade, das pequenas irregularidades de funcionamento que podem produzir-se.

INSTRUÇÕES SOBRE AS COMIDAS. - De um modo geral se pode dizer que quanto mais forças se gastam para o cumprimento de um ato, tanto mais proveitoso e útil se torna este ato para nós. Razão porque, numa medida de extrema precaução, levando as coisas na ponta de espada, conforme vulgarmente se diz, conviria que nós mesmos cultivássemos nossas plantas alimentícias, fizéssemos a colheita e as preparássemos, valendo-nos de utensílios que só serviriam para dito fim. Para as iniciações naturalistas e panteístas que desenvolvem esta teoria, estudando-a com todo pormenor e muita profundidade, deve-se começar purificando e aperfeiçoando cada um seu corpo astral e finalmente sua inteligência. Por isso vemos que os brâmanes e os ascetas hindus são obrigados a preparar eles mesmos os seus alimentos e em nenhum caso consentem que os utensílios de cobre, que constituem sua bateria de cozinha, sejam tocados por outras mãos que não as suas próprias.

Daqui procedem também as prescrições referentes à posição do corpo durante os ágapes; existem certas relações entre as correntes eletromagnéticas de um planeta e os seres ou indivíduos que vivem sob sua influência; seria prolixo enumerar os fundamentos desta teoria, porém porfiamos pela prescrição que aconselha que os habitantes de nossas regiões comam com o rosto voltado para o

norte.

Outra prescrição é aquela que se refere às abluções; os sacerdotes hindus se lavam as mãos, os pés, a boca, o nariz, os olhos e as orelhas, repetindo com frequência uma invocação sagrada; costume este que em nossas regiões corresponde à Bênção da mesa que, pronunciada magicamente, isto é, expressada com unção verdadeira, do fundo do coração, possui um valor real e positivo de dinamização.

Finalmente, uma última prescrição é a do silêncio, que é observada pelas comunidades religiosas do mundo inteiro. Tem por finalidade, pela concentração de toda a atenção no ato da comida, reduzir a quantidade de matérias necessárias à refeição, por meio de proporções sensíveis. Desta maneira a digestão requer uma menor atividade perto do plexus solar, donde resulta uma notável economia de força nervosa de que os exercícios de contemplação precisam para que se tornem verdadeiramente frutíferos. Mas, para as pessoas que vivem no mundo e com o mundo, na atmosfera pesada das grandes cidades, a alegria é o melhor digestivo e vale tanto como o melhor álcool para estimular a preguiça do estômago.

TERAPÊUTICA

As virtudes curativas do reino vegetal foram celebradas desde os tempos mais remotos; neles já se destacava uma geral intuição sobre o particular. O próprio nome helênico do deus da Medicina — Esculápio — significava o bosque, a esperança da saúde ou, segundo Porfírio, a faculdade solar de regenerar os corpos ou, para nos expressarmos melhor, aquela faculdade que repara as soluções de continuidade nos tecidos humanos.

As plantas podem ser empregadas em medicina dentro de seus três estados: vivas, mortas ou ressuscitadas.

A planta viva serve de modificadora do centro ou corpo interior, principalmente quando é aromática. Seu perfume tonifica todas as inflamações das mucosas respiratórias. Desta forma, os tísicos acalmarão seu mal-estar, respirando o aroma dos pinhos, da alfazema, do alecrim, da menta, etc.

Este é o emprego exotérico das plantas vivas; seu emprego esotérico é indicado por Paracelso sob o nome de transplantação das doenças.

As doenças podem ser contagiadas ou transportadas da pessoa que as padece para qualquer outro ser vivente.

Embora recomendada pelos grandes mestres do Ocultismo, esta prática é perniciosa para o plano espiritual do homem e do vegetal; algum dia me alongarei em maiores explicações sobre este assunto; por ora contentar-me-ei com passar o modus operandi sob o mais absoluto silêncio.

Para as feridas e úlceras, empregam-se Polygonum persicaria, Symphytum officinalis, Botanus europeus, etc.

Para dor de dentes, esfregam-se as gengivas, até que sangrem, com raiz de Senecio vulgaris.
Para a menorréia uterina, Polygenum persicaria.
Para a menorréia difícil, Menta polegium.
Para a tísica pulmonar, o roble e a cerejeira.

Chegou-se hoje em dia a experimentar a ação à distância, sobre indivíduos hipnóticos, de determinadas substâncias medicinais. Haja vista os trabalhos dos doutores Bourru, Burot, Luys e dos magnetizadores da primeira metade do século XIX sobre este particular.

E cumpre insistir que não apresentamos aqui senão exemplos isolados, que o leitor estudioso poderá ir multiplicando a seu bel-prazer segundo as leis dos signos.

A planta colhida pode ser utilizada exotericamente: em sumo, em pó e em infusão.

Em decocção (fervida em água); tem resultados mais ativos do que em infusão.

Em magistério, ou seja pela fórmula e preparação secretas.

Em tintura (combinada com álcool). Em quintessência.

Eis aí, portanto, as indicações práticas sobre esta farmacopéia exterior, extraída dos livros de Paracelso; qualquer pessoa poderá fazer com elas variadas experiências e manipulações diversas.

E tenha-se sempre em mente que um medicamento vegetal é sempre tanto mais ativo, se a sua preparação é realizada por uma pessoa robusta e animada do desejo de curar.

TINTURAS, DECOCÇÕES, PÓS, ETC. - Para apresentação e desenvolvimento de nosso exemplo, lançaremos mão de três medicamentos vegetais: o heléboro, o breu e a cicuta.

De Paracelso transcrevemos o seguinte:

"O povo tem acreditado erroneamente que a planta chamada heléboro se julgará boa unicamente para a cura da loucura, já que é também utilíssima para curar e prevenir numerosas doenças, inclusive para conservar e prolongar a vida. Sua eficácia e virtude, observadas atentamente, se tornam notáveis para renovar a natureza do corpo, purificar o sangue e purgá-lo de todo tipo de excessos. Na antiguidade o heléboro era aplicado com êxito, fazendo-se com ele práticas muito bem sucedidas, que hoje caíram em desuso para prejuízo da humanidade, razão porque valeria a pena que o heléboro recuperasse sua primitiva prestância.

"Em primeiro lugar, convém escolher o heléboro negro de Teofrasto, que é o mais raro e o mais radical entre todas as suas espécies, segundo opinião de todos os que, durante longos anos, praticaram o sacerdócio da medicina. Os efeitos daquele são mais doces e favoráveis do que os de outros conhecidos, como o heléboro de Dioscórides, o heléboro branco, a heleborina ou falso heléboro, os quais proporcionaram resultados imprecisos em diversos ensaios.

"Pode-se colher a raiz do heléboro negro, cortá-la e fazer com ela uma pasta que será posta ao ar durante a noite; na manhã seguinte será cozida lentamente; depois de tirada do fogo, será transformada em pó. O peso deverá ser de meio escudo; será tomada horas antes das refeições, três ou quatro vezes ao ano, principalmente na primavera e outono.

"Isto representa uma manifesta precaução para evacuação das imundícies do corpo, das quais se originam as mais graves indisposições; e pode-se aumentar a dose, se se quiser.

"Pode-se, também, cozinhar as folhas e a raiz do helé-boro com pão de centeio e, transformado em pó, tomá-lo como corretivo; a dose deve ser de trinta a quarenta gramas, podendo contudo ser mais para pessoas robustas, tanto em pílulas, em obreia ou tabletes, em pasta cozida ou por meio de outra manipulação antes da refeição do meio-dia.

'Toda a planta pode ser tomada também em pó; com a medida de peso anteriormente indicada, sem nenhum tipo de preparação, como era costume em Roma.

"Dita raiz pode ser condimentada com carne, no cozido; desfeita em sopa ou tomada diluída num líquido qualquer; é maneira de depurar-se bem e suavemente. Pode-se acrescentar a quantia que se quiser de algum ingrediente que resulte em agradável sabor.

"Os hunos, para purificar seu sangue, acostumaram-se aos poucos e insensivelmente ao uso das folhas do heléboro negro, colhida em perfeita maturação, e não ignoravam que, misturada com açúcar, a água de heléboro constituía um grande elixir para prolongar a vida e prevenir todo tipo de doenças, tanto externas como internas, até que lhes chegasse a hora da morte.

"No começo, a dose deve ser de 10 a 15 gramas, aumentando gradativamente até chegar a 30: então, durante algum tempo se tomarão os 30 gramas, para passar a um regime mais prolongado

durante o qual se tomará uma dracma (uns três miligramas e meio), de seis em seis dias; desta maneira o heléboro se familiariza com o estômago e, ao perder sua grande força purgativa, se transforma somente num magnífico reconstituinte.

"Por meio da indústria se reduz a bálsamo e a dose desta virtude balsâmica é de 10 gramas.

"Tira-se dela uma excelentíssima quintessência, superior a todos os preparados anteriores de heléboro que se ministram para rejuvenescer o corpo; a porção, neste caso, deve ser de cinco a seis gotas diluídas em algum licor apropriado, por exemplo, em água de melissa ou agrimônia.

"Depois de bem lavada e borrifada com vinagre, de toda a planta se destila uma espécie de xarope para purgar o humor negro e terrestre ou seja, melhor dito, para separar da natureza o puro do impuro, o saudável do nocivo e para arrancar toda classe de males que daquele provêm. Dito xarope atua com mais segurança e mais eficazmente do que qualquer outro purgante; é preferível ao extrato, embora ambos não tenham outro objetivo senão a ação de purgar; este último não é bastante poderoso para purificar todo sangue e conservar logo a saúde dentro duma estabilidade firme.

"Ao uso frequente desta planta, mui particularmente de sua raiz, devem-se a maravilhosa ação contra as mais terríveis doenças e a faculdade extraordinária de renovação do corpo e purificação do sangue; como também a excelente purgação, salvação da saúde; e é por isso que poderíamos qualificar este remédio como uma segunda medicina universal, sempre que se tenham em conta as condições aqui expostas superficialmente."

ÁGUA DE BREU - Também de Paracelso: "Dissolva-se uma parte de breu em quatro partes de água fria, agitando-se com uma colher de madeira, pelo espaço de uns dez minutos. Conserve-se dita mistura bem fechada durante vinte e quatro horas, a fim de que o breu tenha tempo para precipitar-se. Colocar-se-á imediatamente a parte líquida numa garrafa, abandonando-se o resto, que para o caso não tem nenhuma utilidade.

"Deve-se ter presente que a água de breu, para ser perfeita, terá que assumir uma cor de vinho claro como os chamados vinhos brancos da Espanha ou da França."

A ÁGUA DE BREU PARA USO EXTERNO - "Derramem-se dois quartilhos[5] de água fervendo sobre um quartilho de breu; mexa-se tudo com um pau ou uma colher de madeira durante quinze minutos; deixe-se em repouso durante dez horas e em seguida poderá ser usada, procurando mantê-la bem vedada.

"A água de breu pode ser mais ou menos forte segundo as necessidades ou a gosto do consumidor."

Emprega-se em loção contra o mal de pedra, a sarna, as úlceras, as escrófulas, a lepra; e tomada como bebida ou uso interno contra as seguintes doenças: varíola, erupção sanguínea, ulceração de intestino, inflamação, gangrena, escorbuto, erisipela, asma, indigestão, mal de pedra, hidropisia e histerismo.

O melhor breu é tirado do Pitchpin, espécie de abeto ou pinho do Norte, que necessita de um terreno especialmente seco e muito elevado.

PREPARAÇÃO DO EXTRATO DE CICUTA. -Tomam-se alguns caules e filhas de cicuta tenra. Espreme-se o suco; põe-se a evaporar em fogo lento, numa panela de barro cozido, mexendo-se de vez em quando. Dita decocção durará até que o extrato se torne completamente espesso; acrescente-se em seguida uma quantidade proporcional de pó de cicuta para poder formar com ela uma pasta consistente, com a qual se confeccionarão pequenas pílulas.

Se, ao invés de utilizar a cicuta tenra, se fizer a decocção com a mesma planta, porém seca, é bem certo que a preparação não chegará a ter igual virtude.

A medicação deverá ser iniciada com doses muito pequenas, que aos poucos poderão ir

aumentando de proporção; depois de cada dose que se tome, procure-se ingerir algum líquido quente, como caldo ou então alguma infusão de flores cordiais.

As folhas de cicuta, secas e cortadas, podem ser usadas também para uso exterior; colocam-se em um saquinho de pano e, depois de deixá-lo alguns minutos dentro duma caçarola com água fervendo, faz-se aplicação em compressas na parte afetada.

Todas estas preparações constituem perfeitos calmantes, para as quais se usará a planta chamada cicuta offici-narum, cicuta vera ou conium macultatum, seu conium steminibus sriatis.

Teofrasto garante que a melhor cicuta cresce na sombra e nos terrenos frios; é o que se dá com a de Viena (Áustria), enquanto a dos arredores de Soissons é muito mais ativa do que a de Paris e a da Itália.

Hipócrates, Galeno, Avicena e uma infinidade de outros médicos, também pertencentes à antiguidade, à Idade Média ou à Renascença, empregavam a cicuta como medicamento de uso interno para resolver tumores, para cólicas de toda espécie e para acalmar os ardores da matriz.

Também nossos avós se serviam muito, para estes casos e como tônico em geral, de uma quintessência de celidônia, de melissa, de valeriana, de betônia, de açafrão e de aloés.

PROIBIÇÕES CANÔNICAS. - É sabido que, segundo a medicina dos antigos, as condições astrológicas no momento da colheita das plantas influíam extraordinariamente sobre as virtudes das mesmas. Ditas práticas eram terminantemente proibidas pela Igreja.

Nos cânones tirados dos livros penitenciais de Teodoro, arcebispo de Cantuária; do venerável Beda, de Raban, arcebispo de Mainz; de Haligarius, bispo de Cambrai, da coleção publicada por Luc d'Archery; daquela de Isaac, bispo de Langres; de Eybert, arcebispo de York; do XIX livro do "Decreto", de Buchard; da XV parte do "Decreto", de Ivo, bispo de Chartres — deparamos com dados suficientes que demonstram a unanimidade de critério em condenar todos os que se fixaram em "sinais supersticiosos" para plantar árvores, etc, condenação que consistia em dois anos de penitência nas festas de preceito da Igreja; e para os que colhiam ervas medicinais, acrescentando ao ato da coleta palavras de encantamento, a penitência era de vinte dias.

J. F-. Bonhomme, visitador apostólico sob o pontificado de Gregório **XIII,** em seus "Decretos" (impressos em Vercail, 1579), proíbe a coleta do feto ou do grão de feto e de outras diversas plantas, em determinado dia ou determinada noite; particularmente quando se tenha em pensamento que ditas plantas não podem ser colhidas em outro tempo, sob pena de se perderem suas virtudes e eficácia — "Se houver alguém culpado de tais superstições — diz — será castigado severamente de acordo com parecer do ordinário do lugar."

Inútil dizer que para o Iniciado, para o Mago, para o Adepto essa classe de proibições não têm nenhum valor, devido à sua pueril importância. Para o Místico, correspondem a uma realidade e ele as cumpre, seguindo, porém, sempre outras razões de ordem mais elevada do que as da simples obediência de um fiel católico.

COLHEITA — A noite de vésperas de São João é muito boa para a colheita de toda sorte de plantas e ervas. Por outro lado, cada planta tem alguns dias especiais durante o ano em que sua força se acha mais exaltada; e também as horas da noite lhes são mais propícias e favoráveis. As plantas podem ser colhidas depois de terem sido consagradas por meio de palavras e sinais cabalísticos apropriados à sua significação astral; arrancam-se imediatamente da terra ou cortam-se com uma faca especial, indicando o fim a que se destinam[6].

As proibições da Igreja relativas a estas cerimonias têm sua razão de ser ou seus motivos fundados, que são muito secretos, conhecidos de muito pouca gente. A este respeito basta registrar que, do ponto de vista verdadeiramente místico e no plano da divindade, todo ato de magia é um ato

de rebeldia e, por isso mesmo, será objeto de repressão por parte dos que proclamam sua abstenção.

O TRATAMENTO HERMÉTICO DAS PLANTAS, uma vez colhidas, distingue-se totalmente da manipulação farmacêutica ordinária. Seu fim não consiste somente em dispor das qualidades físicas dos sucos das plantas, da maneira mais proveitosa, e sim em libertar a força viva, a essência, a alma, ou o bálsamo da planta — conforme diziam os antigos hermetistas.

O bálsamo é o azeite essencial dos vegetais; não é nem o azeite vulgar, nem o sal, nem a terra, nem a água, e sim algo muito sutil, o veículo do corpo astral. E este bálsamo se obtém por meio do fogo e não pela fermentação (Boherave).

Dito bálsamo é aquilo que Paracelso chama de um arcano, isto é, uma substância fixa, imortal e em certo modo incorpórea, que modifica, restaura e conserva os corpos; esta força se acha coberta de uma tintura que é obtida pela redução do vegetal de sua segunda matéria para a sua matéria primitiva ou, como diz Paracelso, do cagastrum ao aliastrum.

Para dizer a verdade, o poder curativo de um vegetal reside em seu espírito; assim sendo, portanto, em seu estado natural, a atividade do seu espírito é refreada e sua luz obscurecida pelo vestido da matéria: então é preciso destruir esses farrapos inúteis ou, quando menos, mudá-los por algo mais puro e mais fixo. E esta mudança ou transmutação se efetua por meio duma cocção durante a qual se acrescenta uma substância capaz de absorver toda sorte de impurezas. A escolha de dita substância deve ser ditada pela consideração de que o sabor de um vegetal indica a fome que o devora, isto é, o tipo ideal para o qual tende; será preciso observar, consequentemente, a cocção com um sal mineral da mesma força planetária.

Obtêm-se três coisas por meio de dita cocção: um sal, uma primeira matéria e um mercúrio, isto é, uma água fixa.

"Queimamos as plantas — diz Santo Tomás em seu opúsculo Lápide Filosófica — no forno de calcinação e em seguida transformamos tudo isso em água, que destilamos e coagulamos, até convertê-la numa pedra dotada de virtudes de maior ou menor amplitude, segundo as virtudes das plantas empregadas e sua diversidade."

Existem três sais ou potências vegetais particularmente úteis à terapêutica, a saber:

O primeiro é jupiteriano, de bom perfume e bom sabor; é produzido interiormente por uma força de expansão divina e, exteriormente, pelo Sol e por Vênus. Mas este sal não é suficientemente forte para curar por si só; é inimigo da vida peçonhenta produzida por certos fogos e determina a harmonia ou uma aproximação para a doçura. O sal de Marte é amargo, ígneo e adstringente.

O sal de Mercúrio é dinâmico e determina as reações mais saudáveis.
Júpiter e Vênus são os antídotos destes dois últimos.

A primeira matéria que se extrai, em seguida, dos vegetais é nutritiva; é quase sempre um azeite com o qual o temperamento do paciente recobra força e vigor.

Finalmente, o mercúrio de vida é regenerador e vivificante; só pode ser extraído dos vegetais quase perfeitos, de doce sabor e influenciados pelo Sol, por Vênus e por Júpiter. Os vegetais de forte rudeza não atacam a raiz deste mercúrio; é por isso que não se desenvolvem senão em virtude dos quatro elementos, ao passo que este mercúrio chega até o corpo astral.

Damos, abaixo, um sistema geral de preparação das plantas. O operador deverá modificá-lo segundo a qualidade elemental de cada uma delas.

Uma vez colhida e cortada em pequenos pedaços, põe-se a planta para amolecer em água salgada e quente, um dia, em lugar escuro, depois de ter estado em infusão em álcool, ao sol, durante uma semana. Guardam-se, de lado, os resíduos sólidos, a água de amolecimento, etc. Preparam-se dois

recipientes unidos pelo gargalo, envoltos em trapo preto e, depois de introduzidos os líquidos e os resíduos, põem-se a aquecer, com um calor constante de 39 a 40 graus, durante três semanas. Seja qual for a planta, se há de conseguir um licor bastante espesso, fixo e de cor avermelhada; tanto os gases como os líquidos e os sólidos obtidos por este processo possuem qualidades especiais maravilhosas.

CURA — Como regra geral, é melhor empregar os sais de Marte e de Mercúrio, por serem mais ativos, unindo-os por Vénus e Júpiter, de modo que encontrem meio de extinguir o fogo de sua cólera. Quando se tiver conseguido isto, a cura está realizada, isto é, a harmonia se restabeleceu; e será necessário somente um pouco de sol para pôr tudo em movimento.

O médico deve saber que as boas plantas podem ser desvirtuadas por uma maneira má de olhar de Saturno e de Marte e que as plantas venenosas podem, frequentemente, se tornar benéficas graças ao Sol, a Júpiter e a Vênus.

Nas curas se há de sempre ter em mente o semelhante pelo semelhante (similia similibus curantur), pois nunca se deve receitar uma planta de Vénus para uma doença de Saturno; pelo contrário, administre-se uma erva que, beneficiada pela ira de Marte, venha de Júpiter ou de Vénus; pois, quanto mais ardente for uma planta, melhores resultados dará para as curas, conquanto sua cólera tenha sido transformada em amor, de vez que a morte sobrevirá prontamente, se o veneno cair dentro da propriedade de Mercúrio.

PRIMUM ENS MELISSAE, segundo Paracelso. Tome-se um quartilho (meio litro) de carbonato de potassa puro, exponha-se ao sol até que se dissolva, filtre-se em seguida e acrescente-se uma boa quantidade de folhas de melissa que submergirão totalmente no líquido. Ponha-se tudo a fogo lento, em lugar fechado, durante vinte e quatro horas; filtre-se de novo, derramando sobre o líquido uma quantidade de álcool; espere-se dois ou mais dias, até que o álcool tenha assumido uma cor esverdeada; retire-se, depois, dito álcool, trocando-o por outro, até que não permaneça nada da cor verde. Então se destilará, evaporando-se, e permanecerá um suco de consistência espessa como um xarope.

É condição indispensável que o álcool e o álcali sejam duma pureza absoluta e de essência muito concentrada.

CONTRAVENENO. - Um dos contravenenos mais ativos contra os efeitos de certos vegetais é constituído pela seguinte composição:

Numa mesma caçarola, põem-se a esquentar álcool e tártaro a uma temperatura suave porém constante. O tártaro destila uma espécie de azeite avermelhado, dotado de propriedades particulares. Este azeite é indicado como excelente contraveneno para o caso. Tomam-se quatro goles, a ligeiros intervalos.

MAGIA

Toda a magia do reino vegetal reside no conhecimento dos espíritos das plantas. A Antiguidade conheceu-os sob os nomes de dríadas, hamadríadas, silva nos, faunos; são os dusii de Santo Agostinho, as fadas da Idade Média, Doire Oigh dos gauleses, os Grove Maidens dos irlandeses. Paracelso dá o nome de silvestres aos habitantes dos bosques e o de ninfas, aos das plantas aquáticas.

Estes seres pertencem à classe daqueles que o ocultismo classifica de elementais; são os habitantes do plano astral que aspiram a elevar-se até à condição humana; são dotados de uma

espécie de inteligência instintiva e variam de forma ao mesmo tempo que o ser material ao qual estão ligados. São estes que os antigos Rosa-cruzes utilizavam em suas curas milagrosas, pois, a título de servidores obedeciam com toda naturalidade e precisão às ordens do homem espiritual.

Seu poder é tão grande sobre o plano material porque habitam no limite de dito plano e do plano astral; podem efetuar curas e visões surpreendentes, da mesma forma que os elementos do reino mineral produzem, quando são bem dirigidos, todos os fenômenos da alquimia, e os do reino animal, a maioria das manifestações do espírito.

MAGIA RELIGIOSA. - O simbolismo vegetal se acha extensamente exposto nos livros sagrados das antigas religiões; é-nos suficiente recordar a árvore da ciência do bem e do mal e a árvore vivificadora do Éden; símbolos dos dois sistemas que Adão podia ter seguido para cumprir sua missão no mundo; a árvore de Sephiroth da Cabala; o Aswatta ou figueira sagrada, símbolo do conhecimento supremo; o Haonna dos mazdeístas, pelo qual Zoroastro representou o método sanguíneo e o sistema nervoso do homem e do universo;o Zampoun do Tibete; o Iggradsil, o roble de Ferécides e dos antigos celtas.

Todos estes símbolos, dados aos vegetais, possuem vários sentidos diferentes. A fim de não nos afastarmos demasiado de nosso objetivo, citaremos somente aquele que se refere ao desenvolvimento mental. Todas as lendas de caráter religioso nos representam os adeptos adquirindo a onisciência debaixo duma árvore; somente Cristo, que significa, entre outras coisas, a própria ciência, deixou de figurar sob dito simbolismo; na realidade, a razão disto é bastante duvidosa; tende para a própria definição da criatura ou, se preferirmos, à dupla utilidade e ao duplo uso que ela pode fazer de seu livre arbítrio. Assim, vemos que o simbolismo religioso completo necessita da expressão de duas árvores: a tradição cabalística ou egípcia indica-o, já que ela teve que ser coroada com a descida do Filho de Deus; as outras tradições, por constituírem herança de raças em vias de desagregação, não assinalam em suas fórmulas exteriores mais do que a Árvore da Ciência.

Segundo as iniciações naturalistas, esta última outra coisa não é senão a imagem do homem interior; seu tronco representa a medula espinhal, seus galhos são os setenta e dois mil nervos conhecidos dos iogues hindus; além disso, tem sete flores, que são os sete centros do corpo astral; suas folhas são o duplo aparelho respiratório que os pulmões encerram; suas raízes, o pólo genital e as pernas; sua seiva é a epetricidade cósmica que corre pelos nervos e que aparece deste o éter cerebral até a terra espermática.

A palavra Ioga é sinônimo da palavra religião, em sânscrito; ambas significam o ponto que une o homem ao Universo e a Deus; seu processo é o mesmo que aquele pelo qual uma semente colhe, de um terreno informe e obscuro, as moléculas com as quais vai formar uma flor bela e aromática. Segundo o ideal de quem a pratica, a Ioga transforma as moléculas impuras do corpo físico em moléculas fixas e inalteráveis; as paixões baixas, em puro entusiasmo; a ignorância intelectual, em luz de verdade. Esta a razão por que os mestres da Ioga são representados debaixo duma árvore sagrada.

MAGIA NATURAL - As diferentes tradições exotéricas ensinam várias utilizações das forças vegetais ocultas. A planta pode ser empregada segundo sua inteira individualização ou por uma de suas partes essenciais.

Ao primeiro método se refere esta espécie de pacto muito em voga entre os indígenas da América Central, da Nova Guiné, da Nova Zelândia, da índia e da Alemanha, mediante o qual se relaciona o destino de um recém-nascido com tal ou qual árvore. Deste modo, entre estas duas criaturas se desenvolve uma espécie de união de vida, íntima e estreita; a criança se aproveita do vigor da

árvore, mas, se esta recebe alguma ferida, aquela se ressente, sofre e acaba morrendo.

ÁRVORES MÁGICAS. — Não existe um único povo na índia que não tenha sua árvore mágica, a cujo gênio os indivíduos das classes baixas rendem um verdadeiro culto.

Também as tradições helênicas diziam que cada selva tem seu gênio e cada árvore, sua ninfa.

Não é raro, tampouco, ver sobre as Níngiris, alguma grande árvore com figuras grotescas grafadas com traços de zarcão e azul, com três pedras grandes pintadas de vermelho colocadas na parte inferior do seu tronco. Estas árvores são lugares de sacrifício e de adoração; nelas se encontram frequentemente restos de animais e madeixas de cabelos oferecidos pelos doentes e pelos possessos. Os indígenas chamam de Maunispouranms esses espíritos guardiães de tais árvores; trata-se comumente de espíritos benéficos, mas que têm um poder mágico muito reduzido, pois se limitam a um só e determinado objeto.

De vez em quando os indígenas consagram alguns de seus filhos a ditos génios, por um período de sete anos. Ao término deste prazo oferecem-lhe um grande sacrifício, deixando os cabelos da criatura suspensos na árvore.

Essas árvores pertencem quase sempre à família dos Ilex; algumas vezes são dos chamados Cinname selvagens, achando-se também no mesmo caso as conhecidas sob o nome de Eugenia.

FILTROS. — Com o nome de filtros podemos designar toda sorte de poções, em cuja composição entram substâncias preparadas magicamente para a obtenção oculta de um determinado desejo. Os três reinos da Natureza proporcionam numerosos materiais para ditas preparações. Contudo, ocupar-nos-emos tão-somente das substâncias proporcionadas pelo reino vegetal.

As pomadas, os electuários, unguentos, colírios ou poções mágicas procedem quase todas do domínio da magia negra. Seu número é muito grande e pode, ainda, ser aumentado por um mago inteligente. Vemos, assim, como os sacerdotes taoístas chineses, para todos os usos da medicina, da psicologia e da magia, empregam tão-somente treze substâncias vegetais, animais e minerais; mas delas sabem tirar uma infinidade de combinações.

Estas preparações podem ser empregadas sobre uma só ou sobre outras pessoas: todas atuam sobre o corpo astral e dele sobre um dos seus três focos: o instintivo, o passional e o mental.

No primeiro caso, produzem a saúde, a doença e todos os fenômenos fisiológicos possíveis. No segundo lugar, produzem o amor, o ódio e as demais paixões. Em terceiro lugar, provocam fenômenos de sonambulismo, de clarividência, de clariaudiência, de psicometria e de outras ordens ainda mais extraordinárias.

O folclore, as estórias de bruxarias, os relatos que todos têm tido oportunidade de ouvir a respeito de envenenamentos e assassinatos, à distância, de animais ou pessoas, encontram sua explicação na ação dessas substâncias mágicas atuando sobre o centro instintivo; e o mesmo se pode dizer com respeito aos filtros de amor; mas o emprego de plantas para provocar fenómenos psíquicos é menos conhecido. Essa arte se pratica ainda no Oriente, hoje em dia, na maioria dos conventos budistas, pelos taoístas chineses, pelos lamas tibetanos, pelos Tankris do Butã, pelos xamãs do Turquestão e determinadas confrarias dos derviches muçulmanos — sem contar o emprego instintivo que dele fazem quase todas as tribos selvagens de diversos continentes.

O haxixe e o ópio são duas das plantas mais conhecidas entre as substâncias vegetais com particularidades especiais para a ação mental. Porém, no Ocidente ninguém tem conhecimento da manipulação de que são objeto, a não ser que tenham sido iniciados no próprio Extremo Oriente. Os relatos de Quincey ou de Baudelaire, sem empanar-lhes o mérito da arte e da sinceridade, não nos revelam nenhum segredo sobre as possibilidades de tais remédios. A única coisa que podemos observar sobre o particular é que o emprego dessas drogas não pode levar ao êxtase intelectual mais

do que no caso em que o indivíduo soube previamente, sem excitação e pela única força de sua vontade, tornar-se dono e senhor de suas forças mentais e sentir-se capaz de governar a associação das idéias; e na realidade não se trata de tarefa demasiado fácil. Se não fosse assim, se o acostumado ao haxixe o toma sem fixar previamente o entendimento, é certo que se lança à aventura, como que navegando num barco sem leme, num oceano muito mais terrível do que o mar das índias com seus ciclones e tempestades; e pode chegar ao porto da loucura ou — o que é pior — pode não mais voltar.

Ragón, o grande intérprete moderno da Maçonaria, expôs numa .de suas obras algumas experiências novas: pegava discos de diversas cores, untava-os com um suco espesso de diferentes plantas e apresentava-os diante de pessoas em estado magnético para que as mesmas os contemplassem. Eis aqui o resultado de ditas experiências:

I. DISCO VIOLETA

Meimendro — Beladona — Estramônio

Movimento contínuo de braços e pernas, desejo de tocar em determinado objeto ou de andar até um ponto fixo; gritos, aulidos, vontades de morder ou de dar facadas, embriaguez, aparecimento de estados de espírito de bem-aventurança, realização de toda espécie de desejos. A lembrança persiste.

II. DISCO ÍNDIGO

Pimenta — Heléboro negro — Haxixe

Excitação febril; debilidade nas pernas. O indivíduo se põe de joelhos e quer rezar, mas não se lembra de uma única palavra. Perda da visão. As pálpebras tremem, os olhos se fecham, sono profundo. Desperta suando copiosamente

III. DISCO AZUL

Loureiro-cerejeira — Cânfora — Assa-fétida

Excitação geral; movimentos convulsivos, desejos de dormir, perda do conhecimento, sonolência, abatimento. Desperta tonto; não se lembra de nada.

IV. DISCO VERDE

Estricnina — Beladona — Acônito

Lágrimas abundantes; as mãos se contorcem, desejos de correr mais que um cavalo. Estremecimento geral dos membros. Despede-se como se fosse morrer, inchaço, estado letárgico

V. DISCO AMARELO

Ópio - Estricnina -- Heléboro branco

Movimento rítmico da cabeça, inchaço, sono; quando se lhe pede que abra os olhos, a presença do disco o torna furioso. Sonhos voluptuosos, calafrios, palidez extrema, abatimento, outra vez sono, estado zoomagnético. Nenhuma lembrança.

VI. DISCO ALARANJADO

Valeriana — Fumo — Dormideira

Grandes alegrias, inchação dos membros, sono; sendo obrigado a abrir os olhos, o disco lhe dá vontade de rir; uma risada ininterrupta; sofrimento moral inexplicável. Choradeiras, lucidez. Acorda entorpecido.

VII. DISCO ENCARNADO

Ameixeira — Alfazema — Dedaleira

Medo, encolhe-se; temores por causa de pessoas escondidas. Gritos lancinantes. Olhos

desorbitados, cãibras que duram mais do que uma hora. Demora em voltar a si.

Estas são as experiências levadas a efeito por Ragón, cuja prova não aconselharíamos a ninguém a repetir; como se vê, seus resultados não podem ser mais desastrosos e a única coisa que se consegue é destruir o sistema nervoso dos infelizes indivíduos, sob o falso pretexto duma utilidade científica imediata.

Reprovamos, de igual modo, todas as práticas da magia natural e física, salvo nos casos de terapêutica. A satisfação de um amor ou de um ódio, a vã aquisição dum conhecimento intelectual não constituem, por outro lado, coisas tão importantes que se possa, em nome delas, cercear o exercício do livre arbítrio e o desenvolvimento normal das leis do Universo. Só uma coisa é necessária: amar a Deus e ao próximo; tudo o mais é vão e perecível.

UNGUENTO DOS BRUXOS. - A título de curiosidade, vejamos abaixo algumas informações que temos tirado de um livro muito pouco conhecido que tivemos oportunidade de consultar na biblioteca de um prezado amigo nosso:

"Entre as substâncias simples de que o demônio se serve para perturbar os sentidos de seus escravos — das quais umas possuem a virtude de fazer dormir profundamente e outras sugestionam com figuras e representações, tanto quando acordado como dormindo — as seguintes parecem ter uma maior importância. São elas: a raiz de beladona, erva-moura furiosa, sangue-de-morcego, dormideira, perre-xil, tuia, pentafilão, ácoro vulgar, álamo branco, ópio, meimendro, cicuta, as espécies de dormideira, a hyuroye e a sinoxítide, que fazem aparecer os espectros do Inferno, isto é, os maus espíritos; como, ao inverso, a anaxítide provoca as imagens dos santos anjos".

Dentro da farmacopéia diabólica, Nynauld reconhece três tipos de unguentos. Os do primeiro tipo, que provocam unicamente sonhos, compõem-se de gordura de répteis, de perrexil, de acônito, de pentafilão, de erva-moura e de funguinhos (vermículos que se criam nos fungos).

Por virtude dos unguentos do segundo tipo, "o demónio convence os bruxos de que, uma vez untados, poderão empreender correrias pelos ares cavalgando uma vassoura ou um pau e dirigir-se a suas respectivas sinagogas, passando pelo buraco das chaminés ... Cabe contestar que na composição de dito unguento não entra mais do que simples narcótico, mas possuem a virtude de perturbar os sentidos, misturando-os com determinadas substâncias estranhas como, por exemplo, vinho em grande quantidade, miolos de gato, beladona e outras coisas que calo por temor a que dê ocasião às pessoas más de causarem prejuízo a seus semelhantes".

O terceiro unguento é facilitado pelo diabo às bruxas, persuadindo-as de que, uma vez untadas com ele, se transformarão em animais e poderão correr, assim, pelos campos. Em sua composição entram partes do corpo de um sapo, de uma cobra, de um ouriço-caixeiro, de um zorro, sangue humano, algumas ervas e raízes, sendo que de tudo isso Nynauld não fornece a dose.

O conselheiro d'Eckartshausen, que viveu em fins do século XVIII, dá a seguinte fórmula para provocar as aparições; pílulas compostas de cicuta, meimendro, açafrão, aloés, aipo, mandrágora, dormideira, assa-fétida e perrexil — todas estas plantas, secas e queimadas.

Contra os maus espíritos, o mais indicado é a assa-fétida, castoreum e o vinagre.

O próprio Nynauld, no capítulo VII de sua obra, registra as seguintes fórmulas de perfumes:

Para ver coisas raras e estranhas: raiz de urze, suco de cicuta, de meimendro e semente de dormideira negra.

Para ver coisas futuras: semente de linho e de psélium, raízes de violeta e de aipo.

Para afastar os maus espíritos: calaminta, peônia, menta e palma-christi.

Caso se queime fel de lula, tomilho, rosa e um pouco de aloés e logo se jogue água por cima, a casa aparecerá como se tivesse sido enchida completamente de água; se for lançado sangue, dará a

ilusão de estar cheia de sangue; e, se for lançado um punhado de terra, o assoalho da casa parece mover-se como se produzisse um tremor sensível.

AGRONOMIA MÁGICA

CULTIVO OCULTO DAS PLANTAS. Existe uma agricultura mágica cujos preceitos e sistema prático ou modus operandi foram esquecidos. O fundamento desta arte consiste em semear o grão na matriz exata que lhe é complementar e que, por isso mesmo, lhe corresponde. Assim como, dentro de regime de misticismo, o homem que achou seu tipo celeste se converte por este mero feito em poderoso executor de obras e admirável orador, a semente lançada em sua terra própria ou conveniente alcança a sua maior perfeição genérica.

As semeaduras se fazem sob os auspícios de Saturno; os antigos lavradores chamavam de Sat à semente e de Satur ao semeador. Semear significa o mesmo que internar alguém na escuridão, no profundo e no mistério.

As trevas provocam a luz e a massa informe dos cotilédones putrefatos chamam a flor radiante de cor e de perfumes ou a árvore majestosa e copada.

Vejamos o que acontece na grande maioria de casos de semeadura, isto é, quando a terra não corresponde em um todo ao germe que lhe é confiado. Anteriormente já vimos que o desenvolvimento subterrâneo deste se verifica sob a influência do Sal, do Enxofre e do Mercúrio da terra. O Sol está ali presente, como criador universal da vida, mas seus raios vitais invisíveis não são assimiláveis pelo grão escondido debaixo da terra mais do que quando lhe aparecem em qualidade de correspondência complementar com o mesmo. Chegamos então à conclusão de que, se a terra onde o grão se acha não satisfaz a essas condições, o Ens do germe estende suas pequenas raízes, esgotando suas forças em busca daquilo de que necessita e não encontra em sua proximidade imediata. Então a raiz cresce seca e rugosa, da mesma forma que o caule: o Sal, o Enxofre e o Mercúrio consomem-se a si mesmos e consomem sem resultado a vida solar que lhes chega sob uma qualidade inferior não assimilável por eles.

A arte pode remediar este inconveniente fundamental de duas maneiras: escolhendo com cuidado a terra que seja apropriada ao germe que terá que fecundar; ou, se a planta já tiver germinado, proporcionando-lhe um estimulante vital.

No primeiro caso convém conhecer a fundo tanto a proporção de participação do S a l , do Enxofre e do Mercúrio na composição da terra e do grão germinativo como a composição química que entra num e noutra.

No segundo caso, produzem-se, no transcurso da preparação da pedra, particularmente por via de sequidão, diversos líquidos de depósito que executam mui acertadamente a função de médicos para as plantas misérrimas ou enfermas.

De tudo isto faremos menção, em capítulo à parte, ao falar do crescimento mágico das plantas.

Além das relações da planta com o sol que a nutre fisicamente, deve-se escolher para ela uma sociedade que lhe seja propícia. Certas plantas prosperam, vivendo ao lado de outras, e morrem se suas vizinhas lhes são antipáticas. Daí se deduz uma questão de afinidade ou antipatia, como poderíamos demonstrar com múltiplos exemplos; e os seguintes foram feitos por experimentação diária.

A oliveira é amiga da videira e quer estar longe da couve.
O ranúnculo (a anêmona) é amiga íntima do nenúfar.
A arruda deseja viver perto da figueira.

Enfim, os agentes exteriores e em particular a luz exercem também sua influência poderosa sobre

a vida vegetal. O raio azul do espetro ativa a vegetação e o raio amarelo a retarda. Camilo Flammarión realizou, sobre este ponto, experiências terminantes e notabilíssimas.

COLHEITA DAS PLANTAS. - A boa doutrina astrológica nos ensina que as plantas devem ser colhidas em determinadas horas planetárias, ou melhor, no momento da conjunção dos planetas favoráveis sob cuja influência se acham, e quando os astros maléficos se encontram fora do raio de ação.

O pequeno dicionário que se acha no final da obra indicará os diversos casos que podem apresentar-se.

CRESCIMENTO MÁGICO DAS PLANTAS

O Dr. Carlos du Prel cita a seguinte passagem de Simão o Mago:

"Com apenas um gesto meu a terra se cobre de vegetação, as árvores crescem à vista dos mortais ... Meu poder é tal que faço sair pelos da barba dos efebos ... Mais de uma vez consegui que num instante crescessem rapidamente os arbustos que ainda não tinham saído da mãe terra ...".

Cristóvão Langhans conta o seguinte fato, num dos relatos de suas interessantes viagens: "Um faquir pediu uma maçã de Sina; tendo-a na mão, abriu-a, retirou dela uma de suas pevides e colocou-a debaixo da terra depois de tê-la borrifado um pouco com esta. Cobriu a parte da terra com uma pequena cesta, colocou uma pequena porção de fumo na boca e, ajustando a seus lábios um fio encerado, fê-lo correr diversas vezes por entre o fumo umedecido. Poucos instantes depois levantou a cesta do chão e, para surpresa de todos os presentes, mostrou-nos que crescera uma planta na terra no escasso tempo de meia hora. Tornou a cobrir a planta, fez alguns gestos raros e pronunciou algumas palavras misteriosas. Quando ergueu novamente a cesta vimos que a planta, além de ter crescido rapidamente, adornara-se com magnificas flores cheirosas; os companheiros do extraordinário faquir acompanharam-no então em seus gestos e movimentos e pudemos observar, imediatamente, que a planta já era uma árvore crescida e que dela safam exuberantes frutos. A fim de amadurecê-los, o faquir começou a dar um novo banho de fumo a seu fio maravilhoso e, passados uns quinze minutos, oferecia-nos cinco maçãs de esplêndida formosura e perfeitamente maduras. Provei uma delas e posso afirmar que achei-a muito semelhante aos frutos naturais; o comissário guardou uma para si como lembrança; o faquir arrancou, logo, a árvore com a raiz e jogou-a na água".

Vejamos outra prova da qual foi testemunha um viajante de nosso tempo. Quem no-la relata é J. Hingston em sua obra The Australian Abroad:

"Do terraço de um dos hotéis da rua principal vi um grupo de truões agachados no chão. Um deles colocou uma noz na terra, sobre as lajes, cobriu-a com dois pedaços de pano, que levantou várias vezes com a finalidade de afastar dos espectadores toda idéia de embuste.

"A noz partiu-se ao meio e aos poucos foi se transformando até que, passados uns dez minutos, se converteu num pequeno arbusto, com suas folhas e raízes."

Fatos semelhantes a estes têm sido observados na própria Europa. Em 1715, um médico chamado Agrícola realizou as seguintes experiências em Ratisbona, na presença do conde de Wratislau:

I.o Dispondo apenas de doze limões, fez crescer doze limoeiros com suas raízes, galhos, folhas e frutos.

2.o Realizou também a mesma experiência com maçãs, pêssegos e albaricoques, cujas árvores fez crescer até a altura de quatro ou cinco pés (um pé = O,33m).

3.o Para completar o resto da conferência destinada a esta classe de experiências, apresentou quinze amêndoas em estado de germe e fê-las crescer à vista do público, continuando assim magicamente seu desenvolvimento normal como se estivessem embaixo da terra, porém com

extraordinário aceleramento.

Concluiremos estes relatos maravilhosos, explicando outro ainda mais estupendo, se possível, no qual o protagonista do fenômeno é um fantasma. Os pormenores que iremos transcrever foram tomados também da obra do doutor du Prel, o famoso sábio que os ouviu dos lábios de uma testemunha ocular:

"Num centro espírita, um médium inglês, Srta. d'Espe-rance, conseguia a materialização de um espírito que se fazia chamar de lolanda. Durante uma de suas materializações, o fantasma pediu uma garrafa, água e areia; despejou a água e a areia na garrafa e colocou esta no chão, descrevendo ao seu redor alguns passos circulares; colocou imediatamente algumas sementes de Ixoracrocata e de Anthurium Schexe-rianum em cima dum pedaço de pano branco e retirou-se para o quarto escuro donde aparecera. Instantaneamente vimos mexer-se alguma coisa dentro da garrafa, lolanda mostrou-nos uma planta com suas folhas verdes, raízes e capulhos. A garrafa foi jogada ao chão e o fantasma entrou novamente no quarto escuro. Transcorreram ao máximo quatro ou cinco minutos e eis que todos os presentes, em número superior a vinte, puderam examinar com inteira liberdade as pequenas plantas, de umas seis polegadas de altura, com flores frescas e brilhantes.

Relatos parecidos podem ser lidos nos livros de Taver-nier (Voyage en Turquie), de Du Potet (Journal du Magné-t/sme), de Gouguenot des Mousseaux (Les hauts phénomè-nes de Ia magie), etc.

As experiências muito conhecidas de Lufs Jacollíot, cujas obras estão profusamente difundidas pelo mundo, confirmam igualmente esses relatos antigos.

Tampouco os filósofos mais proeminentes se manifestam, teoricamente, adversários de tais experiências.

"Sabemos — diz Eduardo von Hartmann — que as funções psicológicas da verdade vegetal podem ser poderosamente excitadas por meio dos raios luminosos de grande força, valendo-nos da eletricidade ou de reações químicas; e que algo disto acontece também com o homem. Uma criança de quatro anos pode conseguir o desenvolvimento de uma pessoa de trinta anos; e certos frutos que via de regra crescem velozmente, podem, por meios artificiais, alcançar uma maturação mais acelerada. Disso se depreende a possibilidade de que a força mediúnica opere também de uma maneira análoga."

O doutor du Prel, de quem tomamos todas estas citações, constrói do seguinte modo uma teoria que pode ser mais interessante:

Da mesma forma que a vida intelectual, no homem a vida orgânica oferece o exemplo da ação duma potência aceleradora análoga a essa que estudamos ao tratar das plantas. Nosso autor se refere a uma citação feita por ele mesmo em outra obra, La Philosophie de Ia Mystique. Trata-se da alteração do tempo em determinados fenômenos do sonho, durante os quais vários quadros ou cenas passam diante de nossos olhos e cujo desfile dura, ao que parece, muitas horas, quando na realidade sua duração é tão diminuta que é apenas questão de segundos.

No seio materno, ao término de nove meses o homem passa por um processo biológico que, na natureza exterior, dura milhões de anos. (Consulte-se Antropogenia, de Haeckel). Por que há de ser impossível a uma vontade exercitada construir ao redor de um ens vegetal ou animal, e até mineral, se quisermos, uma matéria invisível que proporcione a dito ens alimentos muito mais dinâmicos, isto é, mais espirituais? Isto é o que faz o faquir, segundo o que assegura o Dr. Encausse, em seu tratado de Magie pratique; é com sua própria vida que faz desenvolver a semente sobre a qual coloca sua mão. Naquele instante sua alma se acha concentrada numa espécie de fogo vivo de seu corpo astral, chamado em sânscrito o Swadishtana Tchakra, e estas são as forças da vida vegetativa que nutrem e desenvolvem o fenômeno diante do homem maravilhado.

Em lugar de pedir emprestado os materiais de ditos alimentos invisíveis a um organismo humano, pode-se buscar aqueles da Natureza; então é quando a Alquimia usa os seus processos. Eis aqui um par de fórmulas, tiradas de um tratado magistral sobre esta arte:

'Toma-se uma onça de Marte e uma onça de Vênus; amolecem-se a 75 graus num globo de vidro grosso; acrescenta-se ao caput mortuum verde ou encarnado uma quantidade de licor dissolvente esverdeado. Destila-se durante longo tempo; torna-se a destilar até as escórias, cinco ou seis vezes, de modo que não fique nada no recipiente. A evaporação se transformará num sal fixo e vermelho. Se forem colocadas sementes numa caçarola onde haja água com sal e se acrescentar um pouco de dito sal, as sementes germinarão rapidamente e nascerá um arbusto com folhas de reflexos dourados e frutos magníficos".

OURO POTÁVEL (para as plantas). - Transcreveremos uma das numerosas fórmulas conhecidas para compor este precioso licor.

"Põe-se ao fogo, a um calor de 400 graus, uma quantidade de enxofre preparado alquimicamente. Um tanto gelatinosa no começo, a massa se funde novamente, destila-se e vemos que deixa um resíduo. Recolhe-se este resíduo e mescla-se intimamente com um sal até transformar-se em pasta; em seguida, destila-se a mistura por meio duma temperatura alta; passa-se o caput mortuum pelo tamis, repetindo-se esta operação até que a destilação não produza senão uma água insípida.

"Combinando-se esta fórmula com álcool puro (como se faz com o sal de tártaro), obtêm-se um azeite e uma água, que é preciso separar. Esta água dissolve o sal de ouro e, uma vez que se acha bem saturada de metal, resulta um líquido excelente com o qual se regam as videiras doentes, as árvores frutíferas que crescem pouco, etc."

A PALINGENESIA

Pouco ou muito, já existe quem se ocupe, na atualida-de, dos problemas misteriosos da biologia dos três reinos inferiores da Natureza; os mais intuitivos de nossos contemporâneos estão convencidos de que existe algo por trás da botânica e da zoologia oficiais. Este algo, os grandes iniciados de todos os tempos o conheceram e, ao menos em cintilações, deixaram-no refulgir no mundo. Se a Alquimia é célebre na história do desenvolvimento científico do nosso Ocidente, a Botânica Oculta é muito menos conhecida e a Zoologia Oculta é ignorada quase por completo. Apesar disso, as três existem, quais desenvolvimentos sucessivos de uma única noção: a vida terrestre.

Para cada um dos três reinos desta Vida, pode-se reconstituir a Arte e a Ciência que lhes eram consagradas nos antigos Templos da Sabedoria, mas este não é o lugar mais adequado para construir hipóteses sedutoras. E nas sínteses desaparecidas outra coisa não vamos buscar senão os estritos materiais de que precisamos para construir a teoria de nosso objetivo.

Entre o mundo material e o mundo espiritual há algo que faz as vezes de intermediário, que é o mundo astral: este mundo astral, que se prodigaliza e repete através dos três reinos da Natureza, chama-se, segundo Paracelso, Leffas para os vegetais e, combinado com sua força vital, constitui o Ens primum, que possui as mais altas virtudes curativas. E é ele e nenhuma outra coisa o verdadeiro objetivo da Palingenesia.

Como se vê, é uma arte tríplice, que consiste em fazer reviver a alma, isto é, simplesmente o fantasma da planta; ou então em fazer reviver o corpo e a alma da planta; ou, em última análise, criá-la com materiais tomados ao reino mineral.

Apresentaremos algumas receitas palingenésicas que se referem em sua totalidade ao primeiro

trabalho. Não se tem conhecimento de nenhum escrito sobre a ressurreição e a criação física das plantas.

"Um tal Polonois conhecia a arte de encerrar os fantasmas das plantas dentro de suas redomas, de modo que, sempre que lhe aprazia, fazia aparecer uma planta numa redoma. Cada recipiente continha seu arbusto; no fundo aparecia, igualmente, um pouco de terra semelhante a cinza. Tudo isso fechado hermeticamente. Quando queria expor esse arbusto diante de alguém, esquentava suavemente a parte inferior da redoma. O calor que penetrava nela fazia sair do seio da matéria lodosa um caule, uns galhos, seguidos de folhas e flores, segundo a natureza da planta, cuja alma tinha encerrado; e essa visão permanecia intacta aos olhos dos espectadores enquanto durava o calor excitante.

"É invariavelmente sobre o padrão mórfico da planta, sobre seu corpo sideral ou potencial — substrato da matéria visível (ela mesma reduzida ao estado de caput mortuum) — que o fantasma vegetal se delineia, em objetivação efêmera no primeiro caso; e que, no outro caso, preside de modo vegetativo o agrupamento molecular da matéria nascente.

"No Grande Livro da Natureza, publicado no século passado sob os auspícios da seita mística Rosa-Cruz, encontramos todas as fases da operação espagírica necessária para chegar a obter o fênix vegetal. É o vaso preparado para a prova de palingenesia, o que o autor cita por meio desta metáfora. Quanto às manipulações essenciais, será sob reservas que revelaremos o receituário, procurando resumir o pormenor das minuciosas prescrições formuladas da página 15 à página 19.

"1º - Antes de tudo, é preciso triturar bem, num almofariz, quatro libras de grão bem maduro da planta da qual se deseja tirar a alma; em seguida se procurará conservar a pasta resultante no fundo de uma vasilha muito transparente e muito limpa.

"2º – Um dia, ao anoitecer, se a atmosfera for bem pura e o céu se apresentar muito sereno, expõe-se dito produto à umidade noturna, para que se impregne da virtude vivificante que existe no orvalho.

"3º e 4º – Ter-se-á muito cuidado em recolher e filtrar uma boa quantidade de dito orvalho, conquanto seja; porém, antes do despontar do sol, porque este aspiraria a parte mais preciosa, que é extraordinariamente volátil.

"5º – Ato contínuo, destilar-se-á o líquido filtrado. Do resíduo ou das escórias é conveniente que se saiba extrair um sal muito estranho, porém de aparência muito agradável!

"6º – Borrifar-se-ão os grãos com o produto da citada destilação, previamente saturada com o sal em questão. Imediatamente se introduzirá a vasilha, hermeticamente fechada com bórax e vidro moído, entre o estrume de uma cavalariça.

"7º – Depois de um mês, o grão se terá transformado numa espécie de gelatina; o espírito será como a pele de diversas cores que flutuará entre toda a matéria. Entre a pele e a substância lodosa no fundo da vasilha se observará uma espécie de rocio esverdeado que representará um campo de messe.

"8º – Quando a fermentação chega a este ponto, a mistura produzida dentro de sua vasilha (a qual continuará exatamente fechada) será exposta de dia aos ardores do sol e de noite à irradiação lunar. Durante os períodos chuvosos é preciso transferir a vasilha, colocando-a em lugar seco e temperado até que o bom tempo volte. Para que a operação seja perfeita, terão que transcorrer vários meses em ditas condições – melhor um ano – até que se observe que a mistura dobrou seu tamanho e que a película desapareceu. Então será sinal de que o êxito não tardará.

"9º – Em seu último estado de elaboração, a matéria deve aparecer em pó e de cor azulada.

"... É por entre dito pó que se erguem o talo, ou tronco, os galhos e as folhas da planta, no momento de se colocar a vasilha no fogo lento. E é assim que se forma o Fênix vegetal.

"A palingenesia dos vegetais não seria outra coisa senão um objeto de diversão, se esta operação não fizesse entrever outras maiores e mais úteis. Por meio de sua arte, a Química pode fazer reviver determinados corpos. Alguns deles são destruídos por ela por meio do fogo, mas vemos como imediatamente lhes devolve sua primitiva forma. A transmutação dos metais e a pedra filosofal são uma consequência da palingenesia metálica.

"Com os animais se faz o mesmo que com as plantas, mas, embora me empenhe com muita força, não posso explicá-lo por meio de palavras.

"A coisa mais maravilhosa que a palingenesia encerra é a arte de praticar sobre os restos dos animais.

"Que prazer enorme poder perpetuar a sombra, o espectro de um amigo, quando este já deixou de existir! Artemísia engoliu as cinzas de Mausulo; e foi porque ignorava o segredo de sua própria dor."

Fixemo-nos no extraordinário valor desta rápida indicação. A homogeneidade da Natureza universal autoriza o homem a que possa inferir por analogia; e, se tiver raciocinado bem, a experiência confirma sempre suas induções. Por isso o que sucede no reino vegetal deve paralelamente produzir-se nos reinos inferior e superior; justifica-se assim num a transmutação dos metais e, no outro, a revivescência póstuma das formas desaparecidas.

Apesar do grande entusiasmo que tão altas perspectivas possam excitar, devemos convir em que a prática da palingenesia não está isenta de perigos do ponto de vista moral, de vez que mais cedo ou mais tarde cobra, e muito caro, seus favores aos seus discípulos.

Completaremos nosso estudo sobre matéria tão interessante com um resumo da obra A palingenesia histórica e prática, de autoria do professor Karl Kieseweter, químico ilustre, ocultista profundo e grande admirador de Paracelso.

Inspirando-nos no exemplo que nos oferece o doutor du Prel em seus artigos sobre a aceleração da vegetação das plantas e sobre o fênix das plantas, cremos que não deixará de suscitar o interesse de nossos leitores, se apresentarmos um pequeno resumo, tanto da parte histórica das teorias e das experiências relativas à palingenesia como das práticas executadas. Assim, graças às minhas provas pessoais, que seria prolixo enumerar, estarão os meus leitores em condições de poder aperceber-se da importância que pode ter o assunto que nos ocupa. Neste ponto encontro-me precisamente em condições de esclarecê-lo, já que, deste muitíssimos anos, me foi possível recolher várias experiências de grande eficácia e difíceis de serem descobertas pela maioria das pessoas; e, embora todas sejam inéditas, procurei eliminar delas tudo o que em épocas anteriores poderia confundir-se com algo que não fosse precisamente a palingenesia. Por exemplo, os fenômenos da generatio alquivoca, dos precipitados metálicos arborescentes e da cristalização, todas essas coisas em cujo nome se pode colocar a palingenesia das urtigas na lixívia congelada de seu sal, da qual faz menção Joseph Duchesne (chamado em latim Quercertanus, 1546-1606, médico de Henrique IV da França).

Logo de início distinguiremos duas classes diferentes de palingenesia:

1.o— A palingenesia das sombras, que tem por objeto a produção do corpo astral, tanto vegetal como animal.

2.° — A palingenesia dos corpos, que implica o aceleramento da vegetação das plantas (vegetação forçada) e que, ao mesmo tempo, tende à reconstituição dos corpos organizados destruídos.

Em suas últimas consequências, esta última penetra o domínio do Homunculus, essa evocação química do ser humano, ponto em que se encontram os extremos da mística e do materialismo.

Ovídio já tratou deste assunto da vegetação forçada em termos exatos, quando dizia, ao falar de sua Medeia:

"Com todas estas substâncias e outras mil que é impossível enumerar, fabrica o filtro destinado ao velho moribundo; depois, com um ramo de oliveira, seca e sem folhas, agita o conteúdo desde o fundo até a superfície. Mas, eis que de repente o velho ramo agitado dentro da caçarola em ebulição começa a reverdecer e em seguida toda ela se cobre de suco. E por toda parte onde o fogo faz sair espuma da caçarola, ao caírem umas gotas ardentes sobre o chão se vê nascer o céspede primaveril e as flores se abrem como no meio de uma formosa pradaria".

Em várias ocasiões os alquimistas instituíram experiências palingenésicas. Abou Bekre ai Rhali (mais conhecido por Rashés, falecido em 942) e Alberto, o Grande, ocuparam-se também, mui preferentemente, destes maravilhosos fenômenos. Ainda mais: deste último alquimista se chega a afirmar que fez a descrição pormenorizada dos Homunculus; e no livro intitulado A Obra Vegetal, de Isaac Hollandus, figuram várias observações sobre a palin-genesia.

Somente em Paracelso encontramos algumas indicações mais pormenorizadas sobre as duas classes de palinge-nesia.

Com referência à Palingenesia das sombras, expressa-se ele nos seguintes termos:

"Daqui se deduz que uma força primi entis (de primeira entidade) se acha encerrada numa vasilha e levada a este ponto, que pode gerar o nascimento, dentro desta mesma vasilha, duma forma da mesma planta e sem o concurso de uma terceira; e que, quando esta planta chegou ao final do seu crescimento, o que ela gerou não é precisamente um corpus (corpo), sempre que, como causa primeira, não teve um liquidum terrae e seu sedimento é algo que não tem existência mais do que para a vista, uma coisa que o dedo converte em estado de suco; não é mais do que um humo afetando a forma duma substância, mas que não oferece jamais presença corpórea; quer dizer, algo imaterial, que não é suscetível de impressionar o sentido do tato".

Paracelso não nos oferece nenhuma informação sobre a palingenesia das sombras; muito pelo contrário, sempre se limita à das sombras, quando diz:

"Apanhai um pássaro recém-saído do ovo, fechai-o hermeticamente num tacho de metal e reduzi-o a cinzas por meio dum fogo conveniente. Introduzi, em seguida, o recipiente com as cinzas do pássaro num monturo de estrume de cavalo e deixai-o ali e até que se forme uma substância viscosa (produzida pela cinza e os azeites empi-reumáticos). Colocai, depois, dita substância dentro duma casca de ovo e fechai-a com grande cuidado, pondo-a em incubação natural. Então vereis aparecer o pássaro que fora reduzido a cinzas".

O conde Kenelm Digby (1603-1665) afirma ter reconstituído, pelo mesmo processo, alguns caranguejos previamente queimados e Paracelso faz extensão a todas as espécies de animais da virtude da palingenesia. Seu contemporâneo Cornélio Agrippa de Nettesheim parece ter conhecido também estas experiências, porque diz: "Existe um artifício segundo o qual, dentro dum ovo posto sob uma chocadeira, se gera uma figura humana; tanto é assim que eu o vi pessoalmente e estou disposto a executar a experiência". Os magos atribuem a uma figura deste gênero as forças mais maravilhosas e dão-lhes o nome de a verdadeira mandrágora. Mais adiante teremos oportunidade de insistir sobre o interessante tema.

A exemplo do seu mestre, os paracelsistas se ocuparam extensamente da palingenesia e escreveram muitíssimos trabalhos sobre dito assunto. Entre eles citaremos Gastão de Claves (Claveus), Quercertanus, Pedro Borelli, Nicolau Beguin, Otto Tachenius, Daniel Sennert, A. F. Pezold, Kenelm Digby, David van der Becke e William Maxvel. A obra do reitor de Hindelberg, Franck von Frankenau, está muito longe de esgotar o assunto e, sob o ponto de vista experimental,

baseia-se principalmente nas instruções, por sua vez concordantes, de Borelli, Tachenius e Van der Becke. Se bem me lembro, o último testemunho de práticas palingenésicas procede de Eckartshausen, que afirma: "Dois de nossos amigos puderam observar reais experiências apresentadas de diferentes maneiras. Presenciaram as manipulações e até as realizaram eles mesmos. Um deles fez reviver um ranúnculo e o outro, uma rosa. A mesma experiência realizaram-na com animais, com os quais obtiveram idêntico êxito. E é precisamente atendo-me a seus princípios e a seu sistema que também eu desejo trabalhar".

William Maxvel, o Gustavo Joeger do século XVII, fala da palingenesia em vários capítulos de suas obras. Infelizmente fala sempre no estilo de seu mestre Fludd, isto é, de uma maneira confusa e misteriosa. Ao tratar da palingenesia das sombras se expressa, de início, nos seguintes termos:

'Tomai — diz ele — uma quantidade suficiente de folhas de rosa, secai-as com o fogo, mantendo este vivo até que fiquem reduzidas a uma cinza muito branca (cujo resultado pode ser obtido pela simples combustão de folhas secas de rosa, num crisol com calor elevado ao vermelho). Tirai da cinza o sal pelo sistema da água comum e introduzi dito sal num Kolatorium (um dos aparelhos da química antiga; qualquer frasco com tampa polida poderá fazer o mesmo efeito), tendo o cuidado de vedar da melhor maneira possível os interstícios. Deixai o Kolatorium ao fogo durante três meses (o que neste, caso não é outra coisa senão o suave calor da digestão), enterrai-o em seguida numa estrumeira (conforme já foi dito em outras experiências) e deixai-o ali pelo espaço de três meses. (Ditas preparações eram enterradas, para efeito de putrefação, em esterqueira de cavalo, o qual ia se renovando à medida que se extinguia o calor engendrado pela podridão). Ao término desse tempo, retirai o recipiente e ponde-o novamente ao fogo até que as figuras das rosas comecem a aparecer dentro do crisol".

É desta forma que Maxvel aconselha que se pratique a palingenesia de todas as plantas e até a do homem, acrescentando, além disso:

"Da mesma maneira que os sais das plantas se vêem obrigados a deixar aparecer dentro de um crisol as figuras das plantas que prepararam ditos sais, assim está fora de dúvida que o sal de sangue (com as partículas de sangue mais nobres do corpo) está em condições de reproduzir uma figura humana, sob a influência dum calor lento. E cumpre que vejamos no fundo de tudo isto o verdadeiro homúnculo de Paracelso."

Em contrapartida a esta palingenesia das sombras, Maxvel conhece também uma palingenesia dos corpos, o que prova que desta maneira prossegue a "Verdadeira mandrágora" de Agrippa:

"Num recipiente que não seja artificial, bem fechado (uma casca de ovo depois de provocado o vazio por aspiração), misturai um pouco de sangue com as partículas mais nobres do corpo, em proporções convenientes, e ponde-o junto em incubação. Ao fim de determinado tempo, encontrareis uma massa que vos lembrará a forma do corpo humano, com a qual podereis executar coisas maravilhosas; em seguida vereis que um líquido gorduroso como azeite banhará todo o contorno de dita massa. Misturado esse líquido ao vosso próprio suor, por meio dum simples contato realizareis sérias modificações nas percepções de vossos sentidos".

David van der Becke dá ao corpo astral o nome de idea seminalis e, com relação à palingenesia das plantas, fornece as seguintes instruções:

"Num dia sereno, recolhei a semente madura duma planta e, depois de bem moída num almofariz (uma chávena para pulverizar servirá também), introduzi-a num matraz da mesma medida que a planta, cuidando que dito matraz tenha um orifício estreito para poder ser vedado hermeticamente. Conserve-se o matraz fechado até que se apresente uma dessas tardinhas que permitem esperar por um abundante orvalho durante a noite. Coloque-se em seguida a semente num vaso de cristal, pondo-

se este sobre um prato a fim de que não se desperdice a mínima quantidade sequer. Deixe-se o preparado numa pradaria ou num jardim, onde possa impregnar-se de orvalho; antes que o sol apareça, introduza-se tudo no matraz. Filtre-se depois o orvalho recolhido e destile-se o conjunto até que as escórias desapareçam por completo. Se as escórias não desaparecerem de todo, então calcinem-se e, depois duma série de lavagens, se obterá um sal que dissolvereis num orvalho destilado. Depois disto, jogar um pouco do orvalho destilado, até uns três dedos, sobre a semente impregnada do mesmo orvalho, depois do que se poderá tapar hermeticamente o orifício do matraz, de modo que não se produza a menor evaporação. Conserve-se, depois, o matraz num lugar em que se possa manter um calor moderado. Ao término de alguns dias, a semente começará a transformar-se, aos poucos, numa espécie de terra viscosa; o álcool de sua superfície sobressairá sensivelmente e em todo o contorno se formará uma membrana parecida com terra lamacenta e verde.

"Exponha-se então o matraz fechado aos raios do sol e da lua e, nos dias chuvosos, guarde-se num recinto seco e quente, até que todos os indícios demonstrem que a experiência terá êxito. Se, depois de todas estas manipulações, submeterdes o matrás a um fogo lento, vereis aparecer a imagem da planta correspondente à semente de que foi objeto a experiência; e vê-la-eis desaparecer sempre que o matraz voltar a esfriar-se. Todos os que praticam a palinge-nesia empregam, com escassas variantes, este sistema de representação da idea seminalis."

Van der Becke cita, também, a palingenesia pelo sistema da cinza, sem dar, porém, instruções nem pormenores com relação ao mesmo. E é de opinião que se pode, por dita experiência, praticar com as pessoas que nos foram gratas (com nossos antepassados) uma espécie de necromancia lícita, naturalmente sempre que tenham sido guardadas cinzas de seus cadáveres.

Esta observação ou citação de Van der Becke encontramo-la bastante completada, em sua essência, numa obra aparecida em fins do século passado, onde se lê a seguinte passagem:
'Tomai a semente duma planta. A planta pode ser de qualquer família vegetal, conquanto se encontre em sua madurez e tenha sido colhida sob um céu sereno e em horas de temperatura excelente. Dissolvam-se quatro libras de grão num almofariz de cristal; coloquem-se numa vasilha conveniente que seja do tamanho da planta. Feche-se em seguida a vasilha de modo que nada se perca. Guarde-se num lugar quente e espere-se um dia em que o céu da tarde se apresente diáfano. Quando a noite se aproxima, coloque-se ao ar livre, num campo ou jardim, para que se impregne de orvalho, tendo-se o cuidado de pôr um prato por baixo da vasilha a fim de que haja melhor aproveitamento; o orvalho cairá sobre a semente e comunicar-lhe-á sua natureza e sua virtude. Além desta precaução, aconselha-se estender panos limpos sobre a grama; panos estes que, depois de bem encharcados de orvalho, por meio de sua torção nos propiciarão maior coleta daquela substância, até poder encher-se um recipiente de cristal; somente um. Quanto à semente assim impregnada, deverá ser introduzida na vasilha antes do nascer do sol a fim de que o astro do dia com seus raios ardentes não reduza o orvalho em vapor. Depois disto, filtre-se e destile-se repetidamente o conteúdo, enquanto se procurará calcinar os restos ou escórias de dito orvalho a fim de extrair deles o sal. Este sal se dissolverá juntamente com o orvalho destilado e será acrescentado à semente reduzida a pó da vasilha até cobri-la completamente e logo será fechada hermeticamente com uma tampa lacrada. Em seguida se enterrará a vasilha a uns sessenta e seis centímetros de profundidade num monturo de esterco úmido de cavalo, deixando-a ali coisa de um mês. Ao tirá-la deste lugar se poderá observar que a semente se transformou, que em cima dela se formou uma membrana de várias cores e, pegada a esta, uma terra viscosa; ver-se-á, também, que o orvalho assumiu uma coloração esverdeada, da mesma natureza da planta.

"Durante todo o verão se exporá a vasilha, assim fechada, aos raios do sol e, de noite, aos da lua

e às estrelas. Em caso de chuva ou tempo variável deverá ser retirada para um lugar seco e temperado até que o tempo melhore, quando então será exposta de novo ao sol e aos raios da lua e às estrelas. O êxito da experiência pode requerer às vezes dois meses e até um ano, conforme se a temperatura foi ou não propícia, pois isto depende da atmosfera, a qual deverá ser magnífica e quente. Eis aqui os indícios do crescimento. A matéria viscosa avulta sensivelmente; o álcool e a membrana começam a diminuir dia a dia e o conjunto se contrai como uma compacta massa. Através do vidro e por efeito dos reflexos do sol, observa-se também um vapor sutil, cuja forma ou figura, que é a mesma que a da planta, neste momento continua vaga e isolada e sem cor, como uma teia de aranha. (Lembremos aqui o aspecto de teia de aranha que oferecem — suposição de muitos — os 'espectros', a 'Dama Branca', como se chama, e tantas aparições quejandas.) Esta figura sobe e desce frequentemente, dentro da vasilha, ao impulso da energia com a qual o sol atua sobre ela, e ao efeito dos raios da lua quando esta brilha no céu com todo o seu esplendor. Finalmente, as escórias e o álcool se transformam numa espécie de cinza esbranquiçada que, com o tempo, dá nascimento ao caule, à planta e às flores com sua exata cor e idêntica figura. Se deixarmos que a vasilha se esfrie, tudo isto desaparece e se transforma numa massa de terra lodosa para reaparecer de novo a maravilhosa visão quando a vasilha for colocada outra vez ao fogo ou se conseguir esquentá-la suavemente por qualquer outro processo. Exposta de novo ao frio, as figuras desaparecem; e assim sucessivamente. Se a vasilha estiver bem vedada, a aparição de ditas figuras poderá efetuar-se indefinidamente.

Sem dúvida, estes foram os processos postos em prática pelo sábio jesuíta Atanásio Kircher na presença da rainha Cristina da Suécia, em 1687.

As instruções de Oettinger encontrâmo-las também completas na obra do químico J.Y.Becker, afamadíssimo em sua época. Vejamos abaixo em que termos se expressa a tradução alemã:

"Providenciai, em tempo conveniente, uma planta qualquer, ou melhor, cada parte da planta em seu tempo: a raiz em novembro, depois da debulha da semente; a flor, em seu completo esplendor; a planta, antes de sua floração. Colhei de tudo isto uma fração importante e secai- a em lugar umbroso onde não penetrem os raios do sol nem outro calor. Calcine-se em seguida dentro dum pote de barro, fechado hermeticamente, e extraiam-se o sal e a água quente. Ponha-se o suco da raiz, da planta e da flor numa vasilha de barro cozido e dissolva-se o sal neste suco. Feito isto, providencie-se terra virgem, isto é, terra que ainda não tenha sido lavrada nem semeada, conforme se acha nas montanhas desertas. Esta terra deverá ser vermelha, pura e sem mistura. Reduzi-a a pó e passai-a por uma peneira bem fina. Coloca-se, então, um recipiente de cristal e se borrifa bem com o dito suco até que a terra o tenha absorvido por completo e comece a assumir uma coloração esverdeada. Por cima deste recipiente coloca-se outro de um tamanho que corresponda à altura e largura da planta. Deve-se vedar completamente os interstícios para que não chegue a menor corrente de ar até a planta. Apesar disto, o recipiente deverá conter, em sua parte posterior, um pequeno orifício a fim de que se possa filtrar-se um pouco de ar até a terra. Em seguida poderá ser exposto aos raios do sol ou ao suave calor de um fogo lento. Pois bem, ao término de meia hora vereis surgir a imagem da planta, num tom cinzento pérola".

Na mesma passagem Becker nos transmite, além do mais, as seguintes instruções:

"Num almofariz, triturai uma planta com suas raízes e flores; coloque-se numa vasilha ou em qualquer outro recipiente e conserve-se nela até que sua fermentação produza certo calor benigno. Esprema-se então o suco, purifique-se por meio de filtro e derrame-se o resultante sobre o resíduo com a finalidade de acelerar a putrefação, até que o suco assuma a cor da planta. Esprema-se novamente o suco e filtre-se. Coloque-se em seguida num alambique e faça-se digerir até que todas

as impurezas se tenham desprendido e o líquido apareça claro, puro e da cor da planta. Derrame-se depois este líquido noutro alambique e destilem-se, por cima da vasilha inferior e por meio de suave calor, a parte aquosa ou fleugma e os espíritos voláteis. Permanecerá o sulfureto, isto é, a massa sólida, que será deixada de lado. Extraiam-se em seguida os produtos voláteis amoniacais por destilação da fleugma em fogo lento. Estes produtos, menos densos do que a água, provêm da fermentação. Deixem-se também de lado. Calcine-se, em seguida, o resíduo em fogo lento e extraia-se dele o sal volátil conforme se fez com a parte aquosa. Dito sal é formado pelos sais amoniacais unidos aos produtos ácidos da combustão. Destile-se em banho-maria a parte aquosa para tirar dela o sal volátil e calcine-se o resíduo até que este se torne branco como a cinza. Sobre este resíduo derrame-se a fleugma e extraia-se dela o sal fixo por meio de lavagem. Filtrem-se repetidamente as escórias e, pela mencionada evaporação, separe-se o sal purificado. Os espíritos voláteis com o enxofre e os espíritos do fogo, que se apresentam durante a destilação, derramam-se então sobre o sal fixo e o sal volátil, deixando que se misture tudo isso. Em lugar da fleugma se pode usar também água pluvial destilada e dissolver um sal de qualquer planta, ao invés do sal fixo (carbonato de potassa). Acrescente-se enxofre; coagula-se (dessecação) por meio de fogo lento e regulam-se, desta maneira, a união e a combinação dos três princípios. Introduzi estes três princípios numa vasilha de tamanho grande e juntai água destilada da mesma planta ou então álcool de orvalho de maio ou de água pluvial; qualquer um destes líquidos serve para o caso. Esquentai em fogo lento a vasilha hermeticamente fechada e vereis que dentro dela crescerá uma planta imaterial com suas flores e sua visão durará enquanto perdurar o calor. Por sua vez, desaparecerá toda vez que se esfriar a vasilha e tereis que esquentá-la de novo para que torne a aparecer; e assim indefinidamente. Isto constitui um grande milagre da Natureza e da arte".

Nosso estudo será completado com os fragmentos seguintes, extraídos da obra Rasgando o Véu da Magia, de Eckartshausen:

"Duas instruções magnas sobre a palingenesia dos corpos e também sobre a das sombras se encontram nos manuscritos da Rosa-Cruz de meu bisavô. A primeira é atribuída a Alberto Magno e figura no A B C de ouro dos fenômenos da Natureza, de Alberto Magno — opúsculo manuscrito cuja tradução evidentemente foi feita sobre um antigo original latino. Não saberia dizer-vos se este opúsculo se encontra na grande edição Jammy das obras de Alberto Magno, porque dita coleção não se acha à minha disposição. Apesar disto, a autenticidade de origem do citado opúsculo me parece verossímil por duas razões. Das obras impressas de Alberto Magno se deduz, em primeiro lugar e com evidência, que este grande sábio tinha conhecimento da palingenesia; e, em segundo lugar, é muito possível — porque é coisa que acontece com frequência — que manuscritos que existem na realidade não são arrolados na coleção, simplesmente porque o editor ou o colecionador desconhece a sua existência.

Anotaremos aqui a primeira de ditas instruções: "Da mesma forma que em determinados minerais se acha o Spiritus Universi e como deles se pode tirar, também, o Spiritum Universalem, de idêntica maneira dois minerais podem, ao encontrarem-se, fabricar eles mesmos este Spiritum. Um deles é uma Minera bismuthi que deriva das montanhas; o outro é uma terra mineral escura que se encontra nas minas de prata e que contém um à guisa de espírito maravilhoso que proporciona vida. Os seixos que jazem no leito de certas correntes de água dão também o seu Liquorem. Mas sua virtude só se avalia para enriquecer os metais, de vez que é provado que, quando submersos em dito licor, estes metais aumentam em proporção.

"Eis aqui como se obtém o Spiritum derivado do bismuto. Providenciai uma Minera bismuthi conforme tenha sido colhida na montanha; reduzi-a a pó impalpável por meio de um almofariz e

colocai este pó numa retorta dentro duma grande caçarola cheia de limalhas de ferro, cuidando que estas a cubram por completo. Adapte-se-lhe logo uma serpentina. Ao fim de quarenta e oito horas se extrai o Spiritum per gradus ignis, o qual transbordará, caindo gota após gota, como as lágrimas que saem dos olhos. Neste particular não se prevê aqui a conveniência da água; da maneira como se age com o orvalho que produz o Spiritum Universi e que em meus escritos chamo de spiritus roris majalis, pode-se acrescentar coisa de meia libra deste líquido, que será mais conveniente. Junte-se logo o Spiritum bismuthi e deixe-se que o fogo se apague. Quando tudo esfriou, derrame-se o liquorem que tiverdes conseguido com a destilação num grande alambique e coloque-se este alambique num Balneum maris (banho-maria), depois de tê-lo coberto com um Alambicum; uma vez bem vedado, destile-se em seguida seu conteúdo. Desta forma obtereis um spiritum puro como o cristal, doce como o mel. Este spiritum é um espírito vivo e pertence inteiramente à Magia.

"Este espírito fez de mim um verdadeiro mago; é o único espírito ativo dotado de propriedades mágicas que recebeu de Deus as forças que Ele possui, de vez que pode alcançar toda espécie de formas. É animal, porque dá vida aos Anima/ia; é vegetal, porque dá vida aos Vegeta-bilia. Por ele crescem as árvores, a folhagem, as ervas, as flores; isto é, todos os Vegetabilia; é mineral, porque é o princípio de todos os minerais e de todos os metais; é astral, porque provém de cima para baixo e procede dos astros dos quais está, por conseguinte, impregnado; é universal, porquanto foi criado segundo um princípio; é o Verbo, porque saiu do próprio Deus; e, por conseguinte, inteligente, perceptível e o Primum mobile de todas as coisas; é a pura Natureza, saída da luz e do fogo, transportada, depois, e integrada às coisas inferiores."

Ao referir-se a estas coisas, em sua famosa Tábua de Esmeralda[7] diz Hermes que o espírito foi levado a elas cavalgando no seio dos ventos. Este espírito tira e dá a vida e com sua ajuda se podem realizar maravilhas insuspeitáveis. Vejamos como age:

"Tomai uma planta, uma flor ou um fruto antes que tenham sazonado, naturalmente, por completo; cachos de uvas, pêras, maçãs, cerejas, ameixas, etc. Depois de escolher as melhores, pendurai-as à sombra e, da mesma forma que as flores, deixai que sequem. Se quiserdes, mais tarde podereis obrigá-las a florescer de novo, a reverdecer em pleno inverno e chegarão a dar novos frutos, que amadurecerão e serão saborosos e suculentos. Vejamos, pois, como se realizará o milagre: deveis providenciar um recipiente de gargalo estreito e ventre amplo no qual derramareis uma libra de espírito universal; introduzi em seguida os ramos, as flores e os frutos e fechai hermeticamente o recipiente a fim de que o espírito não se evapore. Decorridas vinte e quatro horas, tudo começará a reverdecer e a crescer em tamanho; os frutos sazonarão, as flores se revestirão de suas cores e fragrância e tudo voltará, automaticamente, ao seu estado primitivo de fulgor.

"Deve-se reconhecer em tudo isto o poder de Deus e não a obra do diabo, como afirma o ignorante bispo de Passau.

"Este espírito do poder divino é capaz de realizar, ainda, outras coisas mais extraordinárias, como o próprio Pai Santo pode justificar. Deve-se louvar e rogar a Deus por todos os benefícios e milagres com que nos contempla, a nós pobres seres humanos. É uma verdade que ninguém pode negar: há muito de sobrenatural no fato de fazer reviver por meio dum espírito as coisas mortas; o que demonstra, por outro lado, que este espírito tem o poder de trazer à existência tudo o que foi extinto. Tanto é verdade que eu mesmo, depois de apanhar um pássaro vivo e de queimá-lo numa vasilha, coloquei as cinzas num recipiente (no manuscrito está reproduzido com desenho: um capital sobre o qual se vê um alambique; dentro deste um líquido com o rosto de uma criança). Em outro recipiente, coloquei as cinzas do cadáver em decomposição de uma criança, tendo queimado antes até o vermelho a terra do recipiente e, noutro recipiente, depositei as cinzas de uma planta queimada

com suas flores. Enchi os recipientes de spiritus e deixei que a operação terminasse por si só. O espírito (corpo astral) da criança e da planta, desenvolvido em vinte e quatro horas, se apresentou diante de mim no spiritus com todas as aparências da realidade. Não temos aqui uma verdadeira ressurreição dos seres? O espírito (neste caso o spiritus) se apresenta em forma tal que podemos ter uma perfeita idéia do aspecto que nós mesmos teremos quando formos espíritos com corpos puros, isto é, transparentes e de figura distinta daquela que hoje apresentamos.

"Do mesmo modo que o corpo, com a alma e o espírito, conseguirá uma nova vida, assim também depois da transfiguração estaremos em condições de contemplar a Deus, já que Ele é força luminosa. Quero dizer que possuo um espírito com o qual poderia distrair-me algumas horas por dia, mas este espírito não é outra coisa senão a representação imaterial da maneira como ressucitaremos dentre os mortos.

"Por motivo de uma averiguação judicial encontraram em minha casa um recipiente no qual havia o liquor com uma gota de sangue de Tomás (Tomás de Aquino, discípulo de Alberto Magno), que, por sua vez, leva também consigo uma gota de meu sangue. Quando desejamos saber como vai de saúde um amigo que estimamos, por dito processo podemos ter notícias dele, dia e noite. Se este amigo adoeceu, a pequena luz dentro do recipiente oscila com apenas débeis cintilações, ao invés de ser brilhante; se está gravemente enfermo, a luz quase se extingue; se está tomado de ira ou cólera, o recipiente se esquenta; se trabalha sem descansar, a luz se agita e quando o amigo morre a luz se apaga e o crisol estoura. Mais ainda, com este sistema se chega à possibilidade de dirigir a palavra ao amigo distante, já que dito espírito é todo-poderoso e tudo provém desse espírito único."

Os paracelsistas e os rosa-cruzenses se preocuparam enormemente com estas lâmpadas vitais e um indivíduo chamado Burggraf publicou também sobre este tema um livro especial, ao qual se refere Van Helmont, mas o qual não foi possível localizar em parte alguma.

Para concluir, quero dar ainda conhecimento de uma experiência de palingenesia que figura no Testamentum Fratrum Rosae Aureae Cruas. Pode muito bem fazer parelhas com a instrução anterior e para um químico que disponha de um laboratório regular se tornará uma experiência muito fácil.

"Modo de preparar o Espírito Universal com a ajuda de orvalho, de chuva e de escarcha.

"Filhos meus: Que o zelo pelo trabalho vos anime desde o dia de Ano Novo. Num grande tonel, recolhei escarcha, neve, orvalho e água pluvial em abundância. Deixai que por si sós essas coisas entrem em decomposição e que apodreçam até o mês de julho. Quando a massa de terra lodosa deixar de ser homogênea e em sua superfície se formar uma capa ou crosta verde, então será sinal de que a força de vegetação se revelou. Filhos meus! Então será chegado o momento de vos pordes a trabalhar. Misturai tudo; procurai derramar numa serpentina (alambique com sua serpentina) e destilai com fogo lento as 100 libras em 10 libras de cada vez e não mais, até que vossa água se esgote completamente. Deitai de novo numa serpentina e destilai novamente, em 10 libras, este resíduo da primeira destilação. Depois de lançado o resíduo, destilai de novo em porções de 10 libras; depois, com fogo lento e com o calor da mesma cinza, reduzi por destilação estas 10 libras em 6 libras; introduzi de novo o Spiritum numa retorta: mergulhai esta num banho-maria e reduzi-a ainda a 3 libras. Neste momento, ou seja na sétima destilação, se erguerá um espírito muito volátil, que é como um ar puro; melhor ainda, um espírito capaz de dar a vida, já que, se absorverdes a quantidade que cabe numa colherinha, experimentareis em todos os vossos membros os efeitos de seu mágico poder: reanima o coração e renova todo o corpo como um espírito benéfico. Tereis que retificar sete vezes este espírito para chegar a conseguir o êxito definitivo. Podereis, então, utilizá-lo para diferentes usos e para conseguir verdadeiros milagres, porque este espírito desperta todas as coisas e as evoca à vida.

"Tomai agora as cinzas de uma planta, de uma flor e de uma raiz, ou as cinzas de animal, pássaro ou lagarto ou então as cinzas do cadáver em decomposição duma criança; queimai-as até o vermelho, ponde-as numa vasilha grande de cristal; derramai em cima esse espírito maravilhoso que vivifica, de modo que cubra bem toda a matéria, e fechai hermeticamente a vasilha, a qual colocareis em lugar quente. Quando se completarem três vezes vinte e quatro horas, a planta aparecerá com suas flores; o animal ou a criança, com todos os seus membros, resultados que muitos utilizam para amplas experiências. Apesar disso, estes seres são criaturas puramente espirituais, de vez que ao agitar ou esfriar a vasilha desaparecem imediatamente. Se o recipiente for deixado em repouso, tornam a aparecer, o que resulta num espetáculo maravilhoso digno de ser apreciado; um espetáculo que nos permite assistir à ressurreição dos mortos e nos mostra como todas as coisas da Natureza voltarão a ter figura depois da ressurreição universal.

"Filho meu! Agora é uma flor seca, estragada, um pequeno ramo, um feixe de erva ou um cacho de uva que cortei com suas folhas e seu talo para deixá-los apodrecer à sombra: é também um punhado de frutas que não estão totalmente maduras. Pois bem, toda vez em que quis que meus discípulos presenciassem a maravilha, a única coisa que fiz foi colocar estes pedaços de Natureza num recipiente e derramei em cima a quantidade de espírito que se fazia necessária. É preciso que o recipiente seja bojudo e tenha gargalo estreito. Este recipiente vedei-o hermeticamente com lacre e deixei-o em repouso durante vinte e quatro horas. Ao final deste prazo, tudo começou a reverdecer e a florescer, a ponto de os frutos voltarem a assumir vida na metade do inverno e amadureceram perfeitamente depois de três ou quatro dias e suas respectivas noites; amadureceram e ficaram com um gosto peculiar. Pude dizer que os recebera de um tal ou qual país, sobretudo àqueles que ignoram absolutamente tais experiências.

"Filho meu! Coloquei, finalmente, um pouco de meu próprio sangue ou do sangue de um amigo querido. Vedei solidamente o frasco e por ele tenho podido ter constante-mente conhecimento de como andava a saúde de meu amigo, se vivia feliz ou infeliz; porque dentro do frasco se apresenta, em todos os momentos, sua personalidade com todas as suas características e duma maneira exata que não deixa margem a dúvidas. Se o amigo vive feliz, no frasco reina a claridade mais pura e ao seu redor tudo se mostra com vida; se algum perigo está espreitando a pessoa do amigo, dentro do frasco tudo aparece empanado e triste; se adoeceu, nele imperam a mais densa escuridão e mais estranha agitação; se o amigo morre de morte natural, no frasco agita-se uma sombra cinzenta; se morre violentamente, o frasco estoura. Portanto, é desta maneira que, com a ajuda desse espírito que proporciona a vida, se podem obter inumeráveis maravilhas/'

Conforme vimos, ocuparam-se da Palingenesia (do grego pálin/novo e génesis/nascimento) os homens mais ilustres da Antiguidade: Platão, Sêneca, Avicena, Averroes, Alberto Magno, Agrippa, Cardano, Raimundo Lúlio, Kircher e outros mais. Em épocas mais próximas ocuparam-se igualmente de matéria tão transcendental sábios de todas as nações: Eckartshausen, Maxvel, Franck von Frankenau, Otto Tachenius, Kenelm Digby, David van der Becke, Schopenhauer, Luis Figuier e muitíssimos mais.

H. P. Blavatsky, mestra em Ocultismo, em seu Glossário Teosófico registra o nome de Gaffarillus, com os seguintes dados: "Gaffarillus, alquimista e filósofo que viveu em meados do século XVII. É o primeiro filósofo conhecido que sustentou que todo objeto natural (planta, criaturas viventes, etc), depois de queimado, conservava sua forma em suas cinzas e que dita forma se podia fazer surgir delas outra vez. Este fenômeno foi comprovado pelo eminente químico Duchesne; depois dele, o Pe. Kircher, Digby e Vallemont se certificaram do fato, demonstrando que as formas astrais de plantas queimadas podiam renascer de suas cinzas.

Apesar da exposição feita, alguns de nossos leitores, pouco familiarizados com as teorias ocultistas, encontrarão dificuldade em aceitar a realidade da Palingenesia e a encararão como uma das tantas crendices errôneas dos séculos passados, às quais hoje em dia ninguém mais dá importância.

Contudo, não é bem assim. Sábios contemporâneos, de solvência científica universalmente reconhecida, tratam dos maravilhosos fenômenos da Palingenesia das plantas e dos animais e fazem-no uns em termos de afirmação e outros, de possibilidade[8].

O eminente teósofo Franz Hartmann assim se expressa a respeito de tão interessante assunto:

"Se uma coisa perde sua substância material, permanece, contudo, a forma invisível na Luz da Natureza (Luz Astral); e se podemos revestir dita forma com matéria visível, podemos torná-la outra vez visível. Toda matéria é composta de três elementos, conhecidos em alquimia com os nomes de enxofre, mercúrio e sal. Por meios alquímicos podemos criar uma atração magnética na forma astral, de modo que possa atrair dos elementos (o Akasa) os princípios que possuía antes de sua modificação e incorporá-los então, e torná-los visíveis de novo. O corpo astral duma forma individual permanece com os restos desta última até que ditos restos se hajam decomposto por completo; e, por certos métodos conhecidos dos alquimistas, pode ser revestido de matéria e tornar-se novamente visível".

O Dr. Gustavo Geley, diretor do "Instituto Metapsí-quico Internacional" — que, com sua deslumbrante obra A Ectoplasmia e a Clarividência, despertou um interesse extraordinário no mundo científico sobre as questões mais inquietantes do Ocultismo transcendental — escreveu também alguma coisa sobre a Palingenesia. São dele as seguintes palavras, que constituem uma afirmação peren-tória:

"A Palingenesia suprime todas as dificuldades opostas ao idealismo pelo materialismo; todas as objeções levantadas, em nome da lógica, contra a noção da sobrevivência".

PARTE TERCEIRA

ELEMENTOS DE ASTROLOGIA

Concluiremos nosso modesto ensaio sobre as plantas mágicas com umas ligeiras palavras referentes às correspondências astrológicas com o fito de orientar aqueles leitores nossos que porventura desconheçam o mais elementar da Astrologia.

Tanto os planetas como as doze constelações do Zodíaco têm analogia com a vida animal e vegetal de nosso pequeno mundo. A influência que os astros exercem em nós tem sido sobejamente reconhecida e patentemente demonstrada pelos sábios mais eminentes de todos os tempos e de todos os países, pelo que julgamos inútil repetir aqui o que tem sido escrito sobre a matéria para se provar novamente a realidade da Astrologia.

Seremos, portanto, breves, limitando-nos a assinalar o que há de mais preciso, o que for mais essencial.

OS SIGNOS DO ZODÍACO - Chama-se Zodíaco a faixa ou zona imaginária na qual se acham as doze constelações percorridas aparentemente pelo Sol, durante um ano, ao redor da Terra; por isso se chamam "signos do Zodíaco".

Vejamos, adiante, os símbolos e os nomes de ditos signos e suas influências sobre o corpo humano:

Áries	A cabeça
Touro	O pescoço
Gêmeos	Os braços e as costas
Câncer	O estômago
Leão	O coração
Virgem	O ventre
Libra	Os rins e as nádegas
Escorpião	Os órgãos sexuais
Sagitário	Os músculos
Capricórnio	Os joelhos
Aquário	As pernas
Peixes	Os pés

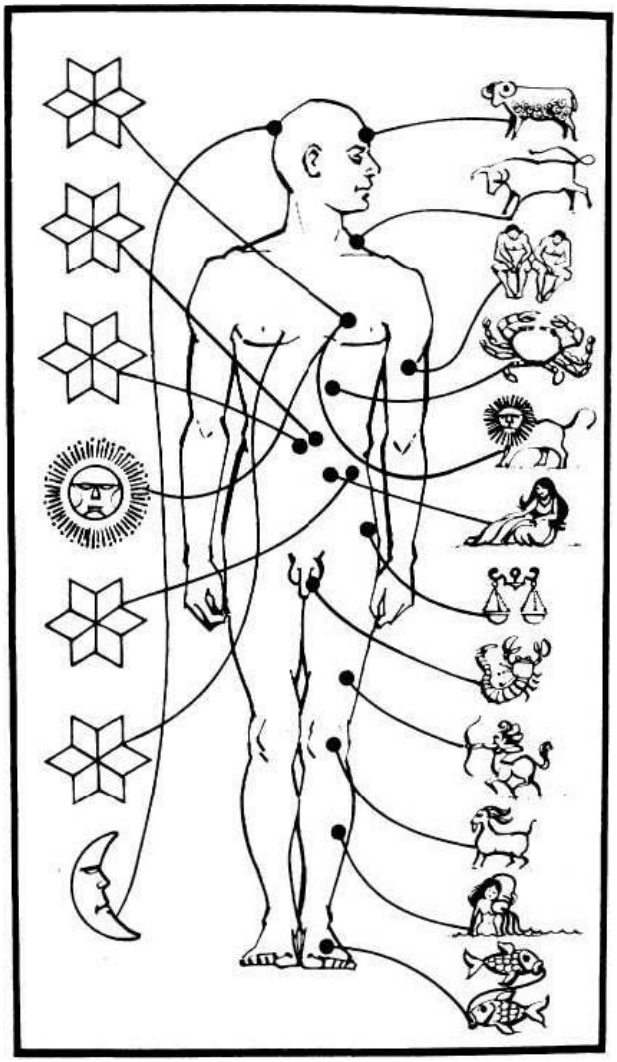
	Domina no firmamento de
Áries	22 de março a 21 de abril.
Touro	22 de abril a 21 de maio.
Gêmeos	22 de maio a 21 de junho.
Câncer	22 de junho a 21 de julho.
Leão	22 de julho a 21 de agosto.
Virgem	22 de agosto a 21 de setembro.
Libra	22 de setembro a 21 de outubro.
Escorpião	22 de outubro a 21 de novembro.

Sagitário	22 de novembro a 21 de dezembro.
Capricórnio	22 de dezembro a 21 de janeiro.
Aquário	22 de janeiro a 21 de fevereiro.
Peixes	22 de fevereiro a 21 de março.

OS SETE PLANETAS. - Segundo a Astrologia antiga, os planetas que exercem influência sobre a Terra (nos três reinos da Natureza: animal, vegetal e mineral) são sete e correspondem aos sete dias da semana.

Vejamos a seguir uma tabela planetária com seus signos astrológicos, seus nomes, seus dias da semana e suas cores emblemáticas:

☽	Lua	Segunda-feira	Branco.
♂	Marte	Terça-feira	Vermelho.
☿	Mercúrio	Quarta-feira	Violeta.
♃	Júpiter	Quinta-feira	Azul.
♀	Vênus	Sexta-feira	Verde.
♄	Saturno	Sábado	Preto.
☉	Sol	Domingo	Amarelo.



HORAS PLANETÁRIAS. - Para conseguir um êxito feliz em qualquer empreendimento, seja mágico ou alquímico, deve-se ter em conta o horário astrológico, pois se o cometimento for empreendido ao azar, o fracasso será absoluto.

As horas astrológicas se dividem em diurnas e noturnas e mudam todos os dias. Vejamos a sinopse seguinte:

DOMINGO

Horas diurnas: 1ª - Sol; 2ª - Vênus; 3ª - Mercúrio; 4ª - Lua; 5ª - Saturno; 6ª - Júpiter; 7ª - Marte; 8ª - Sol; 9ª - Vênus; 10ª - Mercúrio; 11ª - Lua; 12ª - Saturno.

Horas noturnas: 1ª - Júpiter; 2ª - Marte; 3ª - Sol; 4ª - Vênus; 5ª - Mercúrio; 6ª - Lua; 7ª - Saturno; 8ª - Júpiter; 9ª - Marte; 10ª - Sol; 11ª - Vênus; 12ª - Mercúrio.

SEGUNDA-FEIRA

Horas diurnas: 1ª - Lua; 2ª - Saturno; 3ª - Júpiter; 4ª - Marte; 5ª - Sol; 6ª - Vênus; 7ª - Mercúrio; 8ª - Lua; 9ª - Saturno; 10ª - Júpiter; 11ª - Marte; 12ª - Sol.

Horas noturnas: 1ª - Vênus; 2ª - Mercúrio; 3ª - Lua; 4ª - Saturno; 5ª - Júpiter; 6ª - Marte; 7ª - Sol; 8ª - Vênus; 9ª - Mercúrio; 10ª - Lua; 11ª - Saturno; 12ª - Júpiter.

TERÇA-FEIRA

Horas diurnas: 1ª - Marte; 2ª - Sol; 3ª - Vênus; 4ª - Mercúrio; 5ª - Lua; 6ª - Saturno; 7ª - Júpiter; 8ª - Marte; 9ª - Sol; 10ª - Vênus; 11ª - Mercúrio; 12ª - Lua.

Horas noturnas: 1ª - Saturno; 2ª - Júpiter; 3ª - Marte; 4ª - Sol; 5ª - Vênus; 6ª - Mercúrio; 7ª - Lua; 8ª - Saturno; 9ª - Júpiter; 10ª - Marte; 11ª - Sol; 12ª - Vênus.

QUARTA-FEIRA

Horas diurnas: 1ª - Mercúrio; 2ª - Lua; 3ª - Saturno; 4ª - Júpiter; 5ª - Marte; 6ª - Sol; 7ª - Vênus; 8ª - Mercúrio; 9ª - Lua; 10ª - Saturno; 11ª - Júpiter; 12ª - Marte.

Horas noturnas: 1ª - Sol; 2ª - Vênus; 3ª - Mercúrio; 4ª - Lua; 5ª - Saturno; 6ª - Júpiter; 7ª - Saturno; 8ª - Júpiter; 9ª - Vênus; 10ª - Mercúrio; 11ª - Lua; 12ª - Saturno.

QUINTA-FEIRA

Horas diurnas: 1ª - Júpiter; 2ª - Marte; 3ª - Sol; 4ª - Vênus; 5ª - Mercúrio; 6ª - Júpiter; 7ª - Saturno; 8ª - Júpiter; 9ª - Marte; 10ª - Sol; 11ª - Vênus; 12ª - Mercúrio.

Horas noturnas: 1ª - Lua; 2ª - Saturno; 3ª - Júpiter; 4ª - Lua; 5ª - Sol; 6ª - Vênus; 7ª - Mercúrio; 8ª - Lua; 9ª - Saturno; 10ª - Júpiter; 11ª - Marte; 12ª - Sol.

SEXTA-FEIRA

Horas diurnas: 1ª - Vênus; 2ª - Mercúrio; 3ª - Lua; 4ª - Saturno; 5ª - Júpiter; 6ª - Marte; 7ª - Sol; 8ª - Vênus; 9ª - Mercúrio; 10ª - Lua; 11ª - Saturno; 12ª - Júpiter.

Horas noturnas: 1ª - Marte; 2ª - Sol; 3ª - Vênus; 4ª - Mercúrio; 5ª - Lua; 6ª - Saturno; 7ª - Júpiter; 8ª - Marte; 9ª - Sol; 10ª - Vênus; 11ª - Mercúrio; 12ª - Lua.

SÁBADO

Horas diurnas: 1ª - Saturno; 2ª - Júpiter; 3ª - Marte; 4ª - Sol; 5ª - Vênus; 6ª - Mercúrio; 7ª - Lua; 8ª - Saturno; 9ª - Júpiter; 10ª - Marte; 11ª - Sol; 12ª - Vênus.

Horas noturnas:	1ª - Mercúrio; 2ª - Lua; 3ª - Saturno; 4ª - Júpiter; 5ª - Marte; 6ª - Sol; 7ª - Vênus; 8ª - Mercúrio; 9ª - Lua; 10ª - Saturno; 11ª - Júpiter; 12ª - Marte.

Com esses ligeiros apontamentos de Astrologia que acabamos de transcrever, o estudioso de Ocultismo poderá utilizar os ensinamentos que se encontram no Pequeno Dicionário de Botânica Oculta que inserimos, adiante, nesta obra.

PEQUENO DICIONÁRIO DE BOTÂNICA OCULTA

Neste brevíssimo dicionário de Botânica Oculta fizemos constar o nome de algumas plantas com sua denominação vulgar, acompanhada, porém, da científica, isto é, em latim, com a finalidade de evitar erros, pois é sabido que uma mesma planta costuma ser conhecida sob diferentes nomes. Com a denominação latina podem, por conseguinte, tanto na Espanha como na América e em qualquer ponto do globo, conhecer exatamente a planta que descrevemos, porquanto para isto é bastante que se consulte uma Botânica corrente.

Anotamos também, neste pequeno dicionário, embora muito brevemente, os usos medicinais que a ciência oficial nos ensina e a seguir nos ocupamos de suas virtudes mágicas, segundo a ciência oculta.

Por último, registramos, algumas vezes e a título de curiosidade, as crenças e práticas supersticiosas sobre as plantas que tão prodigamente nos oferece o amplo campo do folclore.

Fizemos preceder a publicação deste dicionário de umas breves notas astrológicas para que o leigo no assunto saiba, em momento fixo, a hora conveniente em que se deve colher uma planta, quando se trata de utilizá-la em alguma operação mágica. Embora esta condição seja absolutamente, indispensável no citado caso, pode-se prescindir dela quando se trate de utilizar as plantas em Terapêutica. Todavia, cumpre-nos fazer constar que os médicos da Antiguidade prescreviam suas receitas, levando em consideração as influências planetárias. Mas, em princípios do século passado, havia médicos que não purgavam nem sangravam seus enfermos sem antes consultar a influência da lua e se o signo zodiacal não lhes era favorável.

Relação dos autores consultados para a confecção do presente dicionário: **Agrippa, Alberto Magno, Dioscórides e o Divino Paracelso.**

AGAVE (Anthalonium Levini): As folhas frescas deste cacto, mastigadas, produzem alucinações aterradoras; com as folhas secas, também mastigadas, obtêm-se visões alegres, de caráter erótico. Esta planta é muito procurada pelos índios do Texas e Novo México. O cacto, em todas as suas variedades, traz sorte, segundo a crença popular. Deve ser colhido na hora de Saturno.

AGÁRICO (Viscum album). — Tão famosa na antiguidade, hoje em dia esta planta está relegada quase ao esquecimento. A ciência médica prescinde dela, e, no entanto, possui algumas qualidades terapêuticas bastante apreciáveis, pois é sabido que dá excelentes resultados em diversas doenças nervosas, como, por exemplo, nas convulsões e na epilepsia. Em ditas doenças se emprega o agárico na forma de decocto. Obtém-se, fervendo, durante quinze minutos, 5 gramas de material triturado, em meio litro d'água. Dose: uma chavenazinha cada quatro horas. Segundo Plínio, a infusão do agárico, tomado no final do período menstrual, facilita a concepção e combate a esterilidade, em muitos casos.

Botânica oculta: No Natal, na hora astrológica propícia, os druidas celebravam pomposamente a colheita das bagas do agárico. Estas bagas saturadas do tríplice fluidismo da árvore, dos astros e da fé dos participantes à cerimonia, convertiam-se em poderosos condensadores magnéticos que utilizavam para realizar curas maravilhosas, em casos verdadeiramente desesperados. Eis o que diz em seu Glossário Teosófico H. P. Blavatsky:

Agárico: Este curioso vegetal, que cresce somente como uma parasita em várias árvores, como a macieira e a azinheira, era uma planta mística em diversas religiões antigas e, sobretudo, na dos druidas celtas. Seus sacerdotes cortavam o agárico em certas estações, com muitas cerimonias e servindo-se apenas duma foice de ouro, especialmente consagrada. A título de explicação religiosa, Hislop insinua a idéia de que, sendo o agárico um ramo que brota duma Árvore-Mãe, foi adorado como um ramo divino saído de uma árvore terrestre, a união da Divindade com a Humanidade. Em alemão, o nome desta planta significa "cura-o todo". Compare-se o Ramo de Ouro mencionado na Eneida de Virgílio (VI, 126) e na História Universal de Plínio (XVII, 44): "Sacerdos cândida veste cultus arborem scandit falce aurea demetit". (Um sacerdote vestido de branco sobe a árvore e corta o agárico com uma foice de ouro). Entre os druidas, esta planta parasita simboliza o sacrifício divino, a descida do Espírito à Matéria. Frio e seco. Signo do zodíaco. Touro.

ABRÓTONO (Abrotanum). - Planta parecida com o absíntio. É anti-helmíntica, estomacal e estimulante. Recomenda-se para provocar o fluxo menstrual e excelente para facilitar os partos.

Botânica oculta: Quente e seco. Lua. Colhe-se em princípios de abril, sob o signo de Escorpião.

ABSÍNTIO (Artemisa absinthyum). - É vermífugo e febrífugo. Produz insônias e alucinações terrificantes nas pessoas muito nervosas. Botânica oculta: Receptáculo do astral inferior. Suas flores, secas e queimadas, empregam-se como poderoso perfume

nas evocações infernais.

Planeta: Marte.

Signo zodiacal: Capricórnio.

ACÁCIA (Acacia). — Árvore sagrada dos egípcios. Na fran-co-maçonaria simboliza a imortalidade da alma. No grau Rosa-Cruz e em diversos ritos maçônicos ensina-se que a Acácia lembra que foi desta madeira a cruz em que morreu o Divino Mestre.

Botânica oculta: O suco de dito fruto, colhido na hora planetária correspondente, é misturado nas tintas que servem para desenhar os talismãs sobre pergaminhos. Planeta: Mercúrio.

AÇAFRÃO (Crocus sativus). — Possui muitas propriedades curativas, mas seu emprego não pode ser recomendado a profanos na arte de curar.

Botânica oculta: Utiliza-se em feitiços e em perfumes mágicos. Colhe-se quando o Sol está em Leão ou em Peixes ou quando a Lua está em Câncer.

ACANTO (Acanthus mollis). - Planta perene. Suas folhas cheias de suco mucilaginoso são aperitivas, emolientes e muito eficazes para curar toda sorte de queimaduras. Desconhecemos suas propriedades mágicas, se é que as tem. Planeta: Marte.

ACÔNITO (Aconitum napellus). — Os leigos no assunto não devem fazer uso desta planta em matéria medicinal, pois oferece graves perigos.

Botânica oculta: É fria e seca. Emprega-se (misturada com arruda, açafrão e aloés) em fumigações para afastar os maus espíritos. É uma das doze plantas dos Rosa-Cruzes. Os gregos diziam que esta planta nascera da baba de Cérbero, quando Hércules o tirou dos

infernos. Atribui-se-lhe a virtude de fazer renascer o pelo. Planeta .Saturno.
Signo zodiacal: Capricórnio.

AGNOCASTO (Agnus castus). — Paracelso chamou esta planta de satânica e empregava seus grãos em infusão para curar "os ardores da carne". Suas propriedades afrodisíacas já eram conhecidas dos atenienses, os quais colocavam esta planta em seus leitos com a finalidade de conservar a continência.
Planeta: Saturno. Signo zodiacal: Câncer.

AGRIMÔNIA (Agrimonia eupatoria). — Fria e seca. É vermífuga; suas folhas são adstringentes; cura as anginas, as nefrites, os fluxos leucorréicos, a debilidade da bexiga. Em loção é muito boa contra as cataratas, as luxações, as feridas. É eficaz contra as picadas de cobras. Botânica oculta: Colocadas sobre a cabeça duma pessoa dormindo, as folhas desta planta privam-na de acordar.

AIPO (Apio graveolens). — Os grãos desta planta são digestivos e muito eficazes contra as flatulências. Suas raízes são diuréticas e aperitivas. A infusão desta planta (200 gramas num litro de água) é um bom remédio para reduzir o leite das mães. Dose: uma xicarazinha de três em três horas. Botânica oculta: Planta sagrada entre os gregos; utilizava-se em muitas cerimonias fúnebres. Desconhecemos suas virtudes mágicas.

ALCACHOFRA (Scolymus). — Um pouco afrodisíaca. A raiz ou o grão, se colhidos quando o Sol entra no quinto grau da constelação de Libra, curam os fluxos de sangue e as dores do ventre. A água do cotão interior é excelente para conservar os cabelos. Marte em Escorpião.

ALHOS (Allium sativum). - Os egípcios prestavam grandes honras a estes bulbos; os gregos, contudo, proibiam a entrada no templo de quem tivesse comido alho. No que diz respeito aos efeitos medicamentosos, a ação destes bulbos tem sido apreciada em todas as épocas. São anti-helmín-ticos, estimulantes, anti-reumáticos e expectorantes; corrigem a menstruação; são bons contra a hidropisia e o mal-de-pedra. Empregam-se também com êxito contra as bronquites. Aplicados diretamente, ou seja, sem a gaza que entra em contato com a pele, são um excelente calicida e servem igualmente para combater a sarna e a tinha. Recomenda-se o uso de alho no combate à raiva. Ao atacado de hidrofobia dá-se a quantidade de alhos que seu organismo puder tolerar, submetendo-o logo a um banho de vapor para provocar em seu organismo a maior abundância possível de suor. Paracelso informa ter curado por este processo muitos doentes atacados deste terrível mal. Botânica oculta: Para preservar-se de todo malefício, colhem-se sete alhos na hora de Saturno, enfiam-se num barbantezinho de cânhamo e carregam-se pendurados no pescoço durante sete sábados e ficar-se-á livre de feitiços por toda a vida. Para afastar os pássaros duma árvore, basta untar os galhos com um alho. Se a pessoa deseja alhos inodoros, é só plantá-los e colhê-los quando a lua não se acha sobre nosso horizonte.

ALOÉS (Aloé socotrina). — Gênero de plantas liliáceas; de suas folhas se extrai um suco que se converte em massas quebradiças, de cor de alfarroba. Quando ministrado com acerto, produz excelentes efeitos. Como aperitivo, dosifi-cam-se entre cinco a dez centigramas. Como purgante, ministra-se uma dose entre dez centigramas a um grama e meio, segundo a idade de quem a tomar. Para as crianças, é sempre um mau purgante. Também as mulheres

grávidas não devem torná-lo. Tomarão em dose de meio grama e repetidamente durante certo tempo, provoca a evacuação menstrual. As loções de suco de aloés com vinagre evitam a queda do cabelo.

Botânica oculta: O aloés em pó, misturado com incenso, emprega-se como perfume para atrair as influências de Júpiter.

ALFORVA (Trigonella foenum graecum). - Aplicada em cataplasmas, a farinha de suas sementes é remédio eficaz para resolver as inchações e inflamações.

AMIEIRO (Betulo nigra). — Esta planta oferece a circunstância de que suas folhas se tornam brancas, quando a atmosfera se dispõe a chover. Assim sendo, constitui perfeito barômetro natural.

Botânica oculta: O carvão desta madeira se emprega para traçar os círculos mágicos nas evocações diabólicas.

ANGÉLICA (Archangelica officinalis). — Tem o nome de Erva-do-Espírito-Santo. Sua raiz é tônica e estimulante; emprega-se com êxito contra a debilidade dos órgãos digestivos. Em geral, possui propriedades antiespasmódicas, carminativas e estomacais.

Botânica oculta: Boa para prevenir alucinações; contrária à fascinação; colocada no pescoço das crianças, defende-as contra toda sorte de embruxamento. Colhidas na hora de Saturno, as folhas são boas para curar a gota; a raiz, arrancada nas horas de Sol ou de Marte, sob o signo de Leão, cura a gangrena e as mordidas venenosas. Colhe-se em fins de agosto. Leão e Aquário.

ANIS-VERDE (Pimpinella anisum). - Os frutos desta planta ativam o trabalho do estômago e dos intestinos; além disso, é diurético e atemperante. Usa-se em infusão, aquecendo-o até à ebulição 10 gramas de seus frutos em um litro de água. Tapar bem, deixar esfriar e coar. Para combater as cólicas das crianças de peito, a ama-de-!eite deve tomar uma xicarazinha de três em três horas. Em loções, melhora a vista; em infusão com vinho e açafrão, cura as oftalmias; em fragmentos amolecidos em água e introduzidos nas fossas nasais, cura as úlceras do nariz. Botânica oculta: Desconhecemos-lhe propriedades mágicas. Suas propriedades curativas são mais eficazes se dita planta for colhida na hora de Mercúrio sob as constelações de Gêmeos ou Virgem.

ARISTOLÓQUIA (Aristolochia). - É pulmonar, diurética, emenagoga, detersiva e vulnerária. Favorece a expulsão das secundinas e cura os fluxos uterinos. Em loções com vinho cura a sarna e desseca toda espécie de chagas. Botânica oculta: O humo dos seus grãos acalma os epilépticos, os possessos e desata o nó da agulheira (designa-se assim o feitiço que impede o homem de realizar o ato sexual com determinada mulher).

ARNICA (Arnica montana). — Recomenda-se para aliviar a cabeça nas tonturas transitórias. Dá excelentes resultados nos catarros pulmonares crônicos, sem febre, dos velhos e nas retenções de urina por paralisia da bexiga. É um remédio externo muito popular contra os golpes e quedas como resolutivo, mas a tintura deve ser diluída em água e não deve ser empregada pura. Em alguns casos, quando a contusão é forte e não há arranhaduras, pode ser empregada só ou então com muito pouca água.

Botânica oculta: É uma das doze plantas dos antigos Rosa-Cruzes. Sol.

ARTEMÍSIA (Artemisa vulgaris). — Desta planta, chamada também de erva-de-São-João,

empregam-se as folhas, flores e raízes. É emenagoga, estimulante e tônica. Emprega-se com êxito contra a epilepsia. Fervida com vinho e tomada em pequenas doses, evita os abortos; muitíssimo indicada para provocar a menstruação.

Botânica oculta: Era uma das doze plantas da antiga Rosa-Cruz. Colhida em dia de São João, se suspensa do tronco de um roble, no meio de um campo, este se torna fértil. Não podendo ser neste dia, pode ser colhida em qualquer sexta-feira antes do nascer do sol. Colhida de noite, esta planta constitui um poderoso amuleto contra todo tipo de sortilégios. Queimada como defumador no aposento de dormir, desata a ligadura da agulheira. Na Alemanha, na manhã do dia de São João confeccionam coroas de artemísia e as levam para junto das fogueiras, guardando-as depois como preservativos contra enfeitiçamentos. Na floresta normanda colhem-na durante a novena de São João, para destruir os malefícios que privam as vacas de dar leite. Na Áustria, nem o diabo nem os bruxos têm algum poder sobre quem leva consigo dita planta. Igualmente, um ramo colocado na porta duma casa evita o embruxamento da mesma. Na Alemanha meridional e na Boêmia confeccionam, na novena de São João, umas espécies de coroas com esta planta para depois as colocarem junto a uma imagem do santo evangelista, o qual iluminam com uma ou três lâmpadas. Desta maneira se vêem livres e imunes contra feitiços para todo o ano. Esparramando suas folhas sobre um campo, por ocasião da semeadura, este fica preservado contra o granizo e as pedras. Com as três flores e as folhas desta planta fazem-se perfumes contra os espíritos guardiães de tesouros e contra os demônios.

AVEIA COMUM (Avena sativa). — Contra os reumatismos. Cataplasmas quentes preparadas com vinho. Contra a hidropisia: 25 gramas de sementes reduzidas a pó; 250 gramas de água. Ferver pelo espaço de quinze minutos, deixar esfriar por um momento e coar com uma capucha de estamenha. Tomar quatro chávenas diárias, durante muito tempo. Além disso, é um excelente diurético, pois pode ser ministrado a doentes muito debilitados sem temor de extenuá-los. Contra as chagas pútridas: Cataplasma quente composta de 5 gramas de levedura de cerveja e 100 gramas de farinha de aveia. Para curar a sarna: deitar-se nu sobre um campo de aveia, esfregando-se a pele com um punhado de talos da mesma planta, molhados em água de fonte. Deixar secar, depois, a pele naturalmente debaixo duma árvore, que a sarna irá desaparecendo. Desconhecemos suas propriedades mágicas. Planeta: Sol e Lua.

AVELEIRA (Hamamelis virginica). - Planta que o povo chama de Aveleira-da-Feiticeira. Tem muitas aplicações terapêuticas. Uma das propriedades mais notáveis da aveleira é a de ser anti-hemorroidal. Vejamos como se prepara a

pomada para curar as hemorróidas: 100 gramas de manteiga sem sal. 10 gramas de tintura de Hamamelis. Ponha-se tudo junto homogeneamente num almofariz. Uso: três aplicações por dia. A tintura de Hamamelis se obtém da seguinte maneira: 100 gramas de álcool 90.°. 20 gramas de pedacinhos de aveleira (casca e folhas secas). Manter vinte dias em amolecimento, filtrar e envasilhar. Botânica oculta: a varinha-de-condão é feita de aveleira silvestre, cortando um ramo ao nascer do sol, em qualquer dia, no mês de junho. Existem tratados de magia adivinha-tória que recomendam seja cortada na lua cheia, mas também dentro do mês de junho. A maneira de servir-se desta varinha é a seguinte: Colhe-se um ramo aforquilhado de aveleira, medindo cinco centímetros de comprimento e da grossura de um dedo e que não tenha mais de um ano. Pega-se o ramo pelas pontas, uma em cada mão, sem

apertar, de modo que o dorso olhe para o chão e o vértice da varinha olhe para a frente. Então se anda lentamente pelos lugares onde se supõe haja água, metais ou dinheiro escondido. Há outro modo de usar a varinha, que consiste em levá-la em equilíbrio sobre o dorso da mão e andar lentamente; quando passar por cima de um manancial, ela começará a dar voltas. O Pe. Kircher expressa-se de maneira bem clara: Colhe-se um rebento de aveleira (não exige que seja silvestre), bem reto e sem nós, corta-se em dois pedaços iguais, fura-se a ponta de um deles, formando um pequeno buraco; corta-se a extremidade do outro em forma de ponta, de modo que a extremidade de um penetre na do outro. Avança-se nesta posição, segurando-o entre os dedos indicadores. Quando se passa por cima de fios de água ou de veias metálicas, a varinha oscila acentuadamente. Planeta: Mercúrio.

AZEDINHA-DA-HORTA (Rumex acetosa). - É depurativa e refrescante. Cortada em pedacinhos e postos em vinagre forte branco, durante quarenta e oito horas, a raiz é um excelente remédio contra as erupções da pele. Emprega-se em loções. O suco desta planta, recém-extraído, é empregado com êxito quando aplicado sobre as úlceras pútridas e gangrenosas, sendo necessário recobri-las logo com algodão hidrófilo, que se prende com uma ligadura.

AZINHEIRA (Quercus ruber). — Em terapêutica, usa-se apenas a casca desta árvore ramosa. É adstringente. Emprega-se contra as diarréias serosas, hemorragias, leucorréias, hemoptises. Administrada em grandes doses, usa-se contra a tuberculose pulmonar. A melhor maneira de se usar este material é em decocto. Durante quinze minutos, ferver 25 gramas de casca em pedacinhos em meio litro d'água. Deixar esfriar e coar. Dose: quatro chávenas por dia, ou mais, se não se sentir uma imediata melhoria.

Botânica oculta: De um antigo grimório latino copiamos o seguinte: Para ser feliz nos negócios, tomar cinco bolotas de azinheira, colhidas em dia de domingo e em sua hora planetária; queimar e reduzir a pó. Este pó será guardado numa bolsinha de seda amarela e a pessoa a levará consigo. Este amuleto, chamado do Sol — acrescenta o grimório — favorece grandemente o que estiver incurso no processo.

BARDANA (Lappa maior). - Fria e seca. Atua sobre as doenças da pele, úlceras, gota e **sífilis.** Dá excelentes resultados nos cálculos de rins e na bexiga, como também nas cólicas hepáticas. Aplicadas em cozimento, as folhas constituem um notável remédio contra a tinha. Usa-se em infusão: 25 gramas num litro de água. Desconhecemos suas propriedades mágicas.

BELADONA (Atropa belladona). - Fria e úmida. Esta planta é muito ativa e, como o acônito e o Meimendro, seu emprego deve ser dirigido por um médico. Botânica oculta: Tem propriedades muito semelhantes ao meimendro e é outra das várias plantas que entram na composição da pomada das bruxas. Suas folhas secas e trituradas e misturadas ao açafrão e cânfora constituem um perfume mágico para afugentar as larvas do astral. Saturno. Vênus. Escorpião.

BETONICA (Betonica officinalis). - Ingerida, produz abundantes defecações. Exteriormente, aplica-se com êxito nas úlceras varicosas e nas chagas infetadas. Emprega-se em cozimento: 100 gramas num litro d'água. Botânica oculta: É indicada contra o embruxamento.

BISTORTA (Poligonum bistorta). — Sua raiz é empregada como poderoso adstringente

para combater as diarréias crônicas. Usa-se em garvarismos para curar as inflamações crônicas da boca e fortalecer as gengivas. Aplicada em loções, ajuda a cicatrizar todo tipo de chagas. É um grande tónico para combater a tuberculose incipiente, tomada com vinho (de 50 a 100 gramas). Desconhecemos suas virtudes mágicas.

BRIÔNIA (Bryoniaalba). —O povo batizou esta planta com os nomes de nabo-galante, nabo-diabólico, morte-do-díabo e outros vários. Seu uso interno oferece vários perigos. Recomendamos seu emprego para combater a inchação da garganta, do peito, do ventre, das pernas, etc, na seguinte forma: 25 gramas de raiz de briônia; 200 gramas de azeite puro de oliveira. Ferver até que seu conteúdo tome uma cor preta. Aplicar, friccionando, sobre a parte doente e colocar atadura, em seguida.

Botânica oculta: Emprega-se em determinadas cerimônias de magia negra. Columela atribui-lhe a virtude de afastar os raios. Para isto, é preciso colocar um raminho de briônia em cada um dos quatro pontos cardeais do edifício que se desejar preservar da faísca elétrica. Mercúrio.

BUGLOSSA (Anchusa itálica). — O suco das folhas desta planta é excelente para curar as palpitações do coração. Para isto misturam-se 30 gramas de suco com igual quantidade de açúcar, até formar uma espécie de xarope. Tomar ao deitar-se, durante alguns dias. As flores são muito recomendáveis nas bronquites leves e nos catarros ligeiros. A melhor maneira de administrar estas flores para ditas doenças é como segue: Em meio litro de água, ferver 10 gramas de flores e folhas desta planta. Deixar esfriar e coar. Uso: Quatro ou seis chávenas divididas convenientemente durante o dia. Botânica oculta: Ignoramos suas propriedades mágicas.

CALDO-BRANCO (Verbascus thapsus). - Desta planta, empregam-se folhas e flores. Serve para combater a asma, os tenesmos de sangue e a tosse. Administra-se em infusão. Em meio litro d'água, ferver folhas e flores misturadas, em quantidade de 10 gramas. Dose: Uma chavenazinha cada hora. Em afecções crônicas e passados os acessos, quatro chavenazinhas por dia. Em alguns casos de sífilis, as folhas têm apresentado bom resultado e, em infusão de leite, servem também contra a tuberculose pulmonar. Exteriormente, aplicam-se frescas para curar as feridas.

CAMÉLIA (Camelli). — Planta originária da China,*impor-tada para a Europa por um sábio jesuíta chamado Camelli, do qual tomou o nome que leva. Não possui aplicações terapêuticas.

Botânica oculta: Convenientemente destilada, esta planta produz um azeite de um grande valor mágico, destinado à alimentação das lâmpadas empregadas em ritos teúrgicos, como as evocações angélicas. Seu uso é muito benéfico nas sessões espirituais, pois com ele se conseguiriam comunicações somente com espíritos muito elevados ou, pelo menos, com espíritos bondosos.

CANA (Arundo donax). - Usa-se como depurativo suave e também para fazer passar o leite das amas-de-leite. Em meio litro de água, ferver durante vinte e cinco minutos 30 gramas de sua raiz reduzida a pó. Deixar esfriar e coar. Como depurativo, tomar quatro chávenas diárias. Como lactífugo, uma xicarazinha de três em três horas.

Botânica oculta: O segredo que vamos apontar não sabemos se realmente é digno de

crédito ou se pertence à crendice popular. Publicamo-lo a título de curiosidade, pois se trata duma crença muito antiga que sobreviveu até os tempos presentes. Afirma-se que para curar um deslocamento de membros, por mais forte que seja, basta colocar em cima dois pedaços de cana cortados com esta intenção e postos dentro do outro. Há uma versão segundo a qual os pedaços de cana devem ser de duas canas distintas. De nossa parte acrescentaremos que muito bem poderia ter bom êxito semelhante prática, se aquele que a executa tem uma fé inquebrantável nela e "sabe pôr toda sua força de vontade". Planeta: Mercúrio.

CANELA (Cinnamomum zeylanicum). — A canela é a segunda casca duma árvore chamada caneleira que se cria no Ceilão e em outros países quentes. Emprega-se muito mais na arte culinária do que na terapêutica. E excelente para provocar as menstruações. Serve contra as indigestões, emoções fortes, síncopes, espasmos e outros acidentes análogos. Nestes casos se tomam umas colherzinhas desta casca em tintura, a qual se prepara como segue: 100 gramas de canela, reduzida a pedacinhos, que se deixam em amolecimento durante quinze dias em meio litro de álcool a 80P. Botânica oculta: Emprega-se nos perfumes mágicos do Sol e em certos filtros de amor, cujo uso o mago branco deve repelir.

CÂNHAMO HINDU (Cannabis indica). - Planta originária do Oriente. É ativíssima. Não deve ser usada sem o concurso do médico, pois sem ele há o risco de envenenamento. Em tintura, recomenda-se contra os ataques de coqueluche, nas neuralgias e cefaléias. Aconselha-se como sedativo nos acessos provocados pelas úlceras estomacais. Pode ser usado como hipnótico, dado que suscita o sono. A tintura se prepara da seguinte maneira: 20 gramas de pontas de cânhamo. 100 gramas de álcool a 90.°. Deixar para amolecimento durante quinze dias e filtrar com papel. A dose médica é de cinco a vinte e cinco gotas por dia.

Botânica oculta: O cânhamo hindu produz um extrato gorduroso, do qual se fabrica o famoso haxixe. Em uma ou duas ingestões, este produto proporciona êxtases místicos, diabólicos ou extremamente eróticos, segundo a moralidade ou mentalidade do indivíduo que o usa. Estes êxtases são quase desconhecidos do Ocidente; em compensação, determinadas seitas utilizam-no e aplicam sabiamente em1 suas cerimonias e ritos litúrgicos. Planeta: Saturno.

CEBOLA (Allium cepa). — Cebola branca ou cebola comum. Esta planta hortense é diurética, estimulante, vermífuga, expectorante e afrodisíaca. Administra-se contra a retenção da urina, contra as lombrigas intestinais, o catarro pulmonar, a tosse bronquial e o escorbuto. Emprega-se o sumo recém-extraído por pressão, misturado com xarope numa dose de 4 a 8 gramas. Para uso externo aplica-se cozida ou crua. No primeiro caso, atua como emoliente e no segundo, como rubefaciente. Crua, usa-se contra as pneumonias, procedendo-se da seguinte maneira: Pôr a cebola cortada em cruz numa panela tampada e aquecer suavemente até que se desprenda uma pequena quantidade de água; em seguida, borrifar com essência de terebentina e aplicar sobre a parte doente. O sumo de cada cebola crua, aplicado em fricções sobre o couro cabeludo, detém a queda do cabelo. Contra a dor de ouvidos: cozer uma cebola ao rescaldo, colocá-la sobre um pedaço de pano com um pouco de manteiga fresca, sem sal, e aplicar tudo na orelha, num estado mais quente possível, durante uns minutos.

CEBOLA-ALBARRÃ (Scilla marítima). - Muito conhecida do povo. Registramo-la

unicamente com o fim de premunir nossos leitores para que não façam uso dela na medicina caseira, visto que oferece sérios perigos. Ignoramos suas propriedades ocultas.

CELEDÔNIA (Chelinoum majus). - Usada interiormente, é muito perigosa, razão porque só damos a conhecer seu uso externo. O suco desta planta - que pode ser extraído malhando-se a sua raiz num almofariz, extirpa as verrugas. Contra a supressão das regras, aplica-se uma cataplasma de dita planta sobre a pélvis. Para isto se deve malhar uma planta inteira, de bom tamanho, até conseguir um amassilho composto de talos frescos, folhas e raízes. Segundo um remédio popular, este sumo serve para aclarar a vista. Acautele-se contra o uso, pois corre o risco de ficar cego quem procurar utilizá-la.

Botânica oculta: A raiz da celedônia, colocada sobre a cabeça de um doente, em estado febril, pô-lo-á a cantar se realmente tiver que morrer e, ao contrário, se continuar vivendo se porá a chorar amargamente. Sol, Sagitário.

CENTÁUREA MENOR (Erythrae centaurium). - Seus talos e flores são um tônico amargo de primeira ordem na debilidade digestiva e falta de apetite. Administra-se contra as febres intermitentes, flatulências e gota. A infusão se prepara com 5 gramas de flores em meio litro d'água. Esquenta-se até ferver e coa-se. Aplica-se externamente sobre as úlceras escrofulosas e sobre as feridas. Botânica oculta: Segundo a lenda, foi descoberta pelo centauro Chirão. É antidemoníaca. Possui grandes virtudes mágicas; deve ser colhida, pronunciando-se palavras de encantamento (Plínio). Num antigo grimório, atribuído a Alberto Magno, se lê o seguinte: Se forem jogadas as pontas desta planta no azeite duma lâmpada com um pouco de sangue de poupa fêmea, provocar-se-ão alucinações terríficas aos que são iluminados por dita lâmpada. Se for jogado um feixe desta planta ao fogo e se a pessoa ficar contemplando-o por um momento e logo dirigir o olhar para o céu, terá a impressão de que as estrelas estão se movimentando e caindo. Se alguém aspirar sumo de um galho queimado, sentirá medo. Júpiter em Leão.

CEVADA (Hordeum vulgare). — É nutritiva, emoliente e refrescante em sumo grau. Usa-se em decocto. Prepara-se como segue: Em meio litro d'água ferver, durante vinte minutos, 20 gramas de cevada descascada e moída. Deixar esfriar e coar. A farinha de cevada é empregada em uso externo para confeccionar cataplasmas muito úteis para dissipar e atenuar os humores.

Botânica oculta: As espigas desta planta (Yava} em sânscri-to) eram oferecidas pelos brâmanes em sacrifícios aos deuses e aos sete príncipes espirituais. Planeta: Sol.

CHICÓRIA (Chicorium Intibus). — Quente e seca. É depurativa e laxante. Contra as digestões lentas: fervam-se 20 gramas de folhas novas de chicória num litro d'água; deixar esfriar lentamente e depois coar. Tomar uma xícara depois de cada refeição. Com seu uso prolongado curam-se as cólicas hepáticas.

Botânica oculta: De joelhos diante desta planta, no dia de São João Batista, antes do nascer do sol, levantar-se pausadamente e pronunciando em voz baixa, por três vezes, a palavra sagrada Tetragrámmaton. Levar a planta para casa e mantê-la guardada bem envolta em panos brancos e limpos. Com isto se obtém um poderoso amuleto contra todas as ciladas diabólicas e contra toda espécie de sortilégios. Desta benfazeja influência participarão todos os que moram na casa onde está guardado dito amuleto.

CICUTA (Conium maculatum). — Planta sumamente venenosa, pelo que se deve evitar seu uso interno sem indicação do médico. A cicuta pode ser facilmente confundida com o cerefolho e o perrexil. Para obviar funestas consequências, apontaremos as diferenças existentes entre as referidas plantas. A cicuta tem as folhas três vezes aladas; são folhinhas agudas, incindidas nos bordos. Seu cheiro é desagradável. O cerefolho tem as folhas semelhantes às da cicuta, porém são folhinhas curtas e largas. Seu cheiro lembra o do anis. O perrexil tem folhas inferiores duas vezes aladas; folhas largas, trioladas e em forma de cunha. Seu cheiro é muito pouco pronunciado. Para combater o envenenamento pela cicuta é preciso provocar o vomito e administrar, em seguida, os ácidos vegetais debilitados, tais como o suco de limão, o vinagre, etc. A cicuta não produz nenhum efeito tóxico nas cabras e carneiros, sendo venenosa para os coelhos, bois e cavalos. No homem provoca sede, dores de cabeça e do estômago, vertigens, delírios e, por último, esfriamento geral seguido da morte. Os frutos desta planta, que são menos ativos do que as folhas, utilizam-se para fabricar o anis. Aos condenados à pena máxima os gregos davam de beber uma beberagem feita à base de cicuta. A história lembra com isto a morte de Sócrates. Botânica oculta: O suco desta planta faz parte da pomada dos bruxos. Preparada com vinho, produz um sono letárgico nos pássaros.

CINOGLOSSA (Cinoglossum officinalis). — Conhecida com o nome de língua-de-porco, desta planta se aproveitam as folhas e a casca da raiz. Tem propriedades calmantes, peitorais, narcóticas e antidiarréicas. Excelente para combater os catarros bronquiais. Administra-se em decocto. 250 gramas de água; 15 gramas de casca da raiz. Ferver durante vinte minutos. Dose: tomar cinco chavenazinhas por dia, bem quentes. As folhas se aplicam em cataplasmas sobre as inflamações epidérmicas e as queimaduras. Botânica oculta: Trazida consigo, a raiz desta planta nos reconcilia com nossos inimigos e atrai-nos a simpatia de nossos semelhantes (Porta).

CIPRESTE (Cupressus sempervirens). — O fruto desta árvore resinosa consiste em pinhas ou galhas. Sua decocção conserva os cabelos em sua cor primitiva, pois evita as cãs até uma idade muito avançada.

Botânica oculta: O cipreste é o símbolo da morte. Com sua ramagem se coroava a fronte de Plutão. A madeira desta árvore serve para a construção da mesa triangular que se emprega em determinados trabalhos de bruxaria, como na imprecação dos "responsórios às avessas" e outros da mesma natureza. Utiliza-se também a madeira para jogá-la ao fogo junto com ervas e drogas, em certas evocações aos elementais.

COCA (Erythroxylum coca). - Conhecida pelo nome de Coca do Peru. Arbusto cujas folhas, de propriedades excitantes como o café e o chá, são muito apreciadas pelos índios para mastigá-las. Os antigos ou primitivos índios do Peru tinham este arbusto como sagrado, queimando-o nos altares erigidos ao Sol. Possui uma ação tonificante que se emprega para aumentar a força em neurastênicos e convalescentes. Mitiga a fome e a canseira. Tem sido preconizada também para reduzir a obesidade. Das folhas desta planta se extrai a cocaína.

Botânica oculta: As ínjeções hipodérmicas de seu sal, a cocaína, podem constituir um verdadeiro pacto com os seres do Astral, segundo o sábio ocultista Estanislau de Guaita (Le Temple de Satan, pág. 346). Planetas: Saturno e Sol.

COCLEÁRIA (Coclearia officinalis). — Suas propriedades antiescorbúticas são

conhecidas de há muito tempo. Recomenda-se também contra as afecções pulmonares, catarros bronquiais, catarros da bexiga e nas flores brancas. Use-se em infusão: Pôr ao fogo meio litro d'água com 25 gramas de folhas desta planta e, assim que começar a ferver, tirar e deixar esfriar, mantendo-se o recipiente bem tampado; coar em seguida. Dose: quatro a seis chávenas por dia. Desconhecemos suas propriedades mágicas.

COENTRO (Coriandrum sativum). - Chamada também coriandro, esta planta é usada para combater com êxito o histerismo, em todas as suas fases: as afecções gastrointestinais, a cefaléia e as quartas. Infusão: 200 gramas de frutos da planta num litro d'água. Quatro pequenas chávenas diárias, ou mais, segundo a intensidade do mal. Emprega-se-também para melhorar o sabor da cerveja. Botânica oculta: Com os frutos desta planta, reduzidos a pó e misturados com almíscar, açafrão e incenso, obtém-se um perfume de Vênus muito eficaz nas práticas de magia sexual. Os amuletos e talismãs amorosos devem ser defumados com este perfume (Agrippa).

CONSÓLIDA (Symphytum officinalis). — Conhecida sob diversos nomes: Grande Consolda, Consolda Maior, Orelha-de-burro, Orelha-de-vaca, Língua-de-vaca, Erva-das-cortadu-ras, Erva-do-cardeal, Sínfito Maior, Sínfito-de-cão, Consolda e Solda-com-Solda. Os antigos atribuíam-lhe a propriedade de consolidar as fraturas. Daí a origem dos nomes de Consolida e Consolda. Seu largo rizoma[9], que contém muito mucílago e, além disso é algo adstringente, usa-se no interior contra a hemoptise e a diarréia. Administra-se em infusão. Durante vinte e cinco minutos ferver, em meio litro d'água, 25 gramas de rizoma em pedacinhos. No exterior, em fomentações, para curar as queimaduras e as feridas. Em injeções uretrais e vaginais, para as doenças venéreas. Em emplastos e cataplasmas, para curar as deslocações, empregando o rizoma fresco e bem picado. Segundo Bramwell, favorece a formação de novos tecidos na úlcera do estômago.

Botânica oculta: Quente e seca. Vênus em Sagitário ou em Aquário. Planta consagrada pelos gregos a Juno, primeira das divindades femininas e rainha dos deuses. Seu nome grego é Hebe.

CORRIOLA (Calystegia sepium). — Planta encontradiça em quase toda a Espanha e cresce nos canaviais; é acre e tem uma resina semelhante à jalapina. Seu suco, muito leitoso, é purgante eficaz. Também suas folhas são purgantes, mas sua ação é menos ativa. A raiz desta planta é aconselhada para combater a paralisia incipiente.

Botânica oculta: Se suas folhas forem aplicadas por um momento sobre uma chaga pisada e deixadas logo num lugar úmido, a cura da chaga se opera magneticamente. Uma infusão de suas folhas misturadas com vinho ou licor constitui um filtro de amor, isto é, tem a virtude de conservar a harmonia e o amor entre namorados. Trazendo-se junto a sua raiz, evitam-se as doenças das vistas, chegando até a serem curadas. Planetas: Júpiter e Sol.

COUVE (Brassica oleracea). - Os antigos consideravam-na como um remédio universal. Hipócrates prescrevia-a cozida com mel para atacar toda espécie de cólicas. Durante a gravidez as mulheres atenienses comiam abundantes pratos de couves. O entusiasmo pela couve foi tamanho que se chegou a atribuir à urina das pessoas que se alimentavam de couves, a virtude extraordinária de curar as herpes, as fístulas e até o câncer. As dores lombares desaparecem com a aplicação de folhas cozidas, bem quentes. Se aplicadas sobre os

peitos das amas-de-leite, fazem desaparecer os infartos mamários. Em cataplasma, dão muito bons resultados contra as dores reumáticas. Para isso, devem ser aplicadas bem quentes e renová-las cada duas horas, no mínimo. As sementes da couve são um excelente vermífugo. Câncer e Escorpião. A couve vermelha, chamada Lombarda, comida antes de um banquete, evita os mal-estares produzidos pelo vinho tomado em grande quantidade. Tem propriedades contra as flatulências, a bílis e a icterícia. Lua e Júpiter.

CRAVINHOS (Eugenia cariphylla). — Conhecidos vulgarmente com o nome de Cravos-de-Especiaria. São originários das Molucas e de Caiena. Estes últimos são os melhores. Têm propriedades tônicas, estomacais, cordiais e estimulantes. Empregam-se em infusão e tintura. Infusão: Em meio litro d'água, ferver quatro gramas de cravinhos. Dose: Uma colher de três em três horas. Tintura: Em 100 gramas de álcool a 80° amolecer 20 gramas de cravinhos. Dose: de 3 a 8 gramas diárias, misturadas com água-de-flor-de-laran-jeira. No uso externo se recomenda a tintura em fricções para combater a paralisia e a fraqueza muscular. Esta medicação abaixa a temperatura durante o estado normal. Acalma momentaneamente a dor de dentes, mas é um remédio nada recomendável.

Botânica oculta: Planta quente e seca. Colhe-se quando o Sol está em Peixes ou quando a Lua está em Câncer. A essência dos cravinhos se usa em vários trabalhos de magia negra. Associada ao fósforo, atrai as larvas, pois deles se nutrem consideravelmente. Se um hipnotizador, durante o seu trabalho, conserva na boca um cravo de especiaria, aumentará sobremodo sua força nêurica. A essência dos cravinhos se emprega em determinados trabalhos de magia sexual.

CULANTRILHO (Adianthum capillus). - Conhecido pelo nome de Culantrilho-do-poço. E um feto que cresce nas paredes dos poços e nas fendas de rochas úmidas. Emprega-se fresco, pois logo perde suas propriedades curativas. Facilita a expectoração e acalma as dores do peito. Favorece o aparecimento das regras. Usa-se em loções para tonificar o couro cabeludo, pois evita a queda dos cabelos. Botânica oculta: A coroa de Plutão era formada das folhas desta planta. Plutão era divindade mitológica que presidia e governava as regiões infernais. Seu nome grego é Hades. Planeta .Saturno.

DAMIANA (Turner aphrodisiaca). — Planta do Brasil, Califórnia e México, da qual se usam apenas as folhas. É diurética e afrodisíaca. Sua ação fundamental consiste em ser um bom tônico nervoso, cujo efeito é duradouro. Indicada na neurastenia, nas convalescenças lentas e na impotência. Um bom estimulante das funções cerebrais e excelente nos casos de dispepsia e na gastralgia, acompanhada de enxaqueca. Recomenda-se igualmente na albuminúria que se segue a uma escarlatina, nas afecções dos rins e da bexiga. Usa-se em infusão, em decocto e em tintura. Infusão: 10 gramas de material esfarelado num litro d'água. Decocto: 30 gramas de material num litro d'água. Dose: de 60 a 125 gramas por dia. Tintura: 20 gramas de material em 100 gramas de álcool de 90P. Deixar amolecer durante quinze dias. Dose: Quarenta gotas por dia, dissolvidas em vinho ou água aromatizada e açucarada. Ignoramos suas propriedades mágicas.

DENTES-DE-LEÃO (Taraxacum dens leonis). - Planta vulgar e comum em nossos campos e prados; segrega abundante e amargo suco leitoso. Desta planta usam-se as folhas e a raiz. Seu decocto acalma a tosse e as irritações do peito; dá resultados muito bons contra os

escarros de sangue; excelente febrífugo e sudorífico. Excita o curso da bílis e exerce uma ação favorável nos infartos do fígado e na icterícia. Provoca as contrações da vesícula biliar. Além disso, tem propriedades diuréticas e depurativas que a aconselham nas afecções crônicas. Decocto: Em meio litro d'água colocar 10 gramas de material esfarelado.

DÍTAMO BRANCO (Dictamus a/bus). - Erva ramosa, com folhas semelhantes às do freixo, razão porque é vulgarmente conhecida pelo nome de freixinho. Balsâmico, sedativo, sempre verde. Estimula e favorece a digestão e regulariza o fluxo menstrual. Suas folhas, em compressas, são excelentes para as mulheres grávidas. Usa-se em decocto. Ferver 10 gramas do material em meio litro d'água. Deixar esfriar e coar.

Botânica oculta: Uma coroa destas folhas colocada na cabeça duma pessoa magnetizada contribui, de maneira surpreendente, para o desenvolvimento da clarividência sonambúlica. A raiz do dítamo branco, quando deixada secar e lançada ao fogo, produz um humo que favorece igualmente o trabalho do magnetizador e ajuda o indivíduo refratário. Sol e Câncer.

ÊNULA-CAMPANA (Inula Helenium). - Desta planta se aproveitam a rizona e raiz. Emprega-se contra os catarros bronquiais, retenções de urina, irregularidades do fluxo menstrual e na leucorréia, na falta de apetite e nas pneumonias para acalmar a tosse e favorecer a expectoração. Indicada na dispepsia atônica para estimular a mucosa do estômago. Excelente, também, contra a diarréia. Administra-se em decocto. No espaço de quinze minutos, ferver 3 gramas de rizoma em meio litro d'água e deixar esfriar. Dose: Quatro chavenazinhas diárias. O pó de rizoma é muito eficaz contra as doenças do baço. Tomar, em jejum, 9 gramas por dia, diluídos em vinho generoso. Aplica-se em loções contra as úlceras de mau cariz.

Botânica oculta: Num grimório muito popular, Os Segredos do Pequeno Alberto, se lê o seguinte: "Na noite de São João, ao soar a meia-noite, colhe-se a erva chamada Ènula-campana, põe-se a secar e reduz-se a pó, acrescentando-se-lhe uma pequena quantidade de âmbar cinzento. Ponha-se tudo numa bolsinha de seda verde e leve-se junto do coração durante nove dias. Coloquem-se imediatamente estes pós em contato com a pele da pessoa que se ama (sem que ela perceba) e se despertará nela um amor irresistível para com quem fez o trabalho descrito".

ERVA-DE-SANTA-MARIA (Tanacetum vulgare). - A infusão de pontas floridas corrige as irregularidades mensais. Dose diária: 8 gramas.

ERVA-GATEIRA (Nepeth cataria). - Desta planta se empregam as pontas floridas para combater a fraqueza consuntiva, a languidez, o escorbuto, as neuralgias, as síncopes, a atonia digestiva e a menstruação anormal. É também anti-histérica. Usa-se em infusão. Em meio litro d'água fervem-se 10 gramas de pontas. Dose: Quatro calice-zinhos ao dia.

Botânica oculta: Colhida sob um aspecto favorável e sabendo extrair o "arcano'', como indica Paracelso, constitui uma poção que tonifica o corpo de uma maneira prodigiosa e proporciona uma longa vida, isenta de doenças. Planeta: Mercúrio.

ERVA—MOURA (Solanum nigrum). — Suas bagas são ligeiramente narcóticas, podendo produzir acidentes funestos devido ao seu uso intempestivo. Por esta razão nos abste-mos de indicar o uso desta planta. Tem propriedades sedativas e emolientes.

Botânica oculta: As bagas, misturadas com ramos de mirta, lançadas sobre brasas vivas, constituem um bom perfume mágico para afugentar as larvas do plano astral. Signo zodiacal: Libra.

ESCABIOSA (Succina pratensis). - Nasce em terrenos úmidos e argilosos e dela se utilizam as folhas e as raízes. Suas propriedades suforíficas e depurativas tornaram esta planta popular no tratamento da pequena varíola, do sarampão, da escarlatina e das febres pútridas. Seu decocto é preparado da seguinte maneira: Durante vinte e cinco minutos ferver 30 gramas de folhas de escabiosa em meio litro d'água. Deixar esfriar e coar. Devido à sua propriedade adstringente, emprega-se em lavagens vaginais, para combater a leucorréia (flores brancas). Sendo, além disso, vulnerária, aplica-se exteriormente para lavar as úlceras. Desconhecemos suas propriedades ocultas. Fria e seca. Touro ou Libra, Mercúrio. As pontas, sob Áries,

ESPINHEIRO CERVICAL (Rhamnus catharticus). - As bagas deste arbusto desprendem um cheiro muito desagradável e constituem um purgante enérgico. Utilizam-se como derivativos intestinais nos cardíacos e nos urêmicos. Provocam uma reação salutar na apoplexia e na congestão cerebral. Usam-se contra as lombrigas com resultados muito bons. Tomam-se em jejum, de 15 a 20 bagas, segundo a idade do paciente.

Botânica oculta: Quente e seco. Planta consagrada a Saturno. Emblema da inveja. Foi utilizado para confeccionar a coroa de espinhos de Nosso Senhor Jesus Cristo. Em certos ritos simboliza a virgindade, o pecado, a humilhação. Seus ramos, com seus frutos (bagas), colados às portas e janelas de uma casa, neutralizam os esforços dos bruxos e impedem a entrada dos maus espíritos. Signo zodiacal: Libra.

ESTRAMÔNIO (Datura stramonium). - Cresce em lugares não cultivados, em terrenos arenosos e entre escombros. Suas folhas são amargas e exalam um cheiro nauseabundo. Administra-se em várias formas, mas, em se tratando duma planta perigosíssima, aconselhamos que só se empreguem suas folhas dessecadas para fumá-las em cigarros contra a asma, pois é um remédio que sempre alivia, deixando as diversas aplicações que tem à disposição do médico.

Botânica oculta: Na Magia Negra se faz uso extraordinário desta solanácea. Por isso os franceses a chamam de "erva-do-diabo". Uma dose grande dela entra na composição da pomada dos bruxos, com a qual se untavam todo o corpo para assistir à festa sabática denominada Conciliábulo. Planeta: Saturno.

FAIA (Fagus sylvatica). — Desta árvore se aproveita a casca. É aperitiva e antifebrífuga. Emprega-se em decocto numa dose de 30 gramas de casca seca ou 15 de fresca, com 200 gramas de água, administrando-a uma hora antes do acesso. Em dose maior, é purgante e vomitiva.

Botânica oculta: O talo, reduzido a pó, serve de perfume para atrair as influências saturninas. Planetas: Júpiter e Saturno.

FAVA (Faba vulgaris). — A decocção de favas é boa contra o mal-de-pedra. O emplasto feito com sua farinha resolve os tumores das partes sexuais. A farinha de favas é excelente contra as queimaduras de sol e os escaldamentos produzidos por água fervendo. Por isso se esfrega a parte doente durante dez ou mais minutos e logo se aplica uma compressa da

própria farinha.

Botânica oculta: Suas flores levam a marca dos infernos, segundo a escola de Pitágoras. As favas, colhidas em fins de outubro, estão sob os auspícios de Escorpião com Mercúrio. O fruto é de Saturno e da Lua.

FETO MACHO (Polystichum fílix mas). Desta planta se emprega o rizoma, que é dulcíssimo, nauseabundo, algo adstringente. Tem sido apregoado como o melhor expulsor de tênia ou solitária; contudo, se sempre expulsa a tênia oriunda da carne de boi, algumas vezes falha em se tratando de tênia originária da carne de porco. A preparação mais usada é a tintura etérea concentrada, mas pode ser empregada também em pó embora seus resultados não sejam sempre tão eficazes. Por isso deverão ser tomadas em jejum, de uma só vez, 10 gramas de pó de feto macho diluído em 125 gramas de água. Transcorrida uma hora, toma-se um purgante. A dose para crianças é de 50 centigramas para cada ano de idade. Num tratado de medicina do século XVI lemos o seguinte: A raiz em pó é boa contra a solitária; cozida em vinho, abre as obstruções do baço, cura a melancolia, provoca as regras e evita a concepção.

Botânica oculta: Esta planta simboliza a humildade. Tem abundantes aplicações na Magia Negra. Destrói os pesadelos, afasta o raio e atua contra os feitiços. No livro Traité des Superstitions, do erudito J. B. Thiers, se fala extensamente desta planta. É obra que data do século XVII. Dela transcreveremos somente aquilo que faz referência ao enfeiti-çamento do feto colhido na noite de vésperas de São João. Reza o seguinte: "Na véspera de São João, ao dar os primeiros toques das doze horas, colocareis uma toalha nova de linho ou cânhamo, ainda não servida, debaixo dum arbusto de feto que de antemão já deveis ter escolhido e benzido em "Nome do P+ai, em Nome do Fi+lho e em Nome do Espí-rito+Santo, Amém", para que o demônio não levante obstáculos contra vossa empresa. Ao começar o trabalho, traçareis um círculo mágico ao redor da planta, colocando-se dentro dele as pessoas que tomem parte na cerimônia, cujo número há de ser de uma ou três. Uma vez dentro de dito círculo, deve-se recitar a ladainha dos anjos, em voz alta, a fim de obrigar o demónio a retirar-se, o qual, apesar disso, pretenderá assustar os oficiantes para que não consigam seu propósito; mas, ao ouvir a ladainha, ipso facto, as entidades infernais se retirarão daquele lugar. Terminada a ladainha angélica, recolher-se-á a semente e se procederá, com toda equidade, à sua repartição, procurando que não surjam disputas nem se origine descontentamento pois, se assim fosse, a semente do feto perderia grande parte de suas virtudes". Em seguida vem citada a ladainha dos anjos, por ordem hierárquica. As invocações sobem a setenta e duas. Enumeram-se em seguida as virtudes maravilhosas do feto, que são muitíssimas, das quais citamos algumas: "Toda pessoa que tiver esta semente, se com ela tocar outra pessoa com o propósito de causar-lhe algum mal, ou se tocar com ela alguma mulher para satisfazer com ela qualquer desejo luxurioso, pecará mortalmente. A semente tem a virtude contra todo espírito maligno que se tenha apossado duma pessoa (homem, mulher ou criança) para o que basta tocá-la com dita semente, concentrando toda vontade em querer curá-la. Tocando com ela com fé inquebrantável uma pessoa que se ache doente ou desconsolada, esta sarará e encontrará o consolo necessário. Tantas são as virtudes que esta semente tem, que só mesmo a pessoa que a possui é que pode informar a respeito". Em seu Dictionnaire Infernal Collin de Plancy diz: "Ninguém ignora os meios diabólicos de que os bruxos se valem para obter os grãos de feto. No dia vinte e três de junho, véspera de São João Batista, depois de haver

jejuado durante quarenta dias, colhem nesta noite os grãos desta erva, que não tem tronco nem flor e que renasce da própria raiz; o espírito maligno zomba destes miseráveis bruxos, aparecendo-lhes durante a noite, em meio a uma tempestade violenta, sob uma forma horrível para amedrontá-los mais". O autor continua, explicando o modo de conseguir a maravilhosa semente, cujo modus operandi pouco varia daquilo que já conhecemos. Planeta: Saturno. Signo zodiacal: Sagitário.

FIGUEIRA (Ficus carica). — Desta árvore usam-se os frutos e a casca verde. Os figos secos são emolientes e peitorais. Curam os calos, bastando para isto ficar com um aberto durante dias. Aplicados sobre os tumores da boca, abranda-os e resolve. A casca fresca detém as hemorragias nasais. Por isso é preciso cortá-la e a massa resultante se aplica nas fossas doentes.

Botânica oculta: Com as folhas desta árvore se coroava Saturno e entre os romanos era uma árvore sagrada. Os gregos a dedicaram a Mercúrio; os espartanos, a Baco. Na índia era consagrada a Vishnu. Um ramo de figueira colhido sob o aspecto planetário conveniente acalma a fúria dos touros. A sicomancia constituía uma adivinhação com as folhas da figueira. Escrevia-se a pergunta numa folha e, de acordo com o tempo que levava para secar, concluía-se o vaticínio. O fruto branco pertence a Júpiter e Vênus. O fruto negro, a Saturno. Signo zodiacal: Aquário.

FUNCHO (Foeniculum vulgare). ~ Suas propriedades medicinais são muito parecidas às do anis; os frutos do funcho e as pontas exalam um cheiro agradável; são carminativos e muito úteis na atonia digestiva, acompanhada de histerismo e hipondria, e são indicados também para as cólicas nervosas das crianças. Estes frutos constituem um dos melhores medicamentos para aumentar a secreção do leite. As folhas se empregam tanto exterior como interiormente como resolutivos; a raiz se usa como diurética e sua casca, como aperitivo. Infusão: Em meio litro d'água, ferver 10 gramas de material. Tapar, deixar esfriar e coar. Dose: De quatro a cinco calicezinhos por dia. Botânica oculta: Quente e úmido. Signos zodiacais: Peixes ou Aquário.

GATUNHA (Ononis campestris). — Conhecida com o nome de unhas-de-gato, em virtude dos espinhos desta erva, que arranham como as unhas do animal. É aperitiva e possui qualidades estomacais. Usam-se as raízes em decocto. Em meio litro d'água, ferver 15 gramas de material esfarelado. Botânica oculta: Colhida sob a conjunção de Marte e Júpiter, esta erva constitui um poderoso talismã contra os acidentes infelizes e também contra as ciladas de toda espécie, contra os ladrões, evita as rixas, etc. Planetas: Marte e Júpiter.

GENCIANA (Gentiana lutea). — Emprega-se para combater o artritismo, a clorose, a debilidade do estômago, as escrófulas, as febres intermitentes, a gota e para expulsar as lombrigas intestinais. Usa-se em infusão, em tintura ou em vinho, segundo a doença que se tem que combater. Contra as febres intermitentes, a infusão é a seguinte: Em meio litro d'água, ferver três gramas de raiz esfarelada. Dose: Quatro xicarazinhas por dia. Contra o artritismo, a gota e as lombrigas, usa-se a tintura. Tintura: Durante vinte dias, deixar amolecer 20 gramas de raiz esfarelada em 100 gramas de álcool a 90 graus. Dose: de 3 a 9 gramas, em três vezes, com vinho generoso. Contra as escrófulas, a clorose e a debilidade do estômago, emprega-se o seguinte vinho: Durante uns dias, deixar amolecer 30 gramas de genciana esfarelada em 650 gramas de álcool a 90P; acrescentar, depois, um litro de um bom

vinho generoso e ao término de quinze dias filtrar. Dose: Três calicezinhos por dia, antes das refeições principais.

Botânica oculta: Quente e seca. A espécie que cresce nas montanhas era utilizada pelos antigos Rosa-Cruzes, em suas cerimonias. É dedicada a São Pedro. Planeta: Sol. Signo zodiacal: Leão.

GIRASSOL (do grego: Hélios/Sol e írópo/girar). — Botânica oculta: Conforme seu nome indica, esta flor se vira para seguir o curso do sol. É consagrada a Apoio e constitui uma das doze plantas mágicas da antiga Fraternidade Rosa-Cruz. Se magnetizarmos uma sonâmbula e lhe entregarmos uma flor de girassol com uma boa parte do seu caule, a sonâmbula adquirirá uma extraordinária visão orgânica interna (metagnose) que lhe permitirá fazer revelações tão surpreendentes como verídicas. Além disso, possuirá uma faculdade especial para a interpretação dos sonhos (onirocrítica). Planeta:Sol. Signo zodiacal: Leão.

HELÉBORO NEGRO (Helleborus niger). - Conhecido com os nomes de erva-de-Natal, erva-do-infemo e rosa-do-fogo. É um purgante violento, sendo, além disso, vermífugo e emenagogo. Seu emprego terapêutico é perigoso, pelo que o leigo não deve fazer uso dele.

Botânica oculta: O Heléboro negro é uma das plantas mais usadas pelos bruxos. Sua raiz, colhida na hora de Saturno, é lançada sobre brasas vivas, quando se evocam entidades infernais. Pendurado no pescoço duma criança, um pedaço de sua raiz preserva-a do feitiço chamado mau-olhado. Se estiver com mau-olhado, o sortilégio desaparecerá de pronto (Agrippa). Além do heléboro negro existe o heléboro verde e o heléboro branco, cujas propriedades não julgamos oportuno nem útil detalhar.

HISSOPO (Hyssopus officinalis). — Desta planta aromática, usam-se as folhas e as pontas. Devido às suas propriedades estomacais, é indicada para combater a debilidade digestiva e a gastralgia. Presta um grande serviço nas cólicas flatulen-tas. Por sua propriedade estimulante, usa-se para despertar o apetite. Visto que é anticatarral e expectorante, dá excelentes resultados nos catarros crônicos dos pulmões. Emprega-se em gargarejos para curar as anginas. Seu uso é muito conhecido na facilitação dos partos. Em loções se emprega para curar os golpes, as feridas, as contusões. Sua infusão se prepara da seguinte maneira: Em meio litro d'água ferver 8 gramas de folhas e pontas. Dose: Vários cálices por dia, pois seu uso não oferece perigo. Sol e Leão.

INCENSO (Incensum). — Goma-resina que se extrai do luniperus thurifera e que chega da África em forma de lágrimas ou grãos de diversos tamanhos. No comércio é conhecido com o nome de incenso macho, aquele que emana diretamente da árvore. O que é extraído artificialmente leva o nome de incenso fêmea. O primeiro é o mais apreciado, chamado também olíbano. Em terapêutica se usa exteriormente, em pó, que se aplica sobre as úlceras malignas. Com ele se fazem também emplastos para corrigir os entorses e contra toda espécie de golpes. Emprega-se igualmente em defumações, dirigindo suas emanações para os membros afetados de reumatismo. As fumigações podem ser substituídas por panos de flanela bem perfumados e aplicados quentes.

Botânica oculta: Segundo a mitologia, Leucotoe, filha de Arcano e de Eurínoma, entregou-se ao seu amado Apoio. O pai da filha, ao tomar conhecimento do fato, enfureceu-se e enterrou-a viva. Então o deus Sol, para honrá-la, converteu-a em uma arvorezinha que dava o incenso; e foi este o perfume que todos os templos adotaram em suas festas religiosas. Por

conseguinte, esta essência tem sido usada já na antiguidade mais remota para a purificação do ambiente dos templos e para o culto divino. Em nossos dias conserva ainda os mesmos usos; mas vem sendo melhorado, misturando-o com benjoim, almíscar, estoraque, âmbar e outras drogas solares. Com tudo isto se forma um perfume mágico, quando seu pó é lançado sobre brasas vivas. Eis as doses que entram na preparação do incenso empregado no ritual cristão: 7 partes de incenso macho; 3 partes de estoraque; 3 partes de benjoim; 2 partes de sementes de zimbro. Reduz-se a pó, mistura-se e passa-se por um tamis. Esta preparação se emprega também nas evocações teúrgicas. Recomendamo-lo na celebração das sessões espíritas, principalmente quando se trata de comunicações com os seres do Além. Planetas: Sol e Júpiter. Signo zodiacal: Leão.

IPECACUANHA (Cephaelis ipecacuanha). — Desta planta se utiliza unicamente a raiz. Determina hipersecreção das glândulas do aparelho digestivo e provoca o vomito depois de molestas náuseas e abundante salivação, deixando em seguida uma depressão passageira. Administra-se como vomitivo em pó e a dose é de 1,50 gramas em papéis de 50 centigramas, tomando-os cada quarto de hora com água morna. É muito útil na indigestão gástrica e no princípio de um envenenamento. Fluidifica a expectoração na bronquite capilar e a pneumonia com acumulação de exsuda-ção. É um excelente remédio contra a disenteria aguda. "Decocto por curta ebulição e infusão consecutiva durante doze horas de 2 a 6 gramas de ipecacuanha em 300 gramas de água. O mesmo sedimento pode servir três dias seguidos. Toma-se o líquido em três vezes durante o dia" (Arnozán). Planetas: Lua e Sol.

ÍRIDE (íris, Iride). — Ignoramos se possui aplicações terapêuticas.

Botânica oculta: Suas flores, como o arco-íris, simbolizam a paz. Colhidas na hora de Vênus, têm uma virtude muito notável. Se, durante o sono de um menino ou menina virgens, se coloca debaixo do travesseiro um raminho destas flores, terão sonhos proféticos, com uma certeza tal que suas indicações podem ser tomadas ao pé da letra. Vênus em Libra.

JACINTO (Hyacinthus orientalis). — Não se usa em medicina. Contudo, num livro célebre de segredos, do século XVI, intitulado Secreti di Don Alessio Piamontesen, novamente stampati, lemos que "o suco da raiz do jacinto impede o desenvolvimento do sistema piloso e retarda a puberdade". Diz, ainda, que "a raiz, fervida, cura os turnores dos testículos". Para obter jacintos no inverno: De setembro a novembro se enchem uma garrafa com água que deve ser do tamanho dos bulbos da planta. Dispõem-se estes bulbos de tal modo que a coroa, ou seja o ponto por onde saem as raízes, toque o nível da água, a qual será renovada de vinte em vinte dias, jogando dentro um pouco de sal amoníaco a fim de que não se corrompa. Este cultivo proporciona um agradável entretenimento, pois os jacintos, ostentando a beleza de suas flores durante o inverno, quando não existem nos jardins, constituem uma agradável surpresa para quem ignora a maneira de obtê-los. O cultivo se reduz ao que foi dito e ao proporcionar-lhes luz e ar de vez em quando. Planetas: Sol e Vênus.

JUNÍPERO (Juniperus communis). — As bagas deste arbusto são excelentes diuréticos. Por isso são recomendáveis contra os cálculos renais e na hidropisia. Igualmente anti-catarrais e modificadoras das secreções no catarro da bexiga e na blenorragia. São de resultados eficazes no combate à asma e à bronquite e é muito conhecido seu uso contra os cálculos do fígado. Em doses muito elevadas, irrita as vias urinárias. Emprega-se em infusão.

Em meio litro d'água ferver 10 gramas de bagas moídas. Dose: quatro chicarazi-nhas por dia. Com a essência do fruto se combate o reumatismo crônico. Estas bagas empregam-se também na fabricação do licor chamado "genebra", jogadas sobre brasas vivas, purificam o quarto de um doente.

Botânica oculta: Um ramo deste arbusto afugenta as cobras, pois traz consigo e de vários modos o signo exotérico da Trindade. Queimado com incenso, seu grão não só purifica o ambiente de miasmas como afasta as entidades maléficas do plano astral e cura os possessos. Planeta: Vênus. Signo zodiacal: Gêmeos.

KOUSO (Brayera anthelmintica). - Esta árvore, chamada Kouso ou Kousa, cresce na Abissínia. Utilizam-se suas inflorescências femininas, dessecadas e pulverizadas. Estas flores são purgantes, mas sua propriedade mais notável é a de expulsar a tênia. A melhor maneira de empregá-la é pelo sistema de infusão, que se obtém do seguinte modo: Em 250 gramas de água, ferver 20 gramas de material reduzido a pó. Em seguida deixar amornar e toma-se toda a mistura. Se ao término duma hora o medicamento não produziu efeito, tomar-se-á um purgante. O óleo de rícino é o mais indicado.

Botânica oculta: Árvore sagrada dos hindus. Indispensável em todos os atos da vida religiosa e ascética. Tem propriedades magnéticas poderosas e é um veículo universal. Secas e pulverizadas e lançadas sobre brasas vivas, suas flores desprendem emanações que ajudam eficazmente o desenvolvimento das forças psíquicas e facilitam enorme-mente o aperfeiçoamento mediúnico. Planeta: Sol.

LÍRIO (Lilium Chrynostates). — Segundo a medicina antiga "o pólen desta flor é bom para curar as queimaduras. Sua água destilada(?) alivia as dores do parto e cura os males da vista. Fervidos com migalhas de pão, os bulbos fazem amadurar e supurar os abscessos em breve tempo. A mulher que comer dois pedacinhos da raiz desta planta soltará sem dor o feto morto que tenha em suas entranhas. A ponta da raiz, misturada com manteiga rançosa, cura a lepra".

Botânica oculta: O lírio é o símbolo da castidade. Gabriel leva-o em sua mensagem a Maria. Esta flor é a imagem da Criação universal, da Preformação, da Ação do Fogo Primitivo sobre a Mãe Água. Na Idade Média acreditava-se que o pólen desta flor, dissolvido num vaso de água ou vinho, fazia com que urinasse abundantemente a moça que o bebesse, se esta não fosse casta. Dependurada ao pescoço, a raiz reconcilia os amantes que tenham rompido suas relações. Deve ser colhida quando a Lua ou Vênus estejam sob Áries ou Libra. Com esta planta se fabrica um perfume mágico muito conveniente para queimar no recinto onde se realizam experiências teúrgicas ou se esperam manifestações astrais. Frio e seco. Júpiter, Vênus, Lua em Áries ou Touro.

LOTO (Lotus e do grego lotos). - Sob o ponto de vista religioso, tem o mesmo significado que o lírio**.** Bhodisat apresenta-o a Maya. Planta do Sol. H. P. Blavatsky, em seu Glossário Teosófico, escreve o seguinte: "Planta de qualidades sumamente ocultas, sagrada no Egito, na índia e em outras partes. Chamam-na o 'Filho do Universo que leva em seu seio a semelhança de sua Mãe' ". Tempos houve em que "o mundo era um loto (Padma) de ouro" — diz a alegoria. Uma grande variedade destas plantas, desde o majestoso loto da índia até o loto dos pântanos (trevo de pé de ave) e o Dioscórides grego, é usada como alimento, em Creta e em outras ilhas. É uma espécie de Nymphoea, trazida da índia para o Egito, onde não era uma planta nativa. Os egípcios viram no loto um símbolo do renascimento do Sol e da

Ressurreição. Por isso o colocam sobre a cabeça de Nowé Toum. Hórus é representado saindo do cálice desta flor. Signo planetário: Sol. Signo zodiacal: Leão.

LOUREIRO-CEREJEIRA (Prunus laurus cerasus). - A terapêutica utiliza somente as folhas desta árvore. Seu princípio atívo é o ácido cianídrico, veneno fortíssimo, pelo que o leigo deve abster-se do seu uso em matéria medicinal.

Botânica oculta: O loreiro-cerejeira é um dos vegetais que mais se empregam nos trabalhos de feitiçaria. A título informativo, vejamos um dos muitos feitiços que os bruxos realizam para prejudicar uma pessoa. Tomam uma frigideira de pequeno tamanho, enchem-na até em cima com azeite de oliveira; na hora de Saturno colhem três raminhos de loureiro-cerejeira e os colocam sobre a superfície do líquido, formando uma cruz. Por fim pronunciam, com o coração inflado de ódio, a imprecação maldita e esperam com a convicção mais absoluta que os efeitos de seu crime não tardem manifestar-se. E infelizmente é o que acontece. Planetas: Saturno e Lua.

LOUREIRO-COMUM (Laurus nobilis). - A denominação latina de "Laurus nobilis" indica a diferença que existe entre este e o anterior. As propriedades do loureiro comum são carminativas, digestivas, estomacais e nervinas. Empregam-se as folhas em infusão. Ferver 10 gramas de folhas em meio litro de água e deixar esfriar. Dose: Quatro ou cinco cálices diários, distribuídos convenientemente. Esta infusão se emprega, também, em injeções vaginais contra a relaxação dos órgãos sexuais e em banhos por todo o corpo para combater a debilidade geral das crianças. De um livro antigo de medicina copiamos o seguinte: "As folhas frescas de loureiro, trituradas, são excelentes contra as mordidas de animais venenosos. O suco de suas folhas, tomado em doses de 3 ou 4 gotas, em água, provoca a menstruação, corrige os desarranjos do estômago, diminui a surdez, cura a dor de ouvidos e tira as manchas do rosto". Botânica oculta: Árvore consagrada a Apoio. A dafnoman-cia é uma das diversas formas de magia adivinhatória, muito usada na antiguidade. O material empregado nesta cerimonia eram os ramos de loureiro, com o qual se coroavam os adivinhos. Praticava-se de duas maneiras. Uma consistia em lançar ao fogo um ramo seco e, pela faiscação, pela cintilação e pelo humo produzidos durante a queima, faziam-se os presságios. Estes eram incertos quando o raminho se consumia sem fazer nenhum ruído, mas se vaticinava com toda certeza quando faiscava ruidosamente e as chispas eram abundantes e se obtinha uma finíssima fumarada. Além disso, tudo isto constituía um bom augúrio. A outra maneira de predizer consistia em mastigar umas folhas novas de loureiro; o augure fechava os olhos e começava o trabalho de concentração mental; depois de um certo tempo, mais ou menos prolongado, dava a resposta à consulta que lhe havia sido feita. Esta última forma de adivinhação era a que praticavam as pitonisas, as sibilas e os sacerdotes de Apoio e por isso eram chamados dafnéfagos, isto é, comedores de loureiro. Quente e seco. Sol em Leão ou Lua em Peixes.

LÚPULO (Humulus lupulus). — Esta planta tem propriedades amargas, sedativas e anafrodisíacas. Favorece a digestão nos casos de dispepsia e abranda as dores do câncer do estômago. É indicado contra a escrófula e o linfatismo. Remédio excelente no combate à insônia nervosa e às polu-ções noturnas. Além disso, muito útil na convalescença, no escorbuto, nos infartos do fígado e do baço, nos catarros e nas enxaquecas. Ministra-se em infusão na dose de 15 gramas por litro. Aplica-se externamente, em tintura, numa dose de 2 a

4 gramas, como calmante nas úlceras cancerosas. Em dose curta, o lúpulo aumenta o apetite. A raiz é um enérgico depurativo do sangue. Para combater o erotismo genital e curar a espermatorréia se prescreve o lupulino. É assim que se chama o pó que a planta contém em seus conos. Estes conos são colhidos em fins de agosto, submetidos a uma dessecação que não altera seu aroma nem seu sabor e empregam-se na fabricação da cerveja. Planetas: Saturno e Lua.

MACELA (Anthemis nobilis). — Chamada macela-romana e também camomila. A parte que se utiliza são suas flores ou cabecinhas. Suas principais qualidades são tônicas, antiespasmódicas e anti-histéricas. Empregam-se nos cortes de digestão e nas cólicas espasmódicas e ventosas. Acalma o histerismo e a excitação das pessoas facilmente excitáveis. Infusão: Cabecinhas, 5 gramas, 500 gramas de água. Botânica oculta: Ligeiramente quente e úmida. Planeta: Sol. Signo do zodíaco: Libra.

MACIEIRA (Pyrus malus). — A casca da raiz fresca da macieira, numa dose de 60 gramas para 200 gramas de água, corta os acessos da febre, principalmente se seu emprego for precedido de um ligeiro vômito seguido dum purgante. No exterior, se usa a polpa do fruto assado, em cataplasmas, para combater os molestos tercogos. Para isso, a maçã camoesa é a melhor.

Botânica oculta: Árvore consagrada a Ceres. No célebre tratado de onirocrítica, de Artemídoro de Daldia, intulado De Somniorum interpretatione, dedica um amplo espaço aos sonhos relacionados com a macieira e seus frutos. "A maçã representa o ofício do homem, sua profissão, seu emprego, etc. Sonha-se comer maçãs doces, um artista: a glória lhe sorrirá muito em breve; um comerciante: realizará grandes negócios; um namorado: será feliz em seu amor; um militar: alcançará grandes honras. E assim, neste sentido, pode-se compilar os demais casos. Se a pessoa sonha que está comendo maçãs verdes, a predição demorará mais a realizar-se. Se estão azedas, os presságios serão adversos[10]. Frio e ligeiramente seco. O talo é de Escorpião. As folhas são de Gêmeos e Virgem. O fruto é de Vênus.

MANDRÁGORA (Panax quinquefolium). — Pouco usada em medicina; em compensação, desempenha um papel muito importante nas artes mágicas.

Botânica oculta: Os hebreus conheciam esta planta sob o nome de Jabora. Faz parte da composição do unguento dos bruxos para assistir ao Conciliábulo. A raiz é um poderoso condensador das forças astrais. Os bruxos chineses empregam esta planta, que chamam de Gig-Seng, para provocar a loucura ou causar terríveis sofrimentos. Para isto devem colher a planta sob determinada influência astroló-gica e manipulá-la segundo um rito maléfico. Os seguintes dados foram extraídos do Glossário Teosófico de H. P. Blavatsky: A raiz desta planta tem forma humana. Em ocultismo é utilizada pelos magos negros para vários fins perversos e alguns ocultistas "com a mão esquerda" fazem homúnculos com ela. Segundo crença vulgar, lança gritos quando é arrancada da terra. Desde os tempos mais remotos tem sido a planta mágica por excelência. Suas raízes aparentemente não têm talo e de sua cabeça brotam grandes folhas como uma gigantesca madeixa de cabelos. As que se encontram na Espanha, Itália, Ásia Menor ou Síria pouca semelhança apresentam com o homem; mas, nas ilhas de Cândia e Caramânia, perto da cidade de Adan, têm uma forma humana que assombra e são apreciadíssimas como amuletos. Carregam-na também as mulheres à guisa de amuleto

contra a esterilidade e outros fins diversos. São especialmente eficazes na Magia Negra. Os antigos germanos veneravam como deuses penates uns ídolos disformes fabricados com a raiz da Mandrágora donde o seu nome de alrunes, derivado do termo alemão Alraune (Mandrágoras). Aqueles que possuíam uma de tais figuras consideravam-se felizes, visto que elas velavam constantemente pela casa e seus moradores. Igualmente, com ditas figurinhas, vaticinavam o futuro, emitindo certos sons ou palavras. O possuidor duma Mandrágora obtinha, além disto, por sua influência, vultosos bens e riquezas. Do Dictionnaire Infernal traduzimos o seguinte, de Collin de Plancy: "Mandrágoras: Demônios familiares. Aparecem sob a forma de homens pequeninos, sem barba e com os cabelos emaranhados. Os antigos atribuíam maravilhosas virtudes à planta chamada Mandrágora, tais como a de fecundar as mulheres estéreis e a de atrair toda sorte de venturas. As mais prodigiosas destas raízes eram as que tinham sido borrifadas com a urina de um enforcado, mas não podiam ser arrancadas sem morrer e, para evitar esta desgraça, inundavam a terra ao redor da raiz, atavam a ponta de uma corda de cânhamo nela e a outra ponta no pescoço dum cachorro preto, no qual aplicavam uns bons golpes de látego para que, ao fugir, arrancasse a raiz. O pobre animal morria nesta operação; enquanto isto, o feliz mortal que possuía a raiz era dono de um poderoso talismã, um tesouro inestimável, embora com isto não conseguisse tudo". Planeta: Saturno. Signo zodiacal: Capricórnio.

MARROIO-BRANCO (Marrubium vulgare). -Tem propriedades estimulantes e reconstituintes. Além disso, é laxante, diaforético e um bom tônico digestivo. Dá resultados muito bons nas afecções respiratórias, na tosse rebelde e na tuberculose. Aplica-se contra o histerismo, a clorose, as calentu-ras e para ajudar os partos. Seu uso prolongado combate a obesidade. Administra-se em infusão. Em meio litro d'água, ferver 10 gramas de material triturado; deixar esfriar e coar. O suco desta planta, aplicado em unturas, detém a queda dos cabelos. Botânica oculta: Colhe-se sob o signo zodiacal de Virgem.

MEIMENDRO NEGRO (Hyosciamus niger). - Quente e seco. Tem muitos usos em medicina, mas só anotaremos uns poucos, por ser uma planta algo perigosa, razão porque somente os médicos devem usá-la. Vejamos um azeite excelente para a cura do reumatismo articular e das neuralgias: Pôr em banho-maria 25 gramas de folhas novas de meimen-dro negro num litro de um bom azeite de oliveira e deixar até que se evapore a água de vegetação do material. Aplicar sobre a parte doente, cobrindo-a com um lenço de lã, preso com uma ligadura. As sementes desta planta se usam em defumações para acalmar a dor de dentes e curar as frieiras. O cheiro do meimendro negro, respirado por algum tempo, produz um profundo entorpecimento. Botânica oculta: O humo de suas sementes colhidas e queimadas na hora de Saturno provoca rixas, discussões violentas. Bruxos malvados se aproveitam das propriedades maléficas do meimendro negro para produzir a loucura e, às vezes, a morte, atuando à distância e com toda a impunidade. Esta planta faz parte da pomada com que as bruxas se untavam para assistir ao conciliábulo. Esta receita infernal é melhor que permaneça ignorada. Tem sido publicada unicamente no livro Pactum, hoje em dia felizmente muito raro.

MELISSA (Melissa officinalis). — Conhecida sob o nome de erva-cidreira. Emprega-se contra o histerismo e a hipocondria; nos estados espasmódicos, desfalecimentos, vertigens, enxaquecas e na atonia estomacal. Seu uso mais corrente se dá por infusão. Em meio litro

d'água ferver cinco gramas da planta, esfarelada. Dose: Um cálice cada hora ou mais, segundo os casos. Emprega-se em loções para curar a fraqueza da vista; produz excelentes efeitos em chagas e feridas. Botânica oculta: As sibilas dos templos de Cumas, de Delfos, da Eritréia, da Líbia e de outros lugares se serviam, para despertar sua inspiração, de uma beberagem dinâmica na qual entrava a melissa em sua maior parte. Segundo uma antiga tradição, se pendurarmos um raminho inteiro no pescoço de um boi, o animal seguirá obedientemente por todas as partes onde tiver sido colocada. Planetas: Sol e Júpiter.

MERCURIAL (Mercurialis annua). — Emprega-se a planta fresca. É laxante e, em grandes doses, purgativa. Além disso, bom diurético recomendado na hidropisia. Aconselha-se também nas lombrigas intestinais e nas hemorróidas incipientes. Detém a secreção do leite das lactantes. As pessoas de estômago delicado deveriam abster-se do uso desta planta. Emprega-se o sumo: de 10 a 20 gramas. Dose: Como laxantes, de 5 a 10 gramas, pela manhã, em jejum. Para as demais afecções, de 3 a 4 gramas diárias, diluídas em água açucarada e distribuídas em três tomadas. Em clisteres: 125 gramas de mercurial. Água fervendo, 1 000 gramas. Depois de repousar duas horas, acrescentar 1 000 gramas de mel branco.

Botânica oculta: Fria e úmida. Seu suco, em decocção, facilita a concepção dum filho, se a mulher, durante cinco dias, empregou a planta macho; ou de uma filha, se utilizou planta fêmea. Planeta: Lua. Signo zodiacal: Virgem.

MIL-FOLHAS (Achillea Millefolium). - A raiz tem um cheiro alcanforado; administra-se em infusão com 20 gramas por litro d'água, preparando-a no momento de ser ministrada, pois se altera com o contato com o ar. As folhas e flores são adstringentes; úteis nas hemorróidas, hemorragias uterinas e nas hemoptises. As folhas, em decocto, aplicam-se exteriormente para cicatrizar as feridas. Planetas: Sol e Lua. Signo zodiacal: Câncer.

MIRRA (Myrrha Commyfora abissynica). — Em terapêutica, tem um campo muito reduzido. Usa-se geralmente em pó, que se aplica sobre as úlceras cancerosas e, em defumação, para desinfetar o quarto de um doente. Botânica oculta: Esta resina fragrante, diz a Mitologia, foi produzida pelas lágrimas da deusa Mirra, que se uniu incestuosamente com seu pai e concebeu o gentil Adônis. Segundo Van Helmot, a mirra diluída em álcool e tomada em determinadas doses, prolonga a vida e evita uma infinidade de doenças. Usa-se extraordinariamente a mirra em diversos trabalhos tanto teúrgicos como goéticos. A seguinte composição é a dum excelente perfume mágico, muito recomendável durante a execução de qualquer trabalho de alta magia: 150 gramas de mirra; 100 gramas.de estoraque; 100 gramas de benjoim; 100 gramas de incenso; 50 gramas de cascarilha. Queima-se sobre um pequeno vaso metálico, borrifando a composição com álcool de 90 graus. Planeta: Vênus.

MORANGUEIRO (Fragaria vesca). - Planta que produz uma fruta doce e fragrante, de todos conhecida, o morango. Desta planta aproveitam-se em terapêutica os frutos e as raízes. O xarope de morango é empregado como refrescante e é indicado contra a icterícia e o mal-de-pedra. Para combater as disenterias, diarréias, hemorragias e gonorréias, que não apresentem caracteres graves, emprega-se um decocto de raízes desta planta. Em meio litro d'água, ferver 20 gramas de ditas raízes.

Botânica oculta: Com as folhas do morangueiro fazem-se uns cinturões que preservam das picadas das cobras. Planeta: Júpiter. Signo zodiacal: Peixes.

MURTA (Myrtus communis). — Recomenda-se para cicatrizar contusões e chagas. Aplicada externamente, usa-se em pó ou decocto. Isto se verifica da seguinte maneira: Em meio litro de água, ferver 10 gramas de folhas e frutos de murta, durante quinze minutos. Aplicam-se sobre o mal compressas de algodão, bem ensopado no líquido. Os vapores de sua infusão, aspirados pela boca, curam a enxaqueca. Dessecado, pulverizado e confeitado com clara de ovo, o fruto detém os vômitos, quando colocado em forma de emplasto sobre o estômago.

Botânica oculta: A murta foi consagrada a Vênus e aos deuses penates. É o emblema da compaixão. Os galhos, folhas e frutos desta planta, quando completamente secos, esfarelam-se e se misturam com ramos de cipreste, igualmente secos; queimam-se num braseiro e, ao produzir-se a chama, joga-se sobre uma pequena quantidade de incenso macho. Obtêm-se assim uns perfumes mágicos de grande valor para atrair as entidades do astral. Emprega-se a murta em diversos trabalhos de magia erótica. Fria e seca. Planeta: Vênus. Signo zodiacal: Touro.

MUSGO (Fucus purpureus). — Emprega-se contra as lombrigas das crianças. Administra-se em pó, na dose de 1 a 2 gramas, antes dos 3 anos; de 2 a 5 gramas, depois dos cinco anos. Pode ser também administrado em decocto em água ou leite, na dose de 5 a 15 gramas. Em decocção, detém a queda dos cabelos; reforça a dentadura e corta os fluxos de sangue. Planeta: Saturno.

NABO (Brassica napus). — Cozido debaixo de cinzas e aplicado atrás das orelhas, acalma a dor de dentes. Para acalmar a coceira das frieiras, apliquem-se cataplasmas de nabo descascado e cozido. Contra o catarro, a bronquite e a tosse ferina, emprega-se a raiz em decocção. Com esta raiz condimenta-se uma sopa excelente para as pessoas que sofrem inflamação dos intestinos. Planeta: Lua. Signo zodiacal: Capricórnio.

NARCISO (Narcissus pseudonarcissus). - Tem qualidades antiespasmódicas, adstringentes, eméticas e febrífugas. Emprega-se nas tosses nervosas e na coqueluche. Usado externamente, é um bom emenagogo. As flores dessecadas rapidamente conservam sua cor amarela; neste caso são antiespasmódicas e narcóticas. Conta-se o caso duma senhora de Valenciennes que padecia de grandes convulsões e que, ao deixar em seu quarto um grande número de flores de narciso, conseguir passar várias noites consecutivas sem o menor incomodo; e no dia seguinte depois de ter retirado as flores, os ataques se repetiram. Segundo os antigos, a água destilada de sua raiz aumenta consideravelmente a secreção de esperma. Em loção, endurece os seios. Botânica oculta: Frio e seco. Os antigos dedicaram a flor do narciso às Fúrias e a Plutão. Quem o leva consigo atrai a amizade das virgens. Planeta: Vênus. Signo zodiacal: Touro e Leão.

NOGUEIRA (Juglans regia). — As folhas frescas, em infusão, são um excelente remédio para combater as escrófulas e a icterícia. Obtém-se a infusão, fervendo-se 10 gramas de folhas em meio litro d'água. As injeções vaginais curam as flores brancas (leucorréia). Em loção, evita a queda dos cabelos. O cheiro das folhas atrai as pulgas. Planeta: Lua. Signo zodiacal: Sagitário.

OLIVEIRA (Olea europea). — A flor e o fruto (azeitona) acham-se somente nos talos que têm dois anos. Em terapêutica empregam-se as folhas e a casca. O azeite tem também

diversas aplicações. A infusão de folhas e casca de oliveira é excelente para lavar toda espécie de chagas. Para expulsar as lombrigas intestinais se tomará uma chávena diária, em jejum. Obtém-se a infusão, fervendo-se 10 gramas de material esfarelado, em meio litro d'água. Passadas as primeiras fervuras, deixar esfriar e coar. O azeite puro de oliveira é um laxante excelente. Com ele se cura a prisão de ventre mais rebelde, tomando-se, em jejum, uma colher do azeite, durante algum tempo. Do mesmo modo, os que padecem de cólicas hepáticas e de nefrite encontram um acentuado alívio neste singelo remédio. Além disso, o azeite puro de oliveira, misturado com gema de ovo e aplicado em queimaduras, acalma prontamente a dor.

Botânica oculta: Os antigos consagraram a oliveira à deusa Minerva. Um ramo de oliveira é o emblema da paz. O azeite é um condensador poderoso da luz; é de grande utilidade na medicina e se emprega em diversos trabalhos mágicos. Se for escrita a palavra ATHNA com tinta celeste[11] sobre uma folha de oliveira e se esta folha for atada à cabeça, desvanece-se toda espécie de inquietude, mau humor e idéias funestas. Planeta: Júpiter, Signo zodiacal: Peixes.

TANCHAGEM (Plantago major). — As folhas desta erva são adstringentes e de uso popular em gargarejos para curar as inflamações da boca e, em loção, as dos olhos. Além disso, atuam como um bom peitoral nos catarros dos brônquios. Aplicadas diretamente (bem trituradas), cicatrizam as úlceras e as feridas em geral. O decocto se prepara da seguinte maneira: Em meio litro d'água, durante vinte minutos se fervem 10 gramas de folhas trituradas. A raiz é boa contra enxaqueca. Tomada com vinho, é um contraveneno do ópio. Reduzida a pó impalpável e misturada com vinho, a semente atalha a disenteria.

Botânica oculta: Quente e algo úmido. A planta inteira, trazida junto, preserva de malefícios. Áries e Leão. Sol. Colhe-se quando o Sol e a Lua estão em Câncer ou então quando está em Peixes e a Lua em Câncer.

URUPÈ (Polyporus officinalis). — Gênero de fungos que nascem no tronco de várias árvores. É vermífugo, peitoral e emenagogo. Além disso é purgante que produz cólicas muito violentas. Desconhecemos suas propriedades mágicas. É quente, entre seco e úmido. Planeta: Lua.

Notes

[←1]

. Einsiedeln. (Nossa Senhora dos Eremitas.) Povoado da Suíça situado no fundo de um formoso vale. Nele são fabricados rosários e outros artigos religiosos. Existe ali uma célebre abadia de beneditinos, fundada no século IX, que muitos peregrinos visitam no dia 14 de setembro.

[←2]

. O termo "religioso" aqui empregado não se refere a nenhuma das religiões positivas, e sim ao reconhecimento espiritual da Verdade Divina.

[←3]

. O momento histórico é de suma importância para a justa apreciação deste descobrimento. É preciso estudar as condições do século XVI para apreciar em todo o seu valor as realizações de Paracelso, com o fim de se apreender sua alta moralidade, que despertou um ódio feroz em todos os homens de cará-ter mau, de baixos sentimentos e de mentalidade nada lúcida, e para compreender seu ânimo inalterável diante das rancorosas oposições de seus inimigos.

[←4]

. Franz Hartmann: Ciência Oculta da Medicina.

[←5]

. Um quartilho equivale a meio litro.

[←6]

. Confia-se a obra Clavículas de Salomão, escrita pelo Mago Bruno, na qual se acham as indicações pertinentes ao caso.

[←7]

. Edição Hemus, 1975.

[←8]

. Foi o que ocorreu com a Alquimia e não parece muito distante o dia em que acontecerá o mesmo com a Astrologia. A Rabdomancia, encarada com desdém há muitos séculos, tem sido aceita hoje em dia, sem reserva alguma, pela ciência moderna, que substituiu o nome antigo pelo de Rabdologia.

[←9]

. Rizoma:Talo horizontal e subterrâneo, como o do lírio comum.

[←10]

. *Têm os sonhos significado? Têm que ter, como todos os fenômenos e acontecimentos. Originam-se e manifestam-se por alguma razão e, obedecendo a uma causa, respondem a ela tão fatalmente como a queda dos corpos ou um feito qualquer.* Rafael Urbano.

No sonho o homem pode conhecer e receber sabedoria. Dormindo, podem ser previstas as coisas futuras. Santo Tomás, na Summa Theologica.

[←11]

. A forma desta tintura se encontra no Enchiridion Leonis Papae, etc. (Ver original, pág. 172).